



Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 58 – Série VII – N.º 767
8 de Setembro de 1988
Preço: 50\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. – Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 22 / 25 – Telex 18390 Composição e impressão – Heska Portuguesa Distribuição – CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º – 1000 Lisboa

Agravamento dos impostos

Nota da SIP do PCP

1.

Milhares de portugueses estão a receber os avisos para pagamento do Imposto Complementar.

Tal como o PCP e o seu Grupo Parlamentar afirmaram, os contribuintes estão a ser sujeitos a um agravamento significativo da carga fiscal, pois o Governo e a sua maioria na Assembleia da República votou contra qualquer actualização, proposta pelo PCP, quer dos escalões do imposto, quer da determinação da matéria colectável, facto que é ainda agravado pela derrapagem verificada na taxa de inflação.

2.

Os contribuintes poderão agora, na prática, ajuizar quem falava verdade: se o PCP, que afirmava que os portugueses iam ser sujeitos a um aumento da carga fiscal pelos agravamentos do Imposto Complementar, Imposto Profissional e do IVA, ou o Governo que proclamava, solenemente, nomeadamente através da televisão, que não haveria qualquer aumento.

3.

Os substanciais acréscimos no Imposto Complementar, pagos no essencial pelos trabalhadores, surgem no momento em que se verificam novas pressões inflacionistas e em que têm lugar as pesadas facturas dos bens escolares, e num quadro social de salários em atraso, de aumento do trabalho precário e de expansão das áreas de pobreza.

4.

Enquanto o Governo aumenta os impostos sobre os rendimentos do trabalho e restringe os subsídios a bens e produtos essenciais e de amplo consumo, no reverso da medalha, não só mantém os principais benefícios fiscais em contribuição industrial, como continua a não tributar os ganhos especulativos nas operações bolsistas.

5.

O PCP no quadro das suas responsabilidades políticas, sociais e institucionais, continuará a denunciar esta situação e tudo fará pela correcção das injustiças fiscais e melhoria do quadro social.

6.9.1988

A SIP DO PCP

CDU volta a ganhar em eleições intercalares PSD desce na votação

Págs. 4/5-Semana



CGTP marca Conferência Nacional

Pinochet sucede a Pinochet

Demagogia e repressão no Chile

Pág. 8-Semana

XII festa Abre amanhã! Três dias de fraternidade em Loures

como ir
como parquear
como voltar

☆ a política ☆ a arte

☆ a cultura ☆ o convívio

★ os espectáculos

★ o artesanato

★ os artistas

★ as exposições

★ o desporto

★ a solidariedade

★ o folclore

★ o comício

Uma concludente resposta

Setembro, segunda semana. Começou em força o regresso ao trabalho depois das férias — «rentrée», chamam-lhe apropriadamente os franceses...

Também de hábito a política costuma entrar em férias e Setembro é também o mês do regresso.

Entretanto, nem o trabalho físico, nem o trabalho intelectual, nem o trabalho político, paralisam durante a época estival. Também o processo de luta de massas, independentemente de outros factores de natureza objectiva e subjectiva, sofre naturais quebras mas não parou entre nós.

De qualquer maneira Setembro é de facto o mês do regresso à actividade do País. Os trabalhadores que tiveram a dita de gozar férias regressam aos locais de emprego, alunos e professores vão em breve reentrar nas aulas, os políticos reocupam os gabinetes.

E da política aqui nos ocupamos.

A Assembleia da República reabre dentro de dias para a nova sessão legislativa que se prevê agitada. No plano eleitoral, de assinalar no começo da semana novas significativas vitórias da CDU em eleições autárquicas.

Os ministros, secretários e subsecretários de Estado do governo cavaquista trasladam a campanha demagógica de «campo e praia» para as operações antipopulares de gabinete.

Para já decidiram leiloar para o capital estrangeiro as riquezas mineiras do País.

A reunião do Conselho de Concertação Social de terça-feira foi um expoente do «desconcerto» da política social do Governo PSD/Cavaco Silva.

Ponto em discussão o celebrado «acordo» de rendimentos dos 6,5% para os salários dos trabalhadores à luz de uma taxa inflacionista de ficção determinada pelo móbil da exploração de classes do ministro Cadilhe e não por uma previsão realista do aumento dos preços e da desvalorização efectiva do dinheiro.

Móbil de classe, que esteve também, como se sabe, no escândalo dos 27% a 36% de aumento dos vencimentos dos detentores de cargos políticos, votados unicamente na AR pelo partido do Governo — o PSD — no fim da anterior sessão legislativa.

Justamente a CGTP-IN — que não assinou o «acordo» dos 6,5% — denuncia a falsa base da

meta inflacionista estabelecida pelo Governo, assinala os fracassos de Cavaco e Cadilhe na avaliação da situação económica e financeira e exige, para que seja possível um verdadeiro acordo de rendimentos, a revisão dos critérios distributivos do rendimento nacional, invertendo o sentido da justiça social da distribuição a favor do trabalho e não a favor do capital como tem sido a norma da política de rendimentos dos governos de direita.

Ao mesmo tempo reclama com incontestável justeza a actualização das reformas e pensões com aumentos que garantam uma vida digna aos reformados e pensionistas e da mesma forma melhorias efectivas na segurança social.

A recusa que já se anuncia, da revisão do leonino «acordo» de rendimentos, pelo Governo, mostra a verdadeira vontade política dos governantes, designadamente nas normas de exploração favoráveis ao grande capital.

As propostas e reivindicações da Intersindical não deixarão de repercutir certamente na consciencialização e na intensificação da luta dos trabalhadores por melhores salários e melhores condições de vida.

Contudo, a verdadeira reentrada democrática de massas vai ocorrer a partir da noite de amanhã e até às últimas horas de domingo na Quinta do Infantado, em Loures, com a abertura da Festa do «Avante!» 88.

O Programa já é conhecido e neste número do nosso jornal são introduzidas correcções que só nos últimos dias puderam ser precisadas.

A maior iniciativa democrática de carácter festivo e cultural de massas de Portugal de Abril é retomada depois de um ano de intervalo, forçado pela visão retrógrada da presidência da Câmara Municipal de Lisboa e directamente do próprio anterior governo Cavaco Silva por acção do então ministro da Educação, Deus Pinheiro, actual ministro dos Negócios Estrangeiros.

A construção no Infantado, em Loures, em menos de dois meses, da pequena «cidade» da Festa do «Avante!», que se tornou emblemática no panorama político-cultural português como realização festiva única, está nos derradeiros «retoques» e vai seguramente surpreender os visitantes com a sua arrojada concepção e a variedade e qualidade do seu programa.

A Festa do «Avante!» de 1988 vai inscrever-se na vida social e cultural do País, como já é tradi-

cional, como um grande espaço de amizade aberto à convivência democrática de profundo conteúdo popular e progressista.

É contudo, num outro ângulo, que abordamos aqui a Festa do «Avante!» de 1988.

Décima segunda edição no ano do décimo segundo Congresso do PCP, a Festa propõe assumir-se como grande pórtico político e festivo da reunião da instância máxima do nosso Partido de 1 a 4 de Dezembro, no Porto.

A Festa de 88 é também uma concludente resposta aos «profetas da desgraça» da comunicação social da direita que bordam em vários tons para uso interno a «canção do ceguinho» da «quebra de militância» do PCP.

Um deles, o conspícuo semanário do sr. Pinto Balsemão, pela pena de um dos seus plumitivos mais encartados no anticomunismo militante, citando sempre «fontes próximas da comissão organizadora» e de um «membro do Comité Central... que pediu o anonimato» diz mesmo que devido à «quebra de militância» e «porventura a uma certa fraternidade comunista que se perdeu nos últimos tempos» serão «as causas que estarão por detrás de uma acentuada deserção das bases».

«Esta será a Festa do nosso descontentamento», cita o jornal de Balsemão como desabafo do tal do «comité central»...

Jornalismo deste desprestígia quem o faz e o dirige.

Deus nos livre de querermos intervir nos critérios jornalísticos de outros órgãos de comunicação social que comentam ou interpretam à sua maneira factos e acontecimentos. Mas o critério jornalístico que se baseia na mentira, na calúnia, na deformação da realidade objectiva (e até subjectiva) é francamente deplorável e desprestigiante.

Compreendemos que é amarga a pílula da «quebra» na base política da direita governante de que os resultados das 31 eleições autárquicas que deram à CDU 21 vitórias são uma iniludível prova.

Compreendemos também o amargor para a direita contra-revolucionária do trabalho dos militantes e simpatizantes do PCP na construção da Festa no Infantado. Mas há realidades impossíveis de escamotear pelos caixeiros da mentira.

Outros jornalistas, com os seus critérios de interpretação própria dos factos e acontecimentos, puderam comprovar na última se-

Resumo

31 Quarta-feira

O Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços anuncia reunião dos trabalhadores das empresas do Chiado, face à falta de resposta do Governo quanto à garantia do direito aos salários ■ O grupo parlamentar do PCP anuncia que vai propor na primeira reunião plenária da próxima legislatura da Assembleia da República a apreciação da situação criada pelo incêndio na baixa de Lisboa ■ PCP divulga regulamento da preparação do Congresso ■ No seguimento do acordo dado ao plano de paz das Nações Unidas para o Saara Ocidental, anuncia-se em Genebra a proclamação do cessar-fogo após 15 de Setembro ■ Três mortos, dezenas de feridos e um milhar de prisões é o balanço da repressão policial no Chile face aos protestos populares contra a nomeação de Pinochet como candidato único ao plebiscito eleitoral ■ Realiza-se encontro entre o ministro polaco do Interior, Kiszczak, e Lech Walesa, dirigente do «Solidariedade», enquanto prosseguem greves em diversos pontos da Polónia.

1 Quinta-feira

CGTP-IN afirma que as medidas anunciadas pelo Conselho de Ministros relativamente ao incêndio da baixa «não garantem as duas principais reclamações dos trabalhadores, os postos de trabalho e os salários» ■ A direcção da Organização Regional de



Lisboa do PCP afirma que os resultados eleitorais nas freguesias de Montelavar e Pêro Pinheiro (Sintra) «são a confirmação da sólida influência eleitoral do PCP» ■ EUA iniciam retirada dos mísseis da República Federal da Alemanha ■ Organizados no «Movimento para o Não», 16 partidos da oposição chilena apelam aos chilenos para que derrotem o candidato único Pinochet no plebiscito de 5 de Outubro ■ Trabalhadores dos estaleiros navais e do porto polaco de Gdansk, regressam ao trabalho no seguimento da reunião entre o ministro do Interior, Kiszczak, e Walesa ■ A China e a União Soviética concluem cinco dias de conversações sobre o Kampuchea ■ Presidente birmanês aceita reivindicação estudantil de formação de uma associação de estudantes, mas recusa exigência da oposição para demissão do governo.

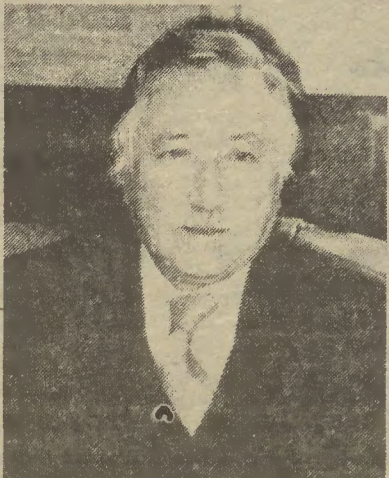
2 Sexta-feira

O Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul alerta que «no comércio em geral, são insuficientes os meios de fiscali-

zação contra riscos de incêndios» ■ CGTP-IN divulga, como temas a debater na Conferência Nacional, a 21 e 22 de Outubro — a segurança no emprego, direitos dos trabalhadores e revisão da Constituição ■ Trabalhadores agrícolas do distrito de Évora dirigem apelo ao Presidente da República para que veto a Lei da Reforma Agrária ■ O Partido Democrático Curdo denuncia massacre na região de Dahok, no Noroeste do Iraque, levado a cabo pelas tropas iraquianas, e de que foram vítimas 1300 crianças, mulheres e homens ■ O dirigente comunista chileno, Volodia Teitelboim, alerta para a possibilidade de Pinochet recorrer a um golpe militar, se sofrer uma derrota no plebiscito ■ Comissário das Nações Unidas para a Namíbia chega a Luanda.

3 Sábado

O PCP nos Açores, acusa o PSD de proceder a «pressões ilegítimas e mistificação de problemas e situações», com o objectivo de «fixar artificialmente eleitores duramente prejudicados» ■ A coordenadora da Comissão para os Direitos do Povo Maurebe defende estarem reunidas as condições para a realização em Portugal de uma Conferência Internacional sobre Timor-Leste ■ As comissões de campanha de republicanos e democratas para as presidenciais norte-americanas debatem a realização de debates televisivos entre os candidatos ■ Corvalan regressará ao Chile



logo que isso seja possível, declara em Moscovo o dirigente comunista chileno Teitelboim ■ Cem mil pessoas são evacuadas da cidade de Daca devido às enormes e mortíferas cheias no Bangladesh ■ Polícia sul-coreana reprime estudantes que se manifestam em Seul contra a política do governo e pela realização dos Jogos Olímpicos simultaneamente na República Popular da Coreia.

4 Domingo

A Coligação Democrática Unitária (CDU) vence as eleições intercalares realizadas nas freguesias de Colos, Bicos e Vale de Santiago, no concelho de Odemira, e sobe a sua votação em relação ao anterior acto eleitoral ■ Balsemão e o «Correio da Manhã» apresentam também as suas propostas como candidatos à compra de «A Capital» ■ Mandela envia mensagem aos sul-africanos para que se não preocupem com a sua saúde ■ Jornal sudanês noticia que oito mil pessoas já morreram em Aweil, cidade isolada pelas inundações ■ Inundações no Bangladesh causam 520 mortos e mi-

lhões de desalojados. A morte e a doença ameaçam os milhares de famílias abrigadas em campos especiais em Daca ■ «Não há qualquer plano para interromper as reuniões» entre o Irão e o Iraque, afirma representante da ONU em conferência de imprensa em Genebra ■ PC Chileno propõe



acordo de toda a oposição chilena num «atitude conjunta contra a fraude» que Pinochet está a preparar ■ Departamento de Estado norte-americano desmente que se tenha registado um aumento da presença militar cubana em Angola nos últimos dias.

5 Segunda-feira

Em vésperas do debate sobre política de rendimentos no Conselho Permanente de Consertação Social, a CGTP-IN anuncia o propósito de «não esquecer 1988, sob pena de os trabalhadores estarem a ser burlados» ■ Por proposta dos deputados comunistas portugueses ao parlamento europeu (PE), e com o apoio de todos os outros grupos políticos, vai ser apresentado ao PE uma proposta comum sobre a catástrofe do Chiado ■ Banco de Portugal confirma a possibilidade, já avançada pelo FMI, de um novo período de recessão na economia portuguesa ■ Inicia-se em Nicósia a Conferência dos Ministros de Negócios Estrangeiros dos Países Não Alinhados ■ Centenas de milhares de chilenos manifestam-se em Santiago do Chile, numa enorme manifestação contra Pinochet ■ Inicia-se em Moscovo um julgamento por suborno e corrupção em que são réus ex-ministros e altos funcionários soviéticos, entre eles o ex-gero de Brejnev ■ Recomeçam em Viena conversações sobre armas convencionais.

6 Terça-feira

Reúne o Conselho Permanente de Concertação Social sem chegar a acordo quanto à política de rendimentos, devido ao fracasso das previsões governamentais sobre a inflação deste ano ■ As organizações partidárias de juventude do PSD, PS e PCP afirmam serem «insuficientes» as verbas previstas para o sector pelo ministro da tutela, Couto dos Santos ■ O MURPI divulga um comunicado protestando contra o recente aumento governamental do preço dos medicamentos ■ O Governo português diz não ter comentários a fazer às declarações de Jonas Savimbi, da Unita, ameaçando os portugueses em Angola se forem tomadas medidas contra os seus representantes em Lisboa ■ O secretário-geral da ONU designa Lisboa como «mensageira da paz» ■ Jornalistas indianos fazem greve de 24 horas ■ Israel desencadeia acção repressiva numa cidade do norte da Cisjordânia, destruindo casas de palestinianos e prendendo 120 pessoas.

gunda-feira a realidade da Festa do «Avante!». O que escreveram ou relataram nos órgãos de comunicação social onde trabalham que até agora lemos, uma particularidade ressalta: o respeito pela verdade e a honradez deontológica profissional.

E viram o que lá está. À sua vontade, sem biombo nem cortinas. E tiraram as suas conclusões.

E o que puderam comprovar é exactamente a inexcusável militância dos homens e mulheres comunistas e simpatizantes de todas as idades e condições sociais na edificação da pequena cidade do Infantado em menos de dois meses, a sua ilimitada dedicação ao objectivo político e sociocultural de elevada qualidade que o PCP se propõe na Festa.

Até ao último domingo, apenas os registados nas jornadas de trabalho voluntário de fim-de-semana, desde o dia 16 de Julho, ascenderam a cerca de doze mil e só no último domingo mais dois mil camaradas e amigos do PCP lá estiveram a dar o seu contributo para o gigantesco esforço colectivo de todo o Partido. Muitos outros nem perderam tempo a registar-se. Chegam, dirigem-se para onde é preciso trabalhar, deitam-se de imediato ao trabalho e regressam à noite a casa estafados mas felizes pelo que deram de si próprios para uma elevada obra comum.

E já esta semana uma outra forma de participação militante: no parque de campismo improvisado, exterior à Festa, que pode comportar até 6000 ocupantes quase atingiu o limite com famílias inteiras oriundas de todas as regiões do País para darem o seu contributo na fase final da Festa.

O s que tecem variações sem base acerca da «quebra de militância» dos comunistas não têm sorte nenhuma.

A Festa de 1988 é não só uma viva expressão da dedicação e militância dos comunistas mas também da sua criatividade, da sua capacidade de organização, da sua inexcusável operatividade.

No Infantado toda a implantação começou do zero. Um terreno de características novas para o qual tiveram de encontrar-se soluções novas, uma nova concepção adaptada às condições locais e diferentes de todas — todas, aliás, são diferentes.

E a do ano que vem «é sempre melhor».

Mas este ano, nos últimos três dias da semana lá vos esperamos no Infantado.

Contamos convosco, não falteis!

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS

O jornal
dos trabalhadores
da democracia
e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido
Comunista Português, Rua Soeiro
Pereira Gomes - 1699 - Lisboa
CODEX, Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua
Sоеiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa
CODEX
Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
Av. Santos Dumont, 57-3.º
- 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira,
SARL, Serviços Centrais: Av.
Santos Dumont, 57 - 2.º -
1000 Lisboa
Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do
Século, 80 - 1200 Lisboa
Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora:
Alcárcova de Baixo, 13 - 7000 Évora
Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro:
Rua 1.º de Dezembro, 23 -
8000 Faro
Tel. 24417

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 578 -
4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra
Tel. 28394

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º, Esq.º
- 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 - Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos,
6-B - 1100 Lisboa. Tel.
77 69 36/77 67 50
Porto - Rua do Almada, 18-2.º,
Esq.º
- 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e impresso na Heska
Portuguesa - R. Elias Garcia, 27
Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/88

Tiragem média do mês de Agosto: 23412 exemplares



CGTP marca Conferência Nacional

A direcção da CGTP anunciou anteontem que efectuará nos próximos dias 21 e 22 de Outubro a sua Conferência Nacional. Em declarações aos órgãos da comunicação social, os dirigentes da Central mostraram-se dispostos, preparados e empenhados em discutir a política de rendimentos para 1989, mas **sem esquecer 1988, «sob pena de se estar a burlar os trabalhadores»**.

A CGTP, que comemora em 1 de Outubro próximo o seu 18.º aniversário, marcou também uma reunião do seu Conselho Nacional para 16 e 17 do corrente. Nas declarações públicas, depois da reunião da Comissão Executiva na passada segunda-feira, Manuel Carvalho da Silva, coordenador da CE, acompanhado por Kalidás Barreto e Ernesto Cartaxo, membros da direcção executiva, sublinharam que a disposição para o diálogo com o Governo e as associações patronais inclui aquele **«pressuposto essencial»** segundo o qual o desvio da inflação ronda este ano os 50 por cento e a parte dos rendimentos do trabalho no rendimento nacional continua a descer.

Nessa perspectiva as negociações para 1989, no seu quadro global, só podem tornar-se efectivas depois de **«reparados os prejuízos causados aos trabalhadores em 1988»**, reafirma a CGTP.

No entender da Comissão Executiva da Central, esse quadro global de negociações, no âmbito do Conselho Permanente de Concertação Social, depende de uma política concreta a definir pelo Governo. Terão que ser consideradas questões básicas para a CGTP, como seja o salário mínimo nacional, a redução dos horários de trabalho, a política de emprego, orçamental e fiscal. Quanto à legislação laboral, a Comissão Executiva, que sublinha a necessidade de ter sempre presente que o que existe é apenas **«uma autorização para o Governo legislar»**, anunciou a realização de um estudo profundo que será apresentado na Conferência Nacional de Outubro.

Como temas de fundo da mesma Conferência constarão ainda o combate à precaridade dos postos de trabalho, a revisão da Constituição e a defesa da segurança no emprego.



Accções sindicais pela paz

Comemorou-se em 1 do corrente a jornada internacional de acções sindicais pela paz. Referindo-se à data, a CGTP salienta que ela ocorre «num ano em que o clima de relações internacionais se tornou mais favorável».

A Central salienta «os recentes desenvolvimentos do processo de desarmamento» e considera «altamente encorajadores» esses desenvolvimentos, bem como os que se verificam na «resolução dos diversos conflitos regionais».

Tanto a nível nacional como internacional a CGTP tem participado activamente «em todas as iniciativas» para o estabelecimento da paz e da segurança universal.

Juntamente com a União dos Sindicatos de Lisboa e a União dos Sindicatos de Madrid a sua acção visou e visa

sensibilizar os governos português e espanhol, os trabalhadores dos dois países e da população em geral para «a declaração da Península Ibérica como zona desnuclearizada».

Reclamam ainda aquelas organizações sindicais dos dois países «a canalização dos fundos resultantes da desmilitarização para actividades produtivas e sociais, com a consequente criação de mais postos de trabalho».

A Central conclui um comunicado do passado dia 1 com um apelo a «uma Península Ibérica sem armas nucleares, pela paz e pelo emprego». Deve ser essa a consigna da «luta unitária dos trabalhadores portugueses e espanhóis, pela defesa dos seus interesses e pelo estabelecimento nos seus países de um clima de paz e progresso social».

Cel-Cat

Menos 500 empregos em quatro anos

Ao revelar «a enorme instabilidade social que se vive actualmente na empresa», a direcção do SIESI — Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas adianta que desapareceram na CEL-CAT cerca de 500 postos de trabalho nos últimos quatro anos.

Essa importante baixa nos efectivos da fábrica com instalações em Morelena (Pero Pinheiro) e Venda Nova (Amadora) verificou-se «apesar da rentabilidade da empresa», sublinha o Sindicato.

A boa situação da CEL-CAT é «comprovada, segundo o SIESI, pelos relatórios

dos exercícios dos últimos anos».

A diminuição extraordinária dos postos de trabalho na CEL-CAT fundamenta-se, segundo o SIESI, na «diminuição em cerca de 50 por cento das gamas de produtos fabricados».

Mas qualquer dessas gamas de produtos abolidos dispõem de «mercados, quer a nível nacional, quer internacional», sublinha ainda o SIESI que acrescenta haver «grande número de trabalhadores dos mais variados níveis profissionais confrontados com problemas de saúde, nomeadamente do foro psíquico». ★



Os jovens contam-se entre os mais afectados pelo desemprego e pela precaridade dos postos de trabalho

20 mil trabalhadores 10 meses à espera da revisão do Ministério

Finalmente, depois de 10 meses passados sobre a iniciativa sindical, o Ministério do Emprego e Segurança Social e o Governo decidiram criar a comissão técnica para rever a PRT (portaria de regulamentação de trabalho) para 20 mil trabalhadores dos escritórios não abrangidos por qualquer outra convenção colectiva. A Federação sindical do sector

(FEPCES), que pediu a revisão 10 meses atrás, assinala que «a presente decisão do Governo representa um recuo em relação às suas posições iniciais».

A FEPCES — Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços revela que, na verdade, o Ministério de Silva Peneda pretendia «não rever

mais qualquer PRT». Nessa intenção estaria naturalmente incluída a aplicável aos trabalhadores de escritório.

A FEPCES considera positivas as acções que ela própria desenvolveu juntamente com os trabalhadores interessados na revisão da PRT/Escritórios, pois sem elas vinte mil trabalhadores ficariam sem qualquer con-

venção ou regulamentação colectiva de trabalho.

Mesmo «cobertos» pela PRT, há vinte meses que os salários desses trabalhadores não são revistos. As reivindicações da FEPCES relacionam-se com toda a matéria de expressão pecuniária, incluindo o subsídio de refeição (80 escudos, actualmente) que não é aumentado desde 1985.

Sumário sindical

No calor da Festa

Bem podem os especialistas dar explicações para o facto;

Bem podem as estatísticas comprovar que já houve dias piores;

Bem pode cada um fazer as explanações que melhor entender.

A verdade é que um calor assim, como o que tem assolado o País nos últimos dias, é, a todos os títulos, imoral.

Em primeiro lugar, porque a maioria das pessoas já voltou de férias. O que significa que, ao descontentamento inerente ao facto, outro se junta, a saber, a saudade indiscreta do mar, das praias, da frescura. Ainda por cima com a agravante de se saber que as ditas — para muitos — estão mesmo ali à mão de semear... e no entanto impraticáveis.

Em segundo lugar, porque os transportes públicos não têm ar condicionado, o que significa que as deslocações casa-emprego e vice-versa são assim como que uma espécie de tortura, o que deixa os nacionais, no mínimo, com vontade de estrafegar o próximo em geral e a Humanidade em particular.

Em terceiro lugar, porque não é lícito pedir seja a quem for que tenha ideias claras sobre o que for com semelhante temperatura, o que é sempre mau, nem que seja por causa das medidas, tarefas, decisões, opiniões que a todo o momento se é forçado a tomar. Em quarto lugar, porque com um tempo destes não há bebida fresca que se não esgote, o que exaspera a paciência dos mais pacíficos dos cidadãos.

Em quinto lugar, porque há sempre quem se aproveite, no bem bom dos gabinetes fresquinhos no Verão e quentinhos no Inverno, dos afrontamentos dos comuns dos mortais para magicar sabe-se lá que maquiavélicos planos.

Estamos pois assim numa situação daquelas de «quando o mar bate na rocha quem se lixa é o mexilhão», mas sem mar, o que ainda tem menos graça.

É claro que haverá sempre quem se console a pensar nos outros desgraçados que ainda estão pior, que é como quem diz, a destilar à torreia do sol em vez de destilar sentado à secretária.

Como por exemplo deverá estar a acontecer na Quinta do Infantado, em Loures, onde a estas horas se dão os últimos toques e retoques na preparação da Festa do «Avante!».

Não faltará por aí quem diga que isso são penas de trabalhadores de privadas empresas, porventura pagos a peso de ouro, submetidos a trabalhos forçados sob o olhar atento de funcionários refastelados à sombra da bananeira, ou do chapéu de sol, que para o caso tanto dá.

De resto — e há que convir que não se trata de efeitos da canícula — prosas dessas são mais ou menos comuns em certos jornais da nossa praça, muito dados à especulação e invencionice. Assim como quem procura exorcizar uma penetrante e subtil dor de cotovelo com crónicas e cróniquetas de escárnio e mal-dizer.

A verdade, porém, é bem distinta.

E quando amanhã, no sábado e no domingo milhares de pessoas passearem pela Festa, estamos certos que não faltará quem se lembre de que a cidade construída em Loures foi fruto de muito trabalho e suor, não indiferente à torreia do sol e às agruras do calor, mas apesar delas.

O que, no mínimo, merece admiração e respeito. Quem não sabe reconhecê-lo, deveria ao menos uma vez dar-se ao trabalho de visitar a Festa do «Avante!», quer durante a sua preparação quer durante a sua realização. Talvez então conseguisse entender que um calor mais forte une os comunistas e outros democratas, não isento de problemas e contradições, mas certamente preenhe de uma força de vontade maior do que todas as inclemências do tempo.

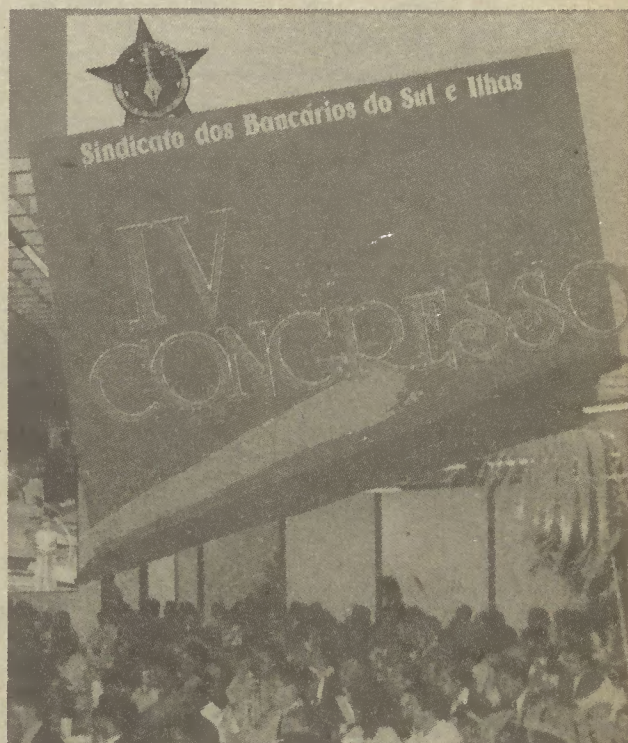
A Festa está aí. Não vale a pena desejar que chova no fim-de-semana. De todas as maneiras, serão muitos os milhares de pessoas que estarão em Loures com o PCP.

■ A.F.

SINTEL — O Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Telecomunicações, que acaba de distribuir o seu «Boletim Informativo» de Agosto, protesta veementemente contra «a corrupção, conivência e mau trabalho dos empreiteiros» contratados pelos CTT. O Sintel, que cita o caso da Visabela (montagem de má qualidade na rede de Cedovim no ST de Moncorvo) refere nomes de responsáveis por trabalho deficiente e reafirma a competência dos trabalhadores dos CTT, cuja «intervenção neste processo terá que começar na aceitação ou não dos trabalhos dos empreiteiros» — enquanto não se pode «correr com eles» — lê-se no «Boletim Informativo» do Sintel. No texto citado, o Sindicato propõe aos fiscais que não aceitem nenhum trabalho que «não esteja executado de acordo com as normas» e que não ensinem «os empreiteiros a fazer o trabalho», pois não lhes compete ser «monitores», mas apenas fiscalizar os trabalhos e recusá-los quando não estiverem em condições. O artigo do «Boletim Informativo» é acompanhado de uma foto com a seguinte legenda: «Exemplo do trabalho dos empreiteiros: montar uma travessa deixando um par de esquadros. Argumento: desmontar fica muito caro; depois se vê».

FEPCEs — A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços, que tem desenvolvido intensa actividade na defesa dos trabalhadores atingidos pelo fogo do Chiado, editou em Agosto o «Jornal dos Trabalhadores do Sector Automóvel». Salientando que o **acordo de revisão foi concluído** e que os novos salários produzem efeitos a partir de 1 do mês passado, a Fepces publica as novas tabelas salariais e refere a sua subida de 8,5 por cento, quando o patronato no início das negociações só propunha 5. O processo de negociação não foi fácil — recorda a Fepces — mas «a marcação do dia de luta para 1 de Julho» levou o patronato a rever a sua posição inicial. Recorde-se que o processo só terminou depois de oito reuniões de negociação directa e quatro de conciliação no Ministério do Emprego e Segurança Social. A Fepces refere-se ainda em comunicados recentes às revisões salariais nos sectores da **publicidade e armazenistas de mercadorias**, fazendo um apelo à participação dos interessados nas negociações.

FCT/SNTCT/SINTEL — A comissão negociadora sindical, formada por estas e outras organizações sindicais para a revisão do **AE** (acordo de empresa) **dos CTT**, afirma que as negociações caminham «a passo de caracol». Na reunião do passado dia 18 a empresa não foi além de aumentos de 5 por cento para diuturnidades e subsídios e de 5,29 por cento para as tabelas salariais. Sob o lema «Por um AE rápido e justo», «vamos estar unidos», «vamos lutar por um AE justo», a CNS dos CTT salienta que «a luta é inevitável», pois a administração continuava a afirmar no passado dia 25 que «o Governo não a deixa ir além de 6,05 por cento». Da CNS, além das associações sindicais referidas, fazem parte o Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Norte, o Sindicato dos Agentes Técnicos de Arquitectura e Engenharia e o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses.



CGTP-IN — A convite da central sindical da Líbia está em Trípoli uma delegação da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional. Chefia a delegação Fernando Santos Silva. Os representantes da CGTP, segundo telex do dia 30, participam nas «comemorações do 19.º aniversário da revolução líbia».

FESHOT — A Federação dos Sindicatos da Hotelaria e Turismo de Portugal protesta contra a revogação pela ministra da Saúde do **boletim de sanidade**, que obrigava, contra a vontade patronal, os trabalhadores que manipulam alimentos a fazer anualmente «o rastreio de eventuais doenças contagiosas e outras». O controlo desse rastreio era feito exactamente através do boletim de sanidade. Desaparecido este sem que os representantes dos trabalhadores tenham sido ouvidos, a Feshot acaba de exigir, «conforme documento enviado aos órgãos de soberania, que sejam tomadas medidas técnicas e legislativas» para garantir a salvaguarda da saúde pública e dos trabalhadores.

SBSI — O Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas acaba de publicar um número especial do seu órgão «O Bancário» com «Tudo sobre o Congresso», o IV que o Sindicato efectua. A publicação inclui as «Bases gerais e princípios programáticos da política global» do SBI para este triénio. Entre outras saudações ao Congresso, o boletim «O Bancário» publica a saudação da UNTA-União Nacional dos Trabalhadores de Angola.

CT do Totta opõe-se à sociedade anónima

Como já fizera anteriormente por mais de uma vez, a CT do Totta & Açores, banco nacionalizado, opõe-se de novo no passado dia 23 à alteração do estatuto jurídico daquela instituição, que o Governo pretende transformar em sociedade anónima com 49 por cento de capital privado.

Os membros da CT, que representa os trabalhadores do banco a nível nacional, dirigiram um documento nesse sentido ao ministro das Finanças, Miguel Cadilhe. O parecer negativo da CNT (Comissão Nacional de Trabalhadores) surge no seguimento de posições idênticas, tornadas públicas em 20 de Março de 1987, 27 de Janeiro de 1988 e 20 de Julho findo. Essas posições, todas negativas em relação ao projecto de decreto-lei do Governo, foram tomadas em plenários e outras reuniões orgânicas da CNT e restantes organizações representativas dos trabalhadores do banco.

Logo em 20 de Março do ano passado, a CNT, em comunicado conjunto com as

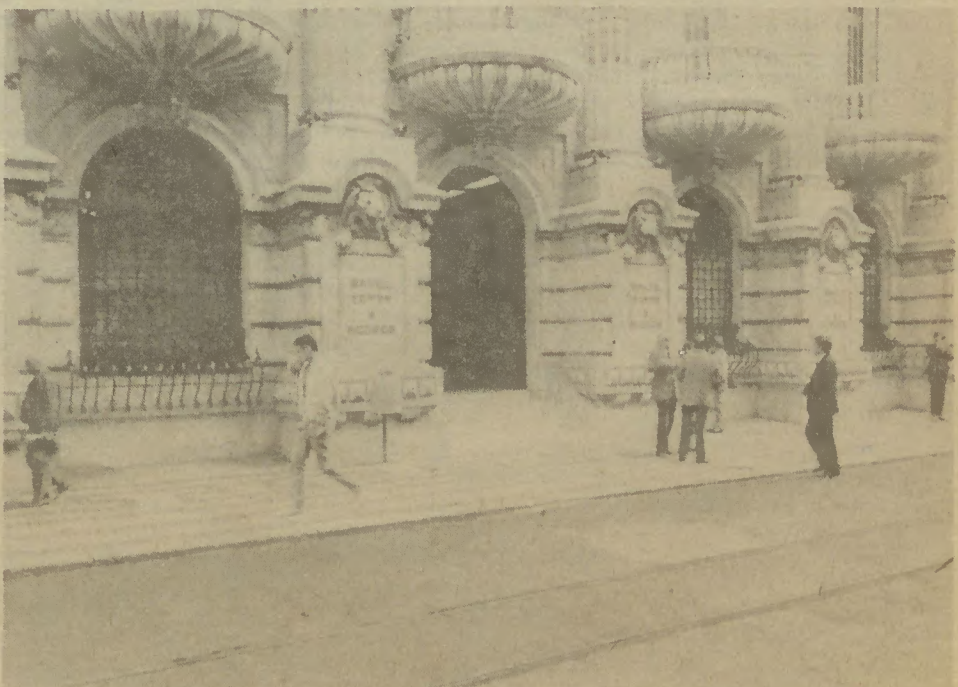
ERTs (estruturas representativas), manifestava-se contra a possível «aplicação do Decreto-Lei 351-86», aplicando-o à «transformação de bancos nacionalizados em sociedades anónimas».

O documento endereçado

em 23 de Agosto ao ministro das Finanças acentua no final o seguinte:

«A Comissão Nacional de Trabalhadores do BTA formula parecer negativo relativamente ao projecto de decreto-lei que visa transformar

o Banco Totta & Açores, EP em Banco Totta & Açores, SA, independentemente de, caso persista a intenção de o mesmo ser aprovado, emitir posição na especialidade sobre o mesmo projecto de decreto-lei».



As privatizações são uma ameaça para o emprego

Trabalhadores

ENFERMEIROS

Não há vagas! Não há vagas?

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, que anunciou para ontem, dia 7, uma reunião com o Ministério da Saúde, considera «um escândalo nacional» o facto de existirem 3000 tafeiros no sector, com mais de 6000 vagas nos quadros oficiais de pessoal.

Além da integração da enfermagem no ensino superior, que o SEP reclama com vigor há vários meses, sem que o assunto tenha ultrapassado por parte do Governo a fase das promessas e declarações de intenção, aquele sindicato de âmbito nacional atribui relevância especial ao caso dos tafeiros que, de acordo com o Decreto-Lei 41/84, só pode ter como «objecto a execução de trabalhos específicos sem subordinação hierárquica».

Ora o que se passa na enfermagem é que «é impensável — sublinha o SEP — contratar enfermeiros à tarefa apenas para trabalhos de carácter excepcional e sem subordinação hierárquica».

Por outro lado, ainda nos termos daquele Decreto-Lei, os serviços só podem recorrer a tal tipo de contrato, «quando no próprio serviço não existem funcionários ou agentes com as qualificações adequadas ao exercício de funções objecto de tarefa».

Mas a realidade é totalmente diferente. Em 31 de Dezembro de 1987 havia 2380 enfermeiros contratados à tarefa, número que corresponde a uma percentagem de 48,9 por cento de to-

dos os técnicos de saúde existentes, incluindo médicos, enfermeiros, paramédicos e administrativos.

Esses tafeiros na enfermagem, como sempre aconteceu, «desempenham as mesmas tarefas que os colegas da Função Pública», mas não usufruem das mesmas regalias.

O SEP não pode concordar com esta situação.

No primeiro semestre de 1988 o número de enfermeiros contratados à tarefa subia para 3150.

Mas, entre 1985 e 1987, foram descongeladas ao todo 5056 vagas para «concursos de ingresso nos quadros das instituições e consequentemente na carreira de enfermagem».

Não se compreende que continuem sem vínculo efectivo à Função Pública tantos enfermeiros e enfermeiras, mas se «por mera hipótese — acrescenta o SEP — não tivesse havido desde 1984 qualquer descongelamento de vagas o número de enfermeiros tafeiros seria hoje cerca de 4700».

Com uma taxa de 7,5 por cento em finais de 1984, relativamente ao total dos enfermeiros, os tafeiros são agora 13,5 por cento desse total.

Adianta o SEP que recen-

temente o Despacho Normativo 72/88, de 18 de Agosto, «fixou em 1042 o número de vagas a descongelar para enfermeiros».

Assim e teoricamente apenas 33 por cento dos tafeiros poderão ingressar na carreira.

O SEP conclui que «tudo isto acontece quando, por incrível que pareça existem nada menos do que 6763 vagas para enfermeiros nos quadros das instituições de saúde».

Esse total de vagas corresponde a 25 por cento das dotações previstas.

Daí facilmente se depreende — sublinha o SEP — que o objectivo governamental tem sido «limitar o contingente do pessoal da Função Pública». Mas, segundo a mesma fonte, esse objectivo não se aplica ao pessoal de enfermagem, «por um lado devido à sua enorme carência real e, por outro, porque tal carência tem uma correspondência clara nos quadros das instituições, que estão preenchidos apenas em 75 por cento, não contanto já com o facto de que muitos estão desactualizados há cerca de 10 anos».

A própria ministra da Saúde reconhecida já em 1986 que não existe qualquer razão lógica para que enfermeiros sejam admitidos com esse tipo de contrato à tarefa.

O «escândalo nacional», como lhe chama o SEP, só serve para não garantir qualquer estabilidade no empre-



Há tafeiros nos serviços mais comuns de todo o sector

go e no local de trabalho e para criar «situações de injustiça e de conflito que em nada contribuem para uma boa relação enfermeiro-utente».

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses continua a reclamar a abolição do contrato à tarefa. Mas essa reclamação continua a não ter «correspondência legal».

Dez anos de espera pelo ensino superior

Quanto à questão do ensino profissional, o SEP recorda que já em 1978 (Junho) a Lei 61/78 «previa a reconversão das escolas de enfermagem em escolas superiores de enfermagem». Mas o que sucedeu, entretanto, foi o alinhar sucessivo de comissões e grupos de trabalho interministeriais. Nada de efectivo daí resultou.

Em Agosto findo, foi criada mais uma comissão com elementos dos dois Ministérios (da Saúde e da Educação) para propor os critérios de reconversão.

O que chegou a vir a público, e foi citado o subsecretário de Estado adjunto de

Leonor Beleza, Faria de Almeida, foi que a integração do ensino de enfermagem no ensino superior estava prevista «para dentro de um mês». Mas isso passou-se em Abril de 1988. Em Maio findo, essa declaração feita na Guarda era desmentida ao SEP pelo próprio Ministério, porque «não correspondia totalmente à verdade», diz o Sindicato.

Há no entanto projectos e objectivos a atingir pelo Governo. O SEP sabe disso,

mas, até agora, não teve acesso aos documentos respectivos.

O SEP acentua que essa atitude do Ministério de Leonor Beleza «impede o exercício efectivo do direito à negociação e à participação dos enfermeiros na definição dos destinos da classe».

O SEP reclama que seja revista essa atitude, que não permite qualquer tomada de posição sobre o assunto do ensino junto dos órgãos do poder.

Sindicatos do Centro com o Presidente da República

Os dirigentes da União dos Sindicatos de Coimbra e Figueira da Foz avistaram-se no passado dia 24 com o Presidente da República, durante a sua permanência nesta última cidade. Os sindicalistas entregaram a Mário Soares uma exposição na qual «questionam a política governamental em matérias como o pacote laboral, a reforma fiscal, a reforma agrária e as privatizações».

Depois de saudarem a deslocação do Presidente da República, os delegados daquelas organizações sindicais fizeram um apelo a Mário Soares para que «actue como garante do regime e das instituições democráticas», designadamente no que respeita àqueles assuntos que da parte deste Governo representam «reais perigos e injustiças» que os referidos diplomas «ostensivamente configuram».

A política do Governo é considerada pelos sindicalistas do Centro uma «política de ruína», pelo que é necessário «salvaguardar os superiores interesses do povo português e do País».

Quanto ao pacote laboral, a exposição entregue ao Presidente da República refere que, mesmo como processo não acabado, já «figura como o violento ataque contra os interesses mínimos da democracia social e política, na medida em que põem em causa o equilíbrio já de si precário das relações sociais».

No que respeita à reforma do fisco, a exposição assina-

la principalmente que ela «visa favorecer o capital», enquanto que os trabalhadores ver-se-ão «sobrecarregados com impostos e ilegalmente tratados de uma forma desigual».

Sobre a Reforma Agrária, a exposição dos sindicalistas de Coimbra e da Figueira da Foz destaca o desemprego, «o abandono ou subaproveitamento das terras e quebra de produção», que se reflectirá ainda mais gravemente na economia nacional e no desenvolvimento do País.

Quanto às privatizações, o documento entregue ao Presidente da República chama designadamente a atenção para a transferência «daquilo que é de todos para as mãos de meia dúzia de detentores do capital nacional e internacional».

No entender dos sindicalistas de Coimbra e da Figueira da Foz, que se avistaram com o Presidente da República, as privatizações criam condições para a transferência «daquilo que é de todos para as mãos de meia dúzia de detentores do capital nacional e internacional».

No entender dos sindicalistas de Coimbra e da Figueira da Foz, que se avistaram com o Presidente da República, as privatizações criam condições para «a restauração dos monopólios e para a subordinação do poder político ao económico».

Todos esses pacotes legislativos «lesam gravemente os interesses dos trabalhadores e da economia nacional».

Setúbal Patrões pedem «consenso» para reduzir nível de vida

Embora as reivindicações apresentadas pelo Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul (CESSUL) «não representem encargos significativos para as empresas», a Associação dos Comerciantes do Distrito de Setúbal, como contraproposta de revisão do CCTV (contrato colectivo de trabalho vertical) não encontrou melhor do que pedir «o consenso dos trabalhadores do sector para reduzir o nível de vida».

Este contrasenso e não consenso limitar-se-ia de qualquer modo a um entendimento entre patrões e nunca poderia obter o mínimo «consenso» entre trabalhadores e entre sindicatos. O CES-SUL recorda que os salários, particularmente no distrito de Setúbal se degradaram ininterruptamente a partir de 1982, atingindo uma quebra real da ordem dos 11,3 por cento em 1987.

Segundo o CES-SUL, a proposta de aumentos salariais de 14 por cento «procure atenuar os prejuízos sofridos ao longo dos anos». Mas, mesmo que a proposta sindical fosse aceite, nem assim seria reposto o poder de compra perdido, pois houve «uma quebra do salário real em relação a Dezembro de 1978 da ordem dos 7,3 por cento».

A associação patronal de Setúbal não aceita qualquer das propostas apresentadas pelo sindicato. Além do aumento salarial, propõe-se também a criação de um subsídio de almoço no valor de 150 escudos, a revisão das diuturnidades e subsídio.

A Associação dos Comerciantes do Distrito de Setúbal alega que o distrito está estagnado, que as empresas atravessam uma agudíssima crise, agravada pelas condições climáticas e tudo o mais.

Ao contrário do que afirma a Associação, o CES-SUL reafirma que a generalidade das empresas pode suportar perfeitamente os aumentos salariais propostos.

Na passada segunda-feira, o CES-SUL enviava à Asso-

ciação um ofício marcando a primeira reunião de negociações para o próximo dia 19. No entanto, o patronato só admite discutir na base da taxa de inflação previsível que, segundo o Governo seria de 6,5 por cento.



Trabalhadores da Setenave desfilam em Lisboa: um dos grandes problemas por resolver no distrito de Setúbal

PCP

Eleições intercalares

CDU soma e segue

No quadro da criação de novas Freguesias, realizaram-se mais alguns actos eleitorais no passado fim-de-semana onde as notas dominantes continuam a ser o ascenso da CDU e a queda, em alguns casos espectacular, do PSD.

Assim a Coligação Democrática Unitária (CDU) venceu todas as eleições intercalares realizadas no concelho de Odemira — Colos, Bicos e Vale de Santiago — e

subiu a sua votação em relação ao anterior acto eleitoral, apesar da forte abstenção registada. Nestas eleições, que resultaram da criação da Freguesia de Bicos, a CDU aumentou a sua votação absoluta no conjunto das três Freguesias, ou seja: enquanto em 1985 obteve 529 votos nas Freguesias de Colos e Vale de Santiago, agora, como única força concorrente, alcançou 881 votos no conjunto das três Freguesias.

De notar que a antiga Junta de Freguesia de Colos era dominada pelo PS, que neste novo acto eleitoral nem conseguiu organizar lista, correndo por isso ao expediente caricado de pretender a não realização de eleições nesta autarquia, pretensão a que o Tribunal Constitucional, naturalmente, não deu provimento.

No Concelho de Celorico da Beira realizaram-se igual-

mente eleições intercalares nas Freguesias de Casas de Soeiro e S. Pedro. Na primeira (a nova Freguesia) a vitória pertenceu ao PSD, com 106 votos, tendo uma lista de independentes alcançado 94 votos. Em S. Pedro o PSD venceu com 283 votos, tendo a CDU obtido 73 votos. Uma nota saliente destes resultados é que o PSD, apesar de vencedor, desceu significativamente em relação a anteriores eleições.

CDU/Madeira prepara eleições

A Comissão Coordenadora da CDU/Madeira marcou para os fins-de-semana de 10-11 e 17-18 de Setembro plenários de actividades de todos os concelhos da Região Autónoma. Na reunião de 30 de Agosto a Coordenadora abordou ainda outros aspectos da preparação das eleições regionais de 9 de Outubro.

A Coordenadora da CDU/Madeira constatou que o PSD está a fazer na região, através de órgãos de poder que domina, um esforço para intimidar os candidatos da

Coligação Democrática Unitária, seja dificultando a passagem dos documentos necessários à candidatura, seja com a instauração de pretenso processos-crime contra quem denuncia as ilegalidades que são cometidas.

Defender as liberdades

A CDU recusa-se, contudo, a dar o braço a torcer, e declara que «assume completamente as denúncias de opressão até agora desencadeadas e repudia as tentativas desencadeadas pelo

PSD/Madeira para controlar, sob a capa de regionalização, o poder judicial.

A Coordenadora da CDU/Madeira exorta os seus activistas e a população em geral a «empenharem-se na batalha pela liberdade na Madeira e Porto Santo e, neste sentido, continuaremos a desenvolver esforços para que seja feita justiça e os opressores sejam responsabilizados perante a lei».

Nesta linha, a CDU apresentou queixas-crime contra o PSD/Madeira, o «Diário de Notícias» do Funchal, e o

«Jornal da Madeira» pela publicação de publicidade eleitoral fora do período autorizado na lei. Foram também expostas à Comissão Nacional de Eleições e ao Conselho de Comunicação Social oebal e o tratamento privilegiado concedido pelo «Correio da Madeira» e o «Eco do Funchal» ao PSD.

Quanto à planificação da sua campanha, a CDU/Madeira, além de convocar os plenários dos próximos fins-de-semana, decidiu criar várias comissões específicas por áreas de actividade.

DORS prepara 12.º Congresso

«É necessária participação massiva»

Reunida na semana passada, a Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP analisou as conclusões da reunião do CC de 23 e 24 de Agosto e considerou importante que na preparação do XII Congresso «haja uma participação massiva de todos os militantes».

Nesse sentido a DORS decidiu «estudar as formas que considere necessárias para mobilizar os militantes e para que os documentos

(Programa, alterações aos Estatutos e Teses) sejam distribuídos e discutidos por toda a Organização».

CDU cresce

Nesta reunião — e segundo uma nota de imprensa datada de 1 de Setembro — a DORS «congratula-se com a vitória alcançada pela CDU nas eleições realizadas

recentemente no distrito para freguesias dos concelhos de Palmela e Moita».

Salienta-se, a propósito, que a CDU passou de 36 por cento dos votos, nas eleições para a AR em 1987, para 61 por cento nestas, enquanto o PS e o PSD viram a sua força eleitoral reduzir-se de 14 para 11 e de 31 para 24 por cento, respectivamente.

A DORS debateu ainda a participação da Organização Regional de Setúbal na 12.ª Festa do «Avante!», destacando que «milhares já foram as jornadas de trabalho realizadas pela Organização para a construção da Festa em geral e do espaço próprio da ORS».

A área de Setúbal na Festa do «Avante!» — informa-se ainda na nota de imprensa — será este ano uma «urbanização» e terá «muitas novidades para mostrar, desde gastronomia, até aos espectáculos com artistas do distrito».



Venda das Casas dos Lirios Esqueceram-se outra vez de quem mais precisa

Vão ser postos à venda pela Câmara Municipal de Esposende 25 fogos do conjunto habitacional dos Lirios, na vila de Fão. Num comunicado à população a Comissão Concelhia do PCP afirma que, ao definir os critérios para o acesso a essas casas, a Câmara não teve em conta as condições económicas e habitacionais da população, pelo que esta operação não vai colmatar nenhum dos graves problemas existentes nesta área no concelho.

A Câmara Municipal de Esposende — diz-se no comunicado — «em vez de exigir às famílias condições económicas para a compra das casas do bairro deveria era saber as condições em que cada família vive».

E os comunistas de Esposende interrogam: quantas são as famílias que necessitam de habitação que possuem as condições exigidas pela Câmara Municipal (rendimento mensal mínimo de 42 contos, depósito de 60 contos no acto da inscrição e pagamento imediato, caso seja sorteado, de 300 contos)?

A venda destas casas, feita desta forma, não vai — afirma a Concelhia do PCP — colmatar nenhum dos graves problemas habitacionais existentes no concelho de Esposende: quem vive em casas degradadas irá continuar a viver.

O PCP defende que as casas do bairro dos Lirios devam ser entregues às famílias mais necessitadas. E dá exemplos: as famílias

que vivem em casas sem água canalizada, sem electricidade e sem casas de banho; os jovens casais sem casa; as famílias que vivem em casas que não correspondem às necessidades do agregado familiar.

Recordando que a resolução das carências no sector da habitação passa pela realização de uma nova política habitacional a nível local e a nível nacional, a Concelhia afirma que «Esposende necessita de uma nova gestão autárquica para poder dar resposta aos interesses, necessidades e aspirações do nosso povo» e «precisa da CDU nos órgãos autárquicos para que os problemas dos mais necessitados passem a ser discutidos, pois com esta Câmara eles têm sido esquecidos».

Com apenas 24 anos, faleceu o camarada Manuel Henriques Pires Pombinho. Membro do Partido e também da JCP, a cuja comissão local pertencia, o seu funeral constituiu uma grande manifestação de pesar.

Camaradas Falecidos

Beatriz Martinho

Faleceu no passado dia 22 a camarada Beatriz Mateus Martinho. A militante comunista pertencia à organização de freguesia de Vale do Paraíso, concelho da Azambuja.

Filipe Crespo

Com 56 anos faleceu o militante comunista Filipe Parreira Crespo. Muito respeitado e estimado em toda a freguesia, o nosso camarada fez parte da primeira comissão que avançou para a formação da Cooperativa de

ques, motorista reformado. Membro do Partido desde 1974, militava na organização da freguesia de S. Gonçalo, no Funchal. Francisco Rodrigues teve um funeral católico, apesar de o prior de S. Gonçalo se ter recusado a cumprir esse dever por se tratar de um militante do PCP.

Manuel Pombinho

Com apenas 24 anos, faleceu o camarada Manuel Henriques Pires Pombinho. Membro do Partido e também da JCP, a cuja comissão local pertencia, o seu funeral constituiu uma grande manifestação de pesar.

Francisco Rodrigues

Faleceu com 61 anos o camarada Francico Rodri-

gos, motorista reformado. Membro do Partido desde 1974, militava na organização da freguesia de S. Gonçalo, no Funchal. Francisco Rodrigues teve um funeral católico, apesar de o prior de S. Gonçalo se ter recusado a cumprir esse dever por se tratar de um militante do PCP.

Aos familiares dos militantes comunistas desaparecidos o colectivo do «Avante!» apresenta sentidas condolências.

PCP reúne quadros em Évora

Não estão esgotadas as possibilidades de defesa da Reforma Agrária

A decisão do Tribunal Constitucional em relação à lei da restauração do latifúndio proposta pelo Governo e aprovada pelo PSD foi tomada «em circunstâncias que não dignificam a independência daquele órgão de soberania e as instituições democráticas»; tal decisão «não esgota, contudo, nem o processo legislativo, nem, muito menos, as possibilidades de defesa da Reforma Agrária».

Esta foi uma das conclusões da reunião de quadros comunistas da Reforma Agrária do distrito de Évora, realizada no passado dia 29 de Agosto para analisar a situação decorrente da passagem da lei de bases da Reforma Agrária no TC.

«Absolutamente necessária

Os trabalhadores, por sua vez, estão dispostos a «perseguir na defesa da Reforma Agrária, transformação democrática da agricultura indispensável ao desenvolvimento e modernização do sector e à criação de emprego» — afirma-se num comunicado dado a conhecer no final da reunião.

Ainda em relação à lei, os quadros comunistas apoiam as diligências para requerer ao TC a «fiscalização abstracta da constitucionalidade da lei do latifúndio, ao abrigo da alínea O do n.º 1 do art. 281.º da Constitui-

ção»; alertaram o Presidente da República para as condições em que o Tribunal Constitucional deliberou e para as gravíssimas consequências, para a produção e o emprego, da eventual promulgação e aplicação daquele diploma.

«As informações trazidas à reunião — informa o comunicado — confirmam que a Reforma Agrária é absolutamente necessária ao futuro de um Alentejo próspero e desenvolvido».

A fundamentar esta afirmação, os quadros comunistas do distrito de Évora ligados à Reforma Agrária lembram que «em muitas aldeias e freguesias as cooperativas são as únicas geradoras de emprego e às quais as populações recorrem para se abastecerem em melhores condições».

As UCP's e cooperativas — sublinham os quadros do PCP — «demonstraram ser formas de organização adequadas às condições do Alentejo e que melhores po-

tencialidades encerram para, aproveitando os recursos existentes, contribuírem para o necessário aumento da produção e da produtividade agrícolas e para a redução da dependência alimentar do país».

«Sem a Reforma Agrária, o Alentejo correria para o despovoamento e a desertificação», pelo que «a defesa da Reforma Agrária não é só tarefa dos trabalhadores das UCP's e cooperativas, é tarefa de todos os trabalhadores, de todos os alentejanos e ribatejanos, de todos os democratas».

Iniciativas

Na reunião foi decidido promover um conjunto de reuniões de militantes comunistas da Reforma Agrária, abertas a todos os trabalhadores, e reforçar o trabalho de organização do Partido. Foi feito um apelo a todos os militantes comunistas, nas UCP's/Cooperativas e nas organizações representativas dos trabalhadores, exortando-os a «reforçarem a sua intervenção nos planos da produção, da organização e da luta em defesa da Reforma Agrária».

Os participantes na reunião tomaram ainda conhecimento da realização, no pró-



A Reforma Agrária provou que é absolutamente necessária para o desenvolvimento do Alentejo — concluíram os quadros do PCP reunidos em Évora

ximo dia 25 (domingo), de um comício em Santiago do Escorial com a participação do secretário-geral do Partido, camarada Álvaro Cunhal.

Com a convicção de que, «embora em condições mais

complexas, é necessário e possível defender a Reforma Agrária», os quadros comunistas reunidos no dia 29 de Agosto decidiram desenvolver todos os esforços de mobilização para esta iniciativa de solidariedade.

Escolaridade obrigatória em situação desastrosa

JCP/Madeira propõe medidas urgentes

Na Região Autónoma da Madeira mais de metade dos jovens com 14 anos não conseguiram terminar a escolaridade obrigatória de 6 anos; em 1985 o insucesso escolar atingiu 64,4 por cento dos alunos do ensino primário e 36,2 por cento dos alunos do ensino secundário.

O secretariado regional da Juventude Comunista Portuguesa, comentando numa nota recentemente enviada à imprensa os números — estes e outros igualmente alarmantes — que figuram num estudo apresentado no encontro de reflexão sobre o ensino, organizado pela Associação Nacional de Municípios, considera a situação desastrosa, tanto mais que a tendência actual é para se agravar o fosso que separa a Madeira das regiões mais desenvolvidas do país e da Europa.

Mas também na própria Região Autónoma aumentam as disparidades entre os concelhos mais avançados e os mais atrasados. Nos concelhos da Ponta do Sol, Calheta, Ribeira Brava, S. Vicente, Porto e Santana regista-se mesmo um decréscimo da percentagem de jovens que frequentam o ensino obrigatório de 6 anos.

Não basta uma lei

A lei de bases do sistema educativo coloca aos responsáveis pelo sector da educação um desafio: o alargamento da escolaridade obrigatória de 6 para 9 anos. «Mas não basta uma lei para que a situação evolua» — afirma a JCP/Madeira. — «É necessária vontade política e ouvir os intervenientes no processo de ensino».

A situação retratada pelo estudo da dr.ª Conceição



A escolaridade obrigatória alarga-se para 9 anos, mas na Madeira ainda há muitíssimos jovens que nem os 6 anos de escola conseguem completar

Alves Pinto (presidente do Conselho Directivo da Escola Superior de Educação de Lisboa) o Governo Regional e a sua Secretária respondem afirmando que tudo vai bem...

A JCP/Madeira denuncia tal atitude, bem como as ilusões e expectativas em torno de dinheiros da CEE que não se sabe se virão ou não, e lembra que, com o alargamento da escolaridade obrigatória para os 9 anos, seriam necessárias medidas urgentes para pôr na prática o que a lei determina.

Entre outras, os jovens comunistas propõem o alargamento dos apoios aos estudantes, criando, por exemplo, um sistema de bolsas de estudo para os jovens de Porto Santo que estudam no Funchal.

Transportes urbanos de Coimbra: Quanto mais longe — melhor?

Com a sua luta, os moradores das freguesias de Coimbra na margem direita do Mondego — apoiados desde o primeiro momento pelas juntas de Antuzede e S. João do

Campo — conseguiram que a Câmara Municipal instituisse um passe intermodal que lhes dá acesso aos transportes desde as suas localidades até à cidade.

Mas, alargando a área abrangida pelo passe à freguesia de Cernache, já no outro extremo do concelho, a Câmara deixou de fora as freguesias de Antanhol, Assafar-

gue e Santa Clara.

Assim, os moradores das localidades destas freguesias que são servidas pelas carreiras da transportadora Avic viram-se numa situação que é, no mínimo, injusta e caricata: estão mais perto de Coimbra, mas precisam de comprar dois passes.

As populações «esquecidas» pela Câmara fazem, contudo, ouvir o seu protesto. Em Antanhol realizou-se mesmo no dia 29 de Agosto uma concentração de moradores. Na passada segunda-feira estiveram na Sessão de Câmara pública e aí o vereador responsável pelo pelouro dos transportes comprometeu-se a apresentar uma proposta de solução para o problema até ao fim deste mês.

As localidades da margem direita (estrada da Figueira) são servidas pelos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra e pela empresa Moisés Correia de Oliveira; a Avic tem a concessão dos transportes até Cernache.



O passe intermodal é uma vitória parcial das populações da margem direita do Mondego que, nesta luta, contaram sempre com o apoio do PCP e da CDU

PCP solidário

A Comissão Concelhia de Coimbra do PCP, que tem acompanhado esta situação, divulgou no dia 31 de Agosto um comunicado em que se manifesta solidária com os moradores em luta por igual tratamento nos transportes e propõe o alargamento do passe intermodal de 2100 escudos à freguesia de Antanhol e aos lugares das freguesias de Assafar e Santa Clara.

O PCP conclui de todo este processo que «mais uma vez se comprova que não há soluções tecnicamente correctas que não passem pelo saber ouvir as populações», o que o vereador dos transportes não fez. Por outro lado, salienta o contraste entre as posições dos eleitos da CDU — e em especial nas freguesias onde têm maioria — que estiveram sempre com as populações nesta luta, e os presidentes das juntas de Antanhol e Assafar que «só agora dão conta que estão de fora».

Nacional

CHIADO

E agora a ferida?!...

No Chiado, após o desastre, tudo ficou em aberto, desde as ruínas à urgência da sua reconstrução, desde o apuramento de responsabilidades à necessidade imperiosa de atender aos problemas socioprofissionais dos milhares de trabalhadores lesados, desde os interesses dos comerciantes da zona à responsabilidade nacional de se preservar, defender e reanimar o inestimável património histórico, cultural, económico e social perdido com o incêndio. O momento é de acção, mas também de vigilância — uma vigilância activa que nos deve mobilizar hoje, amanhã e sempre, até à efectiva «cicatrização da ferida» que o primeiro-ministro Cavaco Silva foi tão lesto a prometer em plena tragédia, mas que o seu Executivo já tarda e até se escusa a concretizar, como se conclui das medidas anunciadas e dramaticamente denunciadas pelos milhares de lesados directos como insuficientes, injustas ou, simplesmente, inexistentes. Para além de outras (sempre possíveis...) que liquidem, em definitivo, o carácter, as funções e a história do Chiado, a coberto da sua reconstrução.

Damos aqui ao lado um novo comentário da DORL do PCP sobre o problema. Entretanto a direcção do Grupo Comunista e Afins do Parlamento Europeu comunicou aos deputados comunistas portugueses o seu sentimento pela tragédia do incêndio do Chiado e a sua disponibilidade para apoiar qualquer iniciativa a ser tomada no sentido de uma ajuda especial da CEE para a reconstrução da zona sinistrada.

Recorde-se que os deputados comunistas portugueses do Parlamento Europeu,

dando seguimento prático à sua sugestão feita logo no decurso da tragédia, já se dirigiram aos deputados portugueses de todos os grupos políticos do Parlamento Europeu no sentido de ser apresentada em comum pelos 24 deputados portugueses, na próxima sessão de Setembro, uma proposta defendendo uma ajuda urgente à recuperação da zona do Chiado, património cultural e histórico do maior relevo de Lisboa e um dos seus principais centros comerciais e turísticos.

Acréscente-se, com o de-

vido realce, que **todos os grupos políticos portugueses representados no Parlamento Europeu deram já o seu acordo à sugestão dos deputados comunistas** de ser apresentada uma proposta comum dos deputados portugueses sobre a catástrofe do Chiado, que será apoiada por outros deputados dos respectivos Grupos.

Os deputados portugueses apresentarão o texto comum à imprensa no próximo dia 12, em Estrasburgo.

Apreensão nos Sindicatos

Entretanto o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços de Lisboa (CESL) manifesta-se fortemente apreensivo com o desenrolar dos acontecimentos, nomeadamente com o anunciado propósito de se fazer cessar todos os contratos de arrendamento existentes antes do incêndio o que, na prática, se traduzirá no desaparecimento dos vínculos laborais de milhares de trabalhadores com as empresas para que trabalhavam, pelo que o CESL exige que esta posição seja revista, de modo que o comércio possa reabrir o mais rapidamente

possível e se respeitem os contratos colectivos.

É neste quadro que o CESL reivindica a declaração de calamidade pública, o que permitirá a revisão desta disposição legal da cessação dos arrendamentos nos edifícios destruídos.

O CESL tomou entretanto conhecimento, por meio da Comunicação Social, das decisões do Conselho de Ministros decorrentes do incêndio da baixa de Lisboa.

Segundo essas decisões «a que o CESL não teve acesso directo apesar de várias insistências junto da Presidência do Conselho de Ministros, o Governo terá estabelecido um crédito para os trabalhadores de 400 mil contos, correspondente a 80%, do vencimento líquido dos trabalhadores, limitado até ao próximo dia 31 de Dezembro».

Mais decidiu o CM remeter os trabalhadores para, o Centro Regional da Segurança Social, onde, a partir de 5 de Setembro, se poderiam candidatar à referida «compensação eventual».

O CESL considera desde já que **estas medidas não correspondem** de forma alguma às questões fundamentais que os trabalhadores vêm colocando e que o CESL sempre tem defendido, nomeadamente a garantia



dos postos de trabalho e dos salários até à retomada normal do trabalho nas empresas».

E pergunta-se mesmo:

«Que vencimento recebem os trabalhadores a partir do próximo mês de Dezembro — data limite da atribuição da “compensação” decidida pelo Governo — se foi já anunciado que apenas em Julho do próximo ano se iniciarão as obras de reconstrução da baixa lisboeta? Como poderão fazer frente, de imediato, às exigências imediatas — já estamos em Setembro e os salários de Agosto

ainda não foram recebidos — se apenas em Setembro se poderão candidatar à referida “compensação”?

E o CESL conclui:

«As medidas agora aprovadas não são afinal tão, expeditas como o Governo vinha anunciando, até porque, para além de tudo, necessitam de uma autorização legislativa. Os trabalhadores e a direcção do CESL discordam frontalmente do alcance restrito das decisões tomadas pelo Conselho de Ministros», afirmando-se decididos a lutar pela defesa dos seus direitos.

Os responsáveis têm nome • **DORL comenta incêndio**

«Têm nome e rosto os que carregam na sua consciência a responsabilidade moral de, pela sua prática, terem contribuído para a dimensão da tragédia — afirma a Direcção da Organização Regional de Lisboa do PCP numa nota de imprensa em que comenta o incêndio de 25 de Agosto na baixa de Lisboa. E concretiza: **«É no desenvolvimento da gestão irresponsável e atentatória dos interesses da cidade, protagonizada pela CML presidida por Kruz Abecasis com o apoio expresso do PSD e do PS, que reside parte importante das responsabilidades que explicam a situação vivida».**

Tal gestão traduz-se, designadamente e segundo a DORL do PCP, na **não adopção de medidas de segurança e prevenção** adequadas a um conjunto de zonas históricas da cidade que, pelas suas características, se apresentam mais vulneráveis; no **protelamento das acções tendentes à salvaguarda e recuperação do património** edificado na cidade; na promoção de uma prática deliberada tendente a acentuar o **processo de desertificação das zonas centrais da cidade**, com a crescente redução da função habitacional e sua substituição por armazéns, escritórios e outras instalações.

Não é só Abecasis

A DORL recorda que «desde as primeiras horas que o PCP e os vereadores da CDU de Lisboa se revelaram animados de uma total disposição para participar no encontrar das soluções mais adequadas para enfrentar os graves e dramáticos proble-

mas criados com o incêndio».

O PCP — lembra a Direcção Regional de Lisboa — «através da posição de vários dos seus organismos e de iniciativas já anunciadas, a tomar na Assembleia da República e no Parlamento Europeu, e os vereadores da CDU na CML vêm apresentando e reclamando a adopção dum conjunto de medidas tendentes à salvaguarda dos direitos dos moradores, trabalhadores e comerciantes atingidos, bem como das acções necessárias à rápida normalização e reabilitação da área atingida».

Neste momento continua a ser necessário concentrar atenções na resolução dos problemas, mas — sublinha a DORL do PCP — não é possível omitir «as razões, comportamentos, atitudes e decisões que se encontram, de forma mais ou menos explícita, ligados às causas materiais e responsabilidades morais envolvidas nos trágicos acontecimentos do passado dia 25 de Agosto».

Deve, portanto, prosseguir

e concluir-se o apuramento completo e rigoroso das causas que possam estar na origem do sinistro, tal como se impõe uma avaliação séria de outras razões que criaram as condições para o incêndio e o seu trágico desenvolvimento.

A DORL chama a atenção para o facto de as responsabilidades caberem «não só individualmente ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa, como também e em medida idêntica, aos vereadores do PSD e do PS, que vêm dando a mais plena cobertura e participação na gestão municipal que vem descaracterizando a cidade».

Depois de denunciar «as tentativas mal disfarçadas do PS e do PSD para, apressadamente, se desresponsabilizarem», a Direcção Regional de Lisboa do PCP recorda que «os vereadores do PS contribuíram com o seu voto favorável para a afectação das verbas necessárias à execução das obras da rua do Carmo».

Tudo isto leva a DORL a concluir que «urge substituir» os responsáveis por uma gestão municipal «da responsabilidade do CDS/PSD e PS, que tem como «triste e lamentável padrão emblemático» as ruínas do Chiado, a par do buraco do Monumental, do Martim Moniz, do Luna Parque e muitas outras zonas.

Governo: «insuficiente»

Quanto às medidas adop-

tadas pelo Governo, a DORL considera-as «claramente insuficientes para dar resposta aos principais problemas» que o sinistro originou, e contrastam com o conjunto de declarações de circunstância de vários responsáveis governamentais.

As decisões anunciadas no final da reunião do conselho de ministros — considera o organismo de direcção do PCP do distrito de Lisboa — «não respondem cabalmente às principais preocupações dos trabalhadores e dos comerciantes» atingidos pelo sinistro.

Numa «primeira apreciação», a DORL afirma que tais medidas **«não salvaguardam plenamente o direito ao posto de trabalho e ao salário dos trabalhadores até à normalização definitiva da situação».**

Por outro lado, **«não respondem às principais apreensões dos comerciantes»**, nomeadamente: «garantia do vínculo contratual do arrendamento, solução para as pesadas obrigações fiscais que dão acesso às indemnizações e a situação criada com a impossibilidade de recuperação do IVA».

Também não se notam, da parte do Governo, providências que impeçam «soluções de especulações imobiliária».

Na sequência das posições que já divulgou, a DORL do PCP reclama que, ultrapassando os atrasos que subsistem, se dê rápida con-

cretização às medidas tendentes a:

- defender os direitos dos **trabalhadores** das empresas atingidas, garantindo-lhes o direito ao posto de trabalho e o pagamento integral dos salários até à normalização da situação;

- garantir aos **comerciantes** o direito ao vínculo contratual do arrendamento, bem como da resolução dos principais problemas fiscais;

- adoptar iniciativas legislativas de emergência para garantir a completa aplicação das medidas atrás referidas;

- elaborar um **plano de recuperação** que preserve as características e a traça das edificações da zona da baixa, revitalizando-a e respeitando a fixação do comércio e a ampliação da habitação;

- garantir o **realojamento na zona** dos moradores atingidos pelo incêndio;

- instituir mecanismos de expropriação que assegurem a posse pública dos edifícios perante uma eventual intenção de venda a terceiros;

- defender o direito de opção da CML na compra dos edifícios que eventualmente venham a ser postos à venda, assegurando a **reconstituição das suas funções**;

- avaliar rigorosamente os meios de prevenção disponíveis, as formas de acesso e as condições de segurança dos principais bairros e núcleos históricos da cidade;

- reforçar a fiscalização da aplicação das medidas de segurança nos edifícios de uso público, designadamente

nas zonas comerciais;• implementar legislação complementar que garanta o efectivo cumprimento das normas de segurança.

É urgente mudar

Renovando o compromisso de «não deixar cair no esquecimento os gravíssimos problemas que estão por resolver» em Lisboa, a DORL do PCP afirma que «não é possível admitir que, depois das declarações governamentais e camarárias de que tudo se resolverá, passem os dias e as semanas sem que se desencadeiem acções práticas fundamentais».

Para os comunistas de Lisboa «a tragédia de 25 de Agosto constituiu um alarme geral sobre o muito que vai mal na capital do país e que pode comprometer o seu futuro».

O desastre que atingiu o Chiado — sublinha a DORL — coloca a todos os que amam e querem salvar Lisboa, uma reflexão séria sobre a urgência de uma orientação geral planificada e coordenada de defesa, recuperação e desenvolvimento da cidade e de uma nova gestão que afaste a especulação, o compadrio, a irresponsabilidade, a incompetência e coloque no centro das preocupações da Câmara as pessoas, os seus problemas e aspirações e o progresso de Lisboa no respeito pelo seu património milenário».

Internacional

África Austral

O boicote às negociações de paz

A ronda de conversações quadripartidas sobre a África do Sudoeste que ontem começou em Brazzaville — e da qual à hora do fecho desta edição se desconheciam os resultados — foi antecedida por uma tal campanha de desinformação que legítimo se torna concluir que há forças apostadas em fazer fracassar todos os esforços de paz.

O primeiro sinal visível surgiu a semana passada quando, após inusitada insistência nos desacordos entre Angola, África do Sul e Estados Unidos quanto ao calendário da retirada das forças cubanas de Angola, o jornal «Washington Times» anunciou o aumento dos efectivos cubanos naquele país.

A «notícia» citava «funcionários» do Departamento de Estado norte-americano, muito convenientemente não identificados, e garantia que nos últimos dias o número de militares cubanos aumentara em cerca de dez mil, bem como elevadas quantidades de armamento, aviões e tanques.

Como seria de se esperar, a «notícia» correu mundo, reproduzida pela generalidade dos órgãos de informação.

Curiosamente, na passada sexta-feira, o porta-voz do citado Departamento, Phyllis Oakley, veio a público desmentir a divulgação de qualquer informação sobre o assunto, afirmando claramente que os EUA «não têm provas de um crescimento recente dos efectivos cubanos».

Não sendo os EUA suspeitos de particular simpatia pelos cubanos ou pelos angolanos, forçoso se torna acellar como verdade a afirmação de Oakley. Porquê então ela teve tão escassa repercussão na generalidade da imprensa, que preferiu continuar a agitar o espantinho do aumento das forças cubanas e os comentários a propósito de responsáveis sul-africanos?

O desmentido feito sobre a questão pelo responsável do Departamento de Informação

e Propaganda de Angola, Paulino Pinto João, que a France Presse divulgou, não impediu que a mesma agência, bem em cima da reunião de Brazzaville, enviasse para os jornais um despacho afirmando que o reinício dos combates no Sul de Angola «fará pesar o clima das conversações».

Simultaneamente, e não certamente por acaso, Jonas Savimbi, da Unita, dava uma conferência de imprensa para acusar o representante norte-americano nas conversações, Chester Crocker, de estar «a entregar as cartas do baralho a Angola» e de «tentar cavar as sepulturas dos seus amigos». Os «amigos», está bom de ver, são os bandidos armados da Unita.

Por outro lado, na África do Sul, o ministro da Defesa, general Magnus Malan, aceitava como um facto a notícia do «Washington Times» e afirmava que as conversações de paz não impediriam a África do Sul de intervir «para defender os seus interesses na região», fórmula que de há muito se tornou sinónimo de ataques a Angola.

Já agora, valerá a pena recordar o atentado bombista registado na capital da Namíbia contra um hotel onde não se pratica a discriminação ra-

cial, logo após o anúncio pela SWAPO de um cessar-fogo de forma a permitir dinamizar a implementação da Resolução 435 da ONU para o território. Os sul-africanos acusaram de imediato aquela organização, que entretanto desmentira qualquer responsabilidade no atentado.

Não sobram muitos motivos para duvidar que há de facto quem esteja empenhado em fazer fracassar as negociações de paz em curso, em especial num momento em que os acordos já alcançados estão a ser postos em prática.

A retirada das tropas sul-africanas de Angola; a retirada da Namíbia e a chegada ao território de forças de paz da ONU, previsíveis a curto prazo; o inevitável acordo sobre o calendário de retirada das forças cubanas de Angola; o acordo sobre a data da implementação da Resolução 435, entre outros aspectos, dão às conversações um carácter cada vez mais irreversível.

Compreende-se que isso não agrade à Unita, condenada a desaparecer sem o suporte sul-africano e o auxílio norte-americano; nem tão pouco aos sectores mais extremistas da África do Sul, cada vez menos realistas quanto às possibilidades de sobrevivência de um regime e de uma política universalmente condenados; nem sequer aos círculos mais reaccionários dos EUA, que não desdenhariam de ver proteladas algumas negociações até ao desenlace das próximas eleições norte-americanas.

Há que esperar para ver como todas estas questões vão pesar nas negociações de paz.

Afeganistão

Notícias de guerra e de recuperação económica

Mísseis tipo «terra-terra» foram utilizados no bombardeamento da zona do aeroporto internacional de Cabul, no passado dia 1 de Novembro. Um exemplo apenas das quotidianas notícias de guerra que nos vêm do Afeganistão, onde entretanto — pelos caminhos consagrados em Genebra — as vão construindo as perspectivas de paz. Também — por força das circunstâncias — com armas.

Num balanço à actividade terrorista entre 15 de Maio, data da entrada em vigor dos acordos de Genebra, e 15 de Julho, divulgado na capital afegã, registaram-se 2914 ataques armados e outras 96 acções terroristas, de que resultou a morte de 448 pessoas e ferimentos em 500 outras.

Nos últimos dias de Agosto, aviões de combate e helicópteros soviéticos tiveram mesmo que ser utilizados para apoiar as tropas afegãs na cidade de Kunduz, onde grupos terroristas irromperam, assassinando civis, saqueando e destruindo habitações, tendo nomeadamente sequestrado 200 alunos de uma escola.

Na declaração à imprensa, a propósito dos acontecimentos de Kunduz, o porta-voz do ministério dos Negócios Estrangeiros soviético, Guerassimov, sublinhou que tais acontecimentos «resultaram directamente da contínua violação dos acordos de Genebra e da ingerência armada a partir do território paquistanês nos assuntos internos do Afeganistão».

Este esforço de sabotagem dos acordos de Genebra, passa também por toda uma campanha destinada a dificultar o mais possível o regresso dos refugiados. Nos acampamentos de refugiados, representantes dos bandos terroristas tentam persuadir de um não regresso,

argumentando com os bombardeamentos (obra sua) a cidades e aldeias afegãs.

Simultaneamente fazem-se correr boatos de pretensos bombardeamento por tropas afegãs e soviéticas e de que o governo de Cabul não estaria em qualquer caso em condições de cumprir o seu compromisso de facilitar casa e trabalho aos que regressam.

O outro lado da realidade

A União Soviética vai prestar assistência ao Afeganistão nos domínios da prospecção geológica de minerais e no desenvolvimento da indústria de gaz do país, no quadro de um conjunto de acordos assinados há dias entre os dois países.

Os acordos, que vigorarão entre este ano e 1990, prevêem a realização, por diferentes organizações soviéticas, de estudos de prospecção e o fornecimento do respectivo equipamento necessário, bem como o envio ao Afeganistão de técnicos soviéticos para a recolha de dados e a formação de especialistas afegãos nessas áreas.

Os acordos contemplam também assistência técnica na construção e instalação da indústria de gaz e no aproveitamento de jazigos de gaz.

Paz e desenvolvimento an-

dam de mão dada. E enquanto no plano político e militar arduamente se luta para fazer sair o país de um quadro de guerra quotidiana, lançam-se no plano económico as bases para a recuperação económica. Estes acordos são um elemento e um exemplo desse esforço. Uma das prioridades políticas para o povo afegão.

Nas palavras do actual primeiro-ministro afegão, Mohammed Hassan Sharq, «a reconciliação nacional, o restabelecimento da paz no Afeganistão, a recuperação da economia nacional arruinada pela guerra, a ajuda aos refugiados que regressam ao país, são em síntese as tarefas do novo governo afegão».

Também em termos económicos, os custos da guerra são muito elevados — 60% do orçamento vai para as despesas com a defesa. Uma realidade que se traduz num enorme empobrecimento de um país que a revolução de 78 tenta arrancar a um profundo subdesenvolvimento.

Neste momento a acção para concretizar na prática as perspectivas abertas pela revolução desenvolve-se em todos os domínios. Militar, onde se conta com um exército afegão organizado e reforçado. Político, com a política de «reconciliação nacional». Diplomático, de que os acordos de Genebra são uma consagração. Económico — e aqui, como diz o primeiro-ministro afegão, contamos com «a ajuda dos nossos amigos, antes do mais da União Soviética que nos ajudou a aguentar firme num momento difícil da nossa história».

Coreia Popular, 40 anos

Dia 9 de Setembro, a República Popular Democrática da Coreia festeja o 40.º aniversário da sua fundação. Anos de uma vida difícil, marcados pela guerra e a divisão do território e do povo coreano em dois Estados, mas também por êxitos assinaláveis. Aqui, como noutros lados, parte-se para a construção do socialismo, de bases socioeconómicas caracterizadas por um grande atraso, e também pelas destruições.

Os números do progresso económico são impressionantes. Referimos alguns exemplos. O valor total da produção industrial de 1986 é de 474 vezes mais em comparação com 1946. Hoje (os números são de 1986), o rendimento nacional per capita é de 2400 dólares. A economia nacional é capaz, no fundamental, de satisfazer as necessidades do país tanto no plano agrícola como industrial.

O país, que não contava com um único instituto antes da libertação, forma hoje téc-

nicos e especialistas em 244 universidades. No plano da resposta às necessidades sociais fundamentais, está garantido o pleno emprego, o ensino e a assistência médica gratuitos.

Actualmente os coreanos trabalham no quadro do terceiro plano septenal (1987-1993). Neste período, prevê-se que a produção industrial e agrícola venham a crescer, respectivamente, em 1,9 e 1,4 vezes.

Na opinião dos camaradas coreanos, ao fim deste período, a República Popular De-

mocrática da Coreia alinhará com os países avançados no plano económico internacional.

Pela paz Conferência conjunta

A sessão do Comité Permanente da Assembleia Popular Suprema da RPDC, realizada no passado dia 20 de Julho, aprovou importantes documentos que se inserem no esforço de criar premissas de paz na Península.

Concretamente, dia 21 de Julho foram entregues à Coreia do Sul uma carta à Assembleia Nacional e um projecto de «Declaração conjunta de não-agressão entre o Norte e o Sul».

A carta refere antes do mais a premente necessidade de convocar uma conferência conjunta dos Parlamentos do Norte e do Sul,

que se poderia reunir alternativamente em Pyongyang e Seul. Os deputados de ambos os países teriam nestes debates sobre o desanviamento na península, idênticos direitos, fossem do Norte ou do Sul.

Avança-se mesmo a possibilidade de participação de representantes de outros

partidos políticos e organizações e personalidades de diferentes sectores.

A carta sublinha que o problema de aliviar a tensão na Península é tarefa comum do Norte e do Sul e da sua solução dependem os passos subsequentes da paz e de uma reunificação pacífica do país.

Delegação do PCP visita Angola

A convite do MPLA — Partido do Trabalho, uma delegação do Partido Comunista Português visitará a República Popular de Angola a partir do próximo dia 13 de Setembro.

A delegação do PCP será composta por Octávio Pato e Carlos Costa, membros da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, e Albano Nunes, membro do Comité Central e responsável da Secção Internacional.

Esta visita tem lugar no quadro das tradicionais relações de amizade, cooperação e solidariedade existentes entre o MPLA — Partido do Trabalho e o Partido Comunista Português.

No projecto de declaração conjunta sobre não-agressão põe-se particularmente a tónica na resolução pelo diálogo político dos problemas pendentes e na redução dos enormes aparelhos militares em confronto, naturalmente com destaque para a retirada das tropas e armas estrangeiras (americanas), nomeadamente nucleares, da Península.

É particularmente importante destacar que estas propostas e esta linha política de diálogo, paz e mesmo unificação, contam com activo apoio popular no Sul. Apoio que se manifesta, não só em tomadas de posição política, como em manifestações e lutas de rua, apesar da violência repressiva.

A paz e a unificação afirmam-se assim como uma exigência popular do povo coreano, a Norte e a Sul.

Internacional**Chile**

Pinochet sucede a Pinochet!

Foi sem surpresa que a opinião pública internacional tomou conhecimento, a semana passada, da decisão dos chefes militares chilenos de propor Augusto Pinochet para um novo mandato presidencial de oito anos.

Presidente do Chile desde 1973 — data em que um sangrento golpe militar derrubou o governo de unidade popular de Salvador Allende e submeteu o país à mais férrea ditadura — Pinochet pretende manter-se no poder custe o que custar. É assim que, a par de uma série de medidas tendentes a dar do regime uma imagem nova, se agita de novo o fantasma da possibilidade de um golpe militar, caso Pinochet sofra uma derrota no referendo marcado para 5 de Outubro próximo.

As hipóteses de que tal venha a acontecer são escassas. Em primeiro lugar, porque ninguém duvida de que o plebiscito, a que Pinochet é o único candidato, seja tudo menos livre. A maioria das forças da oposição crê que pode vir a repetir-se a fraude eleitoral de 1980, nas eleições para a Constituinte.

Por outro lado, o domínio absoluto do aparelho de Es-

tado pelas forças afectas à ditadura, bem como o empenhamento dos militares em torno de Pinochet, está longe de garantir a isenção necessária para a realização de um escrutínio em que a população possa exprimir livremente o seu voto e, sobretudo, vê-lo respeitado.

De referir a propósito que a designação de Pinochet pelos militares provocou a desilusão de certos sectores

políticos moderados do Chile, até ao último momento confiados na informação de que certos chefes militares preferiam um candidato civil e mais jovem. Embora não seja de excluir a existência de tendências nesse sentido, a reunião de chefias deixou claro que a escolha de Pinochet estava decidida há muito: os comandantes das diferentes armas gastaram apenas uma das 48 horas de que formalmente dispunham para indicar um candidato.

Cabe salientar o facto de a decisão, anunciada pelo próprio Pinochet à janela do Palácio de La Moneda, ter provocado de imediato manifestações de protesto em todo o país, onde de novo soaram os tachos e as panelas. A intervenção da polícia levou à detenção de mais de 1100 manifestantes, enquanto em Santiago desconhecidos faziam três mortos e mais de uma dezena de feridos. Simultaneamente, a ma-

nifestação de apoio a Pinochet junto ao palácio presidencial ficava muito aquém das expectativas oficiais (cerca de dez mil pessoas em vez das cem mil esperadas), na maioria funcionários públicos.

A demagogia de Pinochet

O velho ditador chileno não se tem poupado a esforços, nos últimos tempos, para dar ao seu regime uma aparência de abertura e de democracia. Para além de pretender legitimar a sua permanência no poder, suspendeu algumas das medidas impostas à imprensa e anunciou o fim das disposições que até à data impediam o regresso ao país de centenas de exilados políticos.

Embora muitos dos exilados estejam a aproveitar a medida para voltar ao seu país, importa não perder de

vista que a ditadura não lhes reconhece o direito de cidadania, pelo que regressam à própria pátria como estrangeiros, com todas as limitações de direitos que o facto comporta.

Também o levantamento de estado de emergência é visto como uma tentativa de dar credibilidade ao referendo de 5 de Outubro, sem que corresponda na prática a um abrandamento da vigilância e da repressão exercida sobre a população. Da mesma forma é encarada a recente legalização de alguns partidos políticos, que Pinochet está interessado em deixar participar no Congresso a eleger em 1990. A real dimensão desta «abertura» pode ser avaliada pelas palavras do próprio Pinochet, que considera ser necessário «mais tempo» para que os partidos possam estar preparados para assumir o controlo do país. Ou ainda pelas palavras do presidente da Junta militar, o almirante Toribio Merino, que ao fazer o elogio de Pinochet insistiu nos mais primários ataques às forças de esquerda, em particular aos seguidores do marxismo, classificando-os de «seres sem alma e por isso não humanos».

Embora as actuais condições existentes no Chile possam evoluir fugindo ao controlo das forças da ditadura — a inscrição de eleitores nos gabinetes de recenseamento ultrapassou todas as expectativas, o que pode significar muita coisa — cabe referir que, no momento, o maior obstáculo ao derrube de Pinochet está na divisão das forças de esquerda. Até ao momento, e após um conturbado período para formar uma frente comum contra a ditadura, a oposição não conseguiu ainda definir uma estratégia a adoptar face ao plebiscito de 5 de Outubro. Enquanto uns defendem o boicote massivo às urnas, outros defendem a participação activa nas eleições com o «Não» a Pinochet.

O Partido Comunista Chileno, cujo secretário-geral Luis Corvalan deve regressar em breve ao país, propôs no passado fim-de-semana um acordo de toda a oposição até 5 de Outubro, de forma a adoptar-se uma «atitude conjunta contra a fraude» eleitoral que a Junta Militar de Pinochet está a preparar. Segundo os comunistas chilenos, este será o único caminho para pôr fim à ditadura e instalar de novo no país uma democracia plena.

(«A Ofensiva contra os salários e regalias» — «Avante!», VI Série, n.º 122, 1.ª quinzena de Setembro de 1948)

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS!

«A pretexto de que há falta de pão, a Comissão Reguladora resolveu cortar a ração de pão ao povo da região de Grafe. Não contente com este roubo, entrega as senhas do racionamento sempre com 2 e 3 dias de atraso. Assim, os grandes lavradores, os sugadores do povo, vão assambrando o milho para depois o venderem no mercado negro. Assim, o governo de traição de Salazar mata à fome o povo português para que os seus lacaios enriqueçam ainda mais.

Mas o povo de Grafe, cansado das explorações de que tem sido vítima, e desesperado com o corte da ração do pão e com a demora da entrega das senhas, resolveu acabar com aquela desesperada situação de fome. E, se bem o pensou... Juntou-se e, em massa, foi junto do Regedor exigir que a ração fosse distribuída por inteiro e que as senhas fossem entregues na respectiva data. Como o regedor dissesse que não tinha autoridade para fazer cumprir a lei, o povo elegeu uma comissão para exigir que as autoridades do concelho obrigassem os lavradores a fazer a respectiva distribuição do grão de milho a que o povo tem direito.

As autoridades, receosas, tomaram providências imediatas. O presidente da câmara, padre António José Dias, foi a Garfe dar ordem ao padre da freguesia, fascista e explorador, para que fornecesse o grão de milho exigido».

(«O povo de Grafe luta pelo pão» — «Avante!», VI série, N.º 62, 2.ª quinzena de Setembro de 1944)

AVANTE!
Proletários de todos os países UNI-VOS!

«Os lavradores ricos do concelho de Baião, não satisfeitos com o que têm sugado aos camponeses pobres, levaram a câmara de Baião a lançar uma postura contra o gado miúdo: só poderia ter gado miúdo «quem tivesse terras de pasto e pagasse uma contribuição de 50\$00» para que o gado pudesse transitar pelos caminhos públicos.

Assim acabava o último recurso dos camponeses pobres que vivem na mais terrível exploração. E, deste modo, os lavradores ricos do concelho de Baião podiam, à custa da miséria do povo e com o apoio do Estado fascista, negociar em alta escala com o gado, com a lã e as crias.

Mas os camponeses pobres do concelho e todo o povo em geral souberam fazer frente a mais esta exploração. Todo o povo se opôs e os camponeses pobres venceram. A postura camarária foi anulada.

(«Vitória camponesa em Baião» — «Avante!», VI Série, n.º 62, 2.ª quinzena de Setembro de 1944)

Praga, 20 anos depois

Vinte anos depois de Praga, os dramáticos factos de então são novamente agitados. Há quem hoje pretenda mesmo identificá-los a uma «perestroika» checa que teria sido jugulada pela intervenção militar do Tratado de Varsóvia.

Aliás, não é este um exemplo isolado de tal esforço de identificação.

A força de atracção exercida pelo processo revolucionário que hoje se vive na União Soviética, leva a que muitos se lhe colem — verbalmente, claro está — e assimilem à perestroika ideias, conceitos, práticas, que lhe são mesmo completamente avessas. Bastará lembrarmos aqui as campanhas desenvolvidas pelos vários meios de informação burguesa, apresentando-a como um regresso aos valores e prática do capitalismo.

No que aos acontecimentos de há 20 anos concernem, qual a posição hoje dos camaradas checoslovacos?

Nas palavras de Milos Jakes, actual secretário-geral do CC do Partido Comunista da Checoslováquia, por ocasião do 40.º aniversário da vitória da classe operária em Fevereiro, «o tribunal da história é severo e inexorável. Entre a perestroika na União Soviética e no nosso país e as intenções da direita naqueles anos há um verdadeiro abismo. Se o nosso objectivo é desenvolver os legados revolucionários do grande Outubro e de Fevereiro de 1948, recuperar o socialismo autêntico e utilizar plenamente todas as suas vantagens e possibilidades, a actividade de direita em 1968, fosse qual fosse a fraseologia em que se escudava, visava destruir o regime socialista, vingar-se das realizações revolucionárias do Fevereiro vitorioso e conseguir que o nosso país abandonasse a Aliança dos Estados do Tratado de Varsóvia.

«Estas forças, contrariamente aos anseios do povo que acolheu com esperança e aprovação as decisões do plenário de Janeiro (1968) do CC do PCP, reduziram a nada a possibilidade, surgida naquele momento, de solucionar importantes problemas, por sua culpa elementos anti-socialistas conseguiram espaço para a sua actividade subversiva. Em consequência de tudo isso, o nosso país viu-se à beira de

um golpe contra-revolucionário. As forças sadias no Partido e na Sociedade davam-se conta do crescente perigo e travavam contra ele uma luta difícil e complexa, mas a direcção do Partido nessa altura não soube unificar estas forças. A evolução dos acontecimentos só não teve um desenlace trágico graças à ajuda internacionalista dos nossos amigos».

Esta a posição hoje dos camaradas checoslovacos, face aos acontecimentos de há 20 anos.

Posição que não escamoteia os enormes esforços — «utilizando unicamente métodos políticos» — que foi necessário desenvolver para superar a crise. E tão pouco os problemas que caracterizam os anos 70 e 80, a necessidade de «realização de transformações radicais na economia e em toda a sociedade».

Transformações agora na ordem do dia, e para as quais significativamente se aposta na democracia.

Utilizando uma vez mais as palavras de Milos Jakes: «Entendemos a **democracia socialista como força motora real do desenvolvimento social** são, como factor-chave que exerce uma influência considerável na vida, no comportamento e na mentalidade do homem e no clima geral na sociedade».

Nota do Secretariado do CC do PCP

O «Diário de Notícias» de 1 de Setembro, publicou um artigo de Zita Seabra, membro do Comité Central do Partido Comunista Português, com o título «Praga, 20 anos depois», em que se abordam os acontecimentos de 1968 na Checoslováquia.

Para evitar qualquer equívoco, considera-se necessário informar que nesse artigo é defendida uma opinião frontalmente contrária à posição assumida pelo PCP e o seu Comité Central e em relação à qual nunca Zita Seabra manifestou qualquer discordância.

2.9.88

O Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português

a festa! /

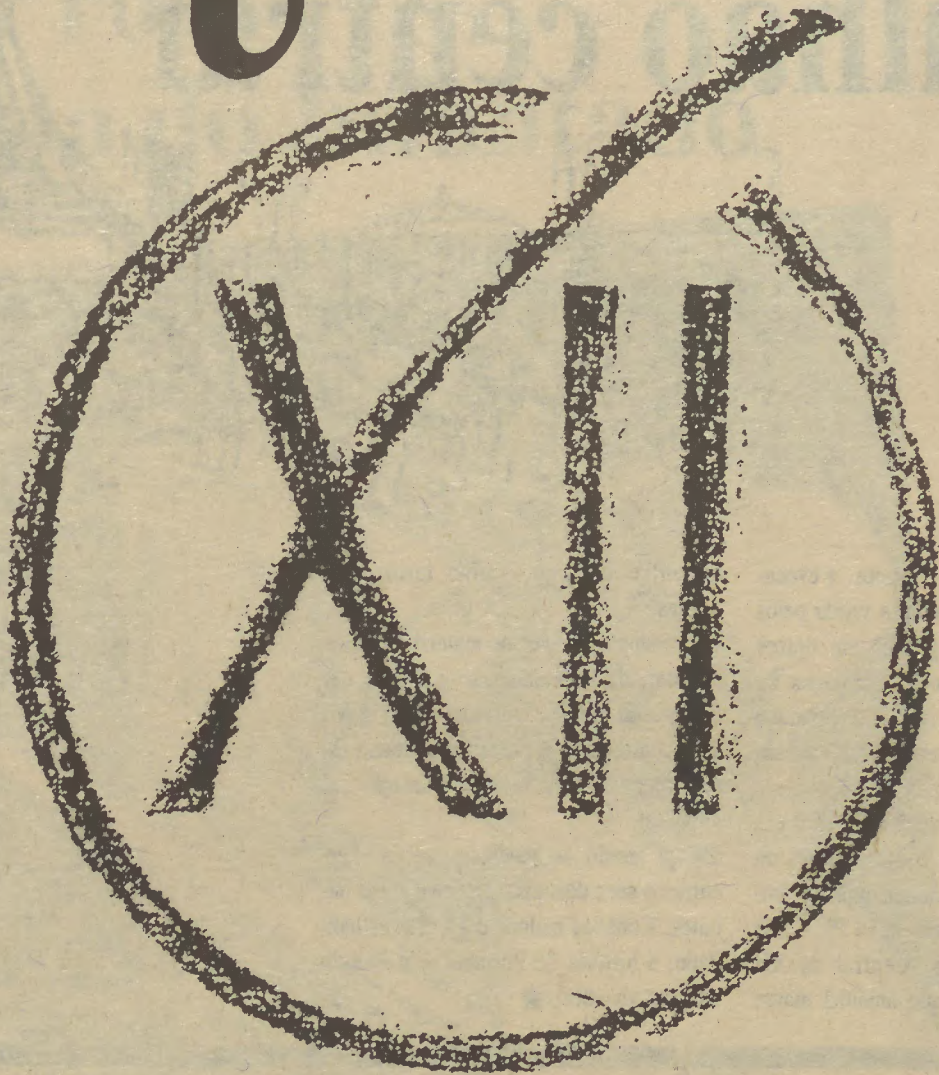
LOURES • 9, 10, E 11 SETEMBRO

Avante!

Director
António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 9
8 de Setembro de 1988

Não pode ser vendido
separadamente



a festa!

LOURES • 9, 10, E 11 SETEMBRO

Abre amanhã!

À descoberta do pavilhão central

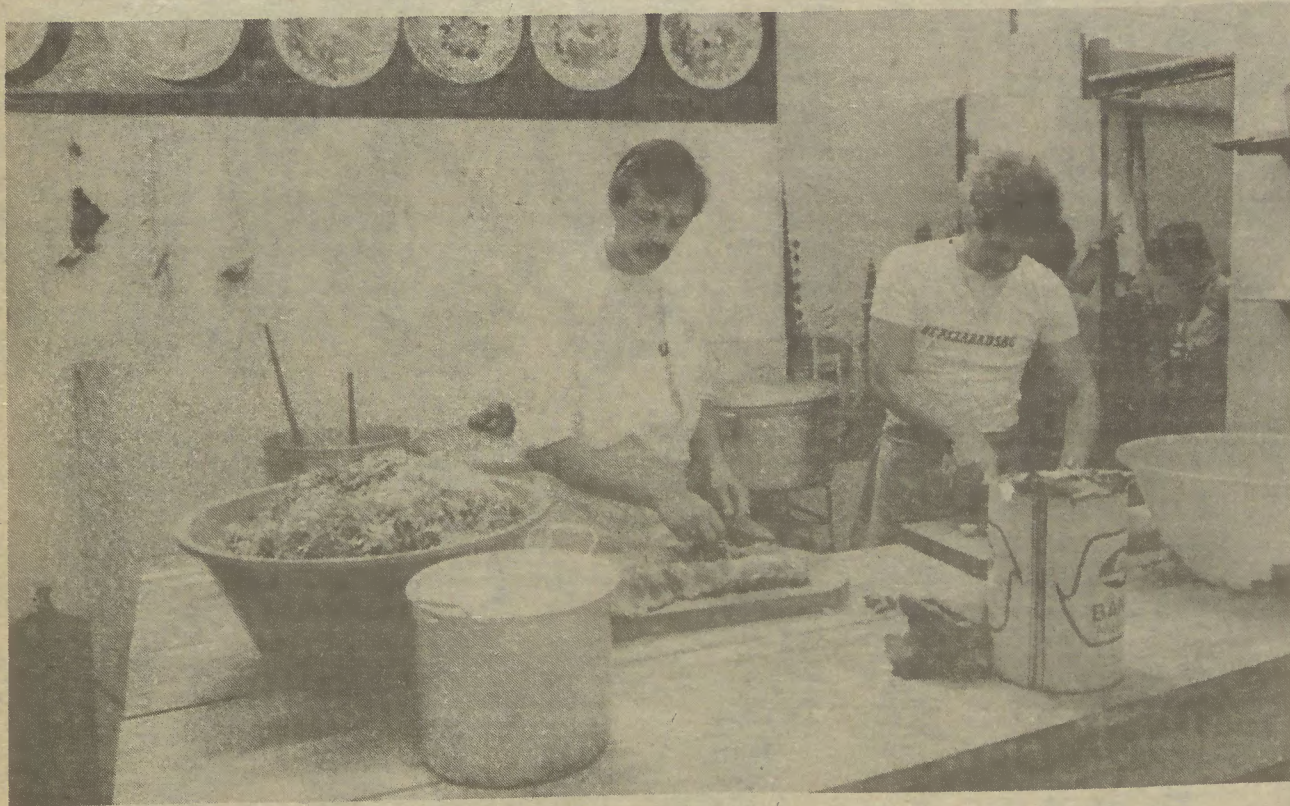


A exploração do Cosmos, a evocação de 600 anos de aventura vivida pelos Descobridores portugueses em mares nunca antes navegados, os espaços de convívio e debate das ideias (incluindo o Café da Amizade) e uma grandiosa exposição política dividida em 4 núcleos fundamentais (A Revolução de Abril e a actualidade, o Partido, os Congressos do PCP e as propostas fundamentais do projecto de novo Programa do PCP) — são destaques no Pavilhão Central da XII Festa do «Avante!», que amanhã marca

encontro consigo, amigo leitor, em Loures.

Para além dos diversos materiais que se expõem, da documentação gráfica e das fotografias que se apresentam, o pavilhão central não esqueceu o contacto directo com os visitantes e a animação audiovisual.

Esteja atento ao pavilhão central. Percorra os seus dois pisos. Participe nos debates. Conheça melhor o PCP, a actualidade, a história de Portugal, e o Mundo em que vivemos. ★



● **Atenção aos restaurantes da Bulgária, Checoslováquia, Cuba, Guiné-Bissau, Hungria, RDA e União Soviética**

Petiscos na Cidade Internacional

Os gastrónomos estão de parabéns. A Festa está aí à porta e são três dias em que a profusão dos mais variados petiscos só tem paralelo na grande vontade de os provar.

Temos a comida tradicional portuguesa e, claro, a estrangeira. Este «claro» que aqui pusemos tem um significado lógico. Os petiscos elaborados pelo engenho e a imaginação de outros povos são muito procurados pelos gastrónomos, ou simples curiosos, que se deslocam à Festa

E este ano, como já o dissemos, estão de parabéns.

No pavilhão da **Bulgária**, oportunidade de provar o «Kebabtcheta», um interessante prato composto por hambúrguer, costeletas de porco e carneiro na brasa, tudo acompanhado com salada, e ainda de se deliciar com o Chopske (tomate, queijo fresco e pepino).

No pavilhão da **Checoslováquia**, há cachorro com salsichas checas, num pão feito por um padeiro que veio expressamente para a Festa e, como não podia deixar de ser, a boa cerveja.

No pavilhão de **Cuba**, pratos tradicionais onde avulta a carne de porco fumada, e ainda com bar com Cuba Livre e Mujico Crioulo.

Quanto ao pavilhão da **Guiné-Bissau**, a oportunidade de comermos gambas, camarão, caldo de chabéu, caldo de mancarra, poportada, bringes, cafriela, peixe grelhado, siga e caldo de azeite de palma.

No pavilhão da **Hungria**, o prato forte é o já tradicional Goulash. E aqui, como tem sido hábito, a refeição é acompanhada pelo conjunto cigano Rajkó.

No pavilhão da **República Democrática Alemã**, temos sopa de couve com carne fumada à moda da saxónia e lombo assado à moda da Turíngia, com salada.

Por último, no pavilhão da **União Soviética**, temos à escolha entre o Borsh (sopa de beterraba), o Chachlik (espeta-das de carneiro), a sopa de couve fria com natas e o biftstrogonoff.

Os restaurantes da União Soviética, da Bulgária e da RDA têm um palco comum onde actuarão os grupos folclóricos Rússia, Plovdiv e Viertakt. ★

Avanteatro

no solar rosa da Quinta do Infantado

Retomando a iniciativa lançada na Festa de 1986, o Avanteatro deste ano dispõe de espaço próprio, que o visitante facilmente identificará: trata-se do velho solar côr-de-rosa da Quinta do Infantado, «ali» junto à zona do desporto.

Do aliciente programa do Avanteatro que começa amanhã em Loures, um primeiro destaque para o grupo de mimos de Praga, os Non Sense, que darão durante a Festa cinco espectáculos, dois dos quais especialmente destinados às crianças. Recorde-se, entretanto, que em 1984 a Festa do «Avante!» já dedicara um festival ao espectáculo da mímica.

Do programa deste ano faz parte a exibição das marionetas através dos Bonecos de Santo aleixo, do Centro Cultural de Évora.

O Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett, o Teatro da Rainha (da conhecida cidade de Caldas, no sul do distrito de Leiria), o Clube de Teatro de Algés e «A Barraca» são outras presenças em foco no Avanteatro 88. ★



Depoimento

Luís Francisco Rebello: Lugar ao teatro! A festa continua!

«O teatro renasce sempre», diz Luis Francisco Rebello, nome bem conhecido da vida cultural portuguesa em breve depoimento sobre a realização do Avanteatro. Aqui ficam as suas palavras:

Diz-se «a festa», e não há quem não saiba (mesmo que finja o contrário...) de que festa se trata: é, só pode ser, a festa do «Avante!»

Pensa-se no teatro, e logo se lhe associa uma ideia; a ideia de festa. Festa do espírito, festa dos sentidos.

Eis porque o teatro não poderia nunca estar ausente da festa do «Avante!»

Uma palavra única, «Avanteatro», basta para significar a fusão entre o teatro e a festa, entre a festa e o teatro — na realidade inseparáveis.

Durante estes três dias de festa, actores, marionettes, mimos, pela palavra e pelo gesto, irão mostrar como o teatro, arte comunitária por excelência, repercute as pulsações colectivas, acompanha — quando não se lhe antecipa o movimento imparável dos que trazem consigo o futuro e os ajuda a construí-lo.

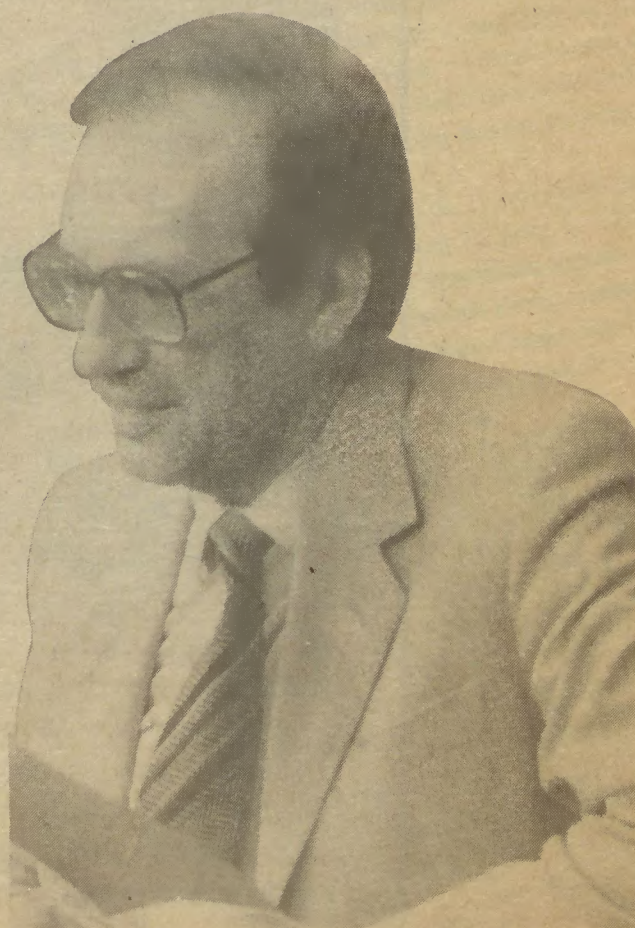
Aproveitando e enriquecendo a experiência do primeiro Avanteatro, em 1986, grupos e companhias nacionais e uma companhia de Praga (Checoslová-

quia), na variedade das suas experiências e propostas, virão trazer-nos prova exuberante da riqueza e vitalidade desta arte multiseccular mas sempre nova, amada pelo povo, temida pelos seus inimigos.

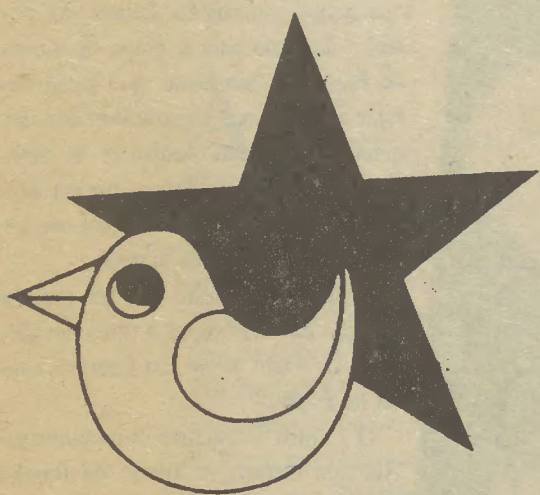
Em vão procuram estes reduzi-lo ao silêncio, estrangulá-lo. O teatro renasce sempre.

Como agora. Como aqui.

Lugar, pois, ao teatro! A festa continua. ★



Animação no Palco dos Pioneiros



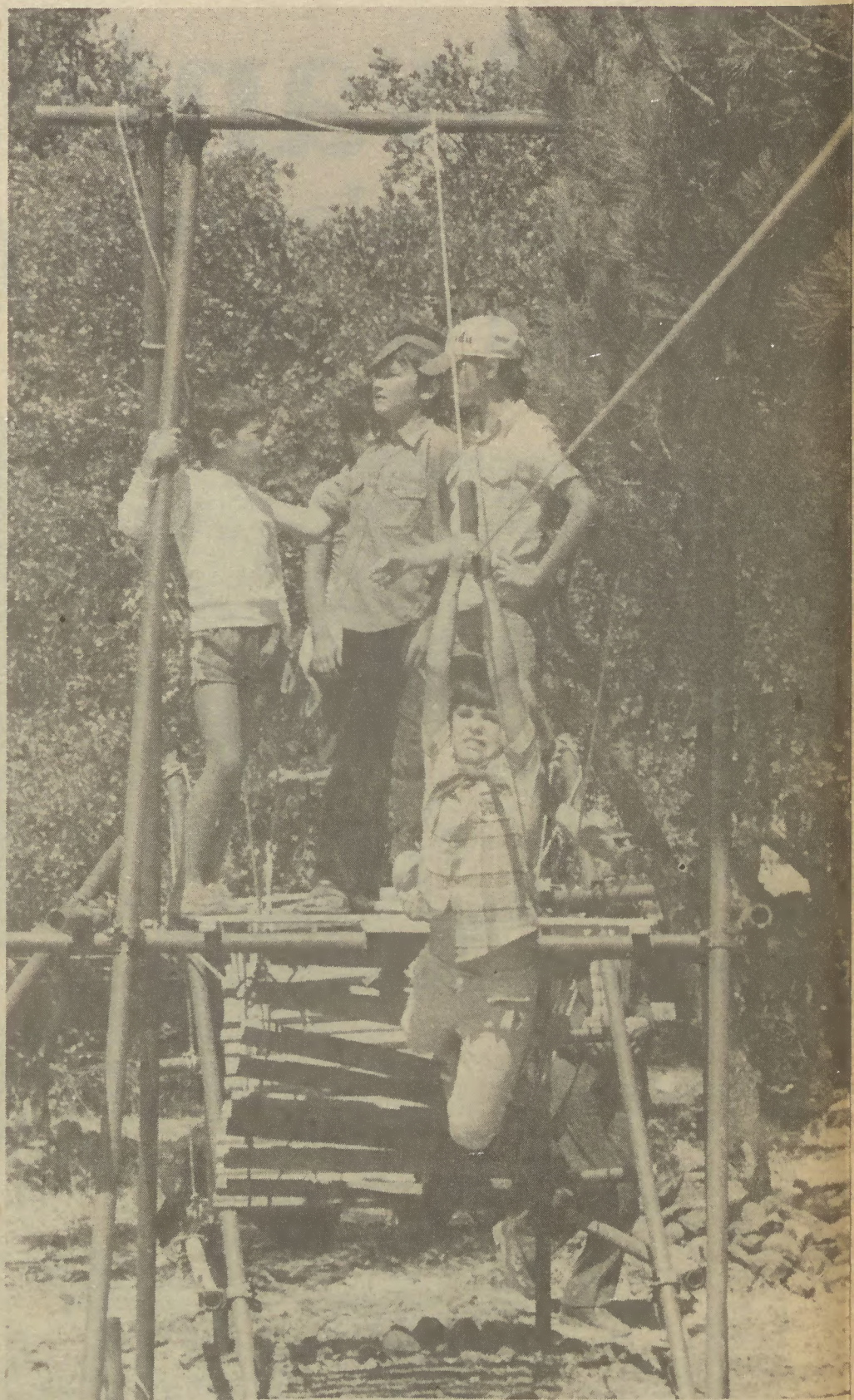
Palcos há muitos na Festa do «Avante!» E um deles é dos **Pioneiros**. Aqui fica a sua programação:

Sábado/dia 10

12 h. — Núcleo dos Pioneiros do Cacém
12.30 h. — Núcleo dos Pioneiros de St.º Adrião
13 h. — José Jorge Letria
13.30 h. — Ana Lúcia Correia, uma organista de 14 anos
14 h. — Núcleo dos Pioneiros de Viana do Alentejo — lugar ao folclore
15 h. — Palhaços: **Fraldinha e Sabonete**
16 h. — Mais palhaços

Domingo/dia 11

11 h. — Zurk, ilusionista
12 h. — Núcleo dos Pioneiros de St.º Adrião (atenção aos acordeonistas Célia e Luís)
13 h. — Fandanguistas de Alpiarça
15 h. — Grupo de teatro de marionetas «Trosi e companhia» («O Jardim de Trosi»)
16 h. — Delphim Miranda/Histórias de Contar (com bonecas) ★



De Trás-os-Montes ao Algarve, dos Açores à Madeira, das Beiras — litoral e interior — ao norte minhoto e portuense, do Ribatejo a Leiria, de Lisboa a Setúbal, passando pelo Alentejo — todas as organizações regionais do PCP estão representadas a partir de amanhã no grande convívio de Loures. Consigo, trazem a realidade, os problemas e as aspirações do País real, as artes e as tradições populares, os costumes e os projectos das regiões. Artesanato, exposições políticas e culturais, gastronomia e muita imaginação criativa são motivos mais do que suficientes para que os milhares de visitantes da Festa procurem as ORs do PCP. O convite está feito. ★

Depois...

Na altura em que este jornal sair, ainda a Festa não começou, mas desde já aqui fica a lembrança.

Quanto na antiga quinta do Infatado em Loures, se derem por terminados os três dias da Festa, há que começar a pensar na desimplantação.

E se é na altura própria que se começa a pensar em retirar do terreno os pavilhões da Festa, melhor tempo é para o começar a fazer.

Por isso, aqui fica a lembrança e também a sugestão. Assentem na vossa agenda:

• **Domingo, 11, no fim da Festa, começar a desimplantação!**

Já não será uma tarefa tão aliciante quanto foi aquela de a construir, mas é igualmente necessária. Entre Setembro e Outubro são poucos os dias e depois vêm as chuvas e com elas a deterioração dos materiais.

Antes de a Festa começar, é tempo já de pensarmos para além dela. É tempo já de nos lembrarmos de que depois será necessário trabalhar para não deixar nada no local. Boa festa e... bom trabalho. ★

Siga o conselho de Rosa Mota

«Experimente os prazeres secretos da prática regular da corrida»

Corrida da XII Festa
Domingo, em Loures

Ponto alto da programação desportiva da Festa do Avante! é, sem dúvida, a Corrida a realizar no domingo (dia 11), com partida às 9.30 h. junto ao pavilhão Paz e Amizade, em Loures, passagem por Odivelas e meta no recinto da Festa. Com as inscrições a crescer a um bom ritmo, esta prova de atletismo tem merecido manifestações de apoio e valorização por parte de diversos nomes de relevo no atletismo nacional. O gabinete de Imprensa da Festa do «Avante!» tem divulgado breves depoimentos sobre a iniciativa, que este suplemento dedicado à Festa já contemplou, nomeadamente com as declarações de Armando Aldegalega, Óscar Santos, Luís Horta, Manuel Martins, José Pinto, Carlos Lopes, Moniz Pereira, Cidália Caetano, Rita Borralho, Fernando Reis e Francisco Caetano.

Hoje, nas vésperas da Corrida da Festa do «Avante!», 1988, o nosso destaque vai para as palavras de Rosa Mota (não necessita de apresentações, pois não?), que, dos Estados Unidos, onde treina afincadamente para a maratona de Seoul, enviou uma mensagem à comissão organizadora da Corrida.

Palavras simples, envolvidas por um oportuno apelo à participação de todos os cidadãos na prática salutar do desporto através da corrida:

«A corrida sempre me fascinou e para quem algum dia experimentou a sua prática comedida e regular, facilmente se prende com ela».

Diz ainda Rosa Mota:

«Muitas têm sido as provas em que tenho estado, dentro e fora do País, com milhares de representantes de todas as idades, autênticas festas de alegria que espelham saúde e boa disposição».

E acrescenta a atleta:

«Se ainda não o fez, experimente os prazeres secretos da prática regular da corrida. Não se arrependerá concerteza». ★

- Concentração dos atletas: 8.30 h junto ao pavilhão «Paz e Amizade»; sinal de partida - 9.30 h.
- Percorso: Loures/Odivelas/Loures (chegada a poucos metros da entrada da Festa, com três funis)
- Veículos da Rádio CB da Caparica na cobertura da Corrida
- Serão dados tempos de passagem aos 5, 10 e 15 km
- Cronometragem de fita à chegada
- Prémios: viagens à República Democrática Alemã para os primeiros classificados (seniores masculinos e femininos); medalhões da Festa para os 10 primeiros; serão ainda atribuídas mil medalhas, diplomas e EPs
- Dois abastecimentos durante o percurso; chuveiros à disposição dos atletas em Odivelas e Loures, cedidos pelos bombeiros voluntários; duas ambulâncias também estarão ao serviço da Corrida
- Domingo, dia 11, às 15 horas, na zona do Desporto da Festa do «Avante!» colóquio subordinado ao tema «Atletismo», com Luís Horta, Armando Aldegalega, Cidália Caetano, Rita Borralho, Mário Machado, Arons de Carvalho, Carlos Pinhão.



Rádio festa Avante! 100 Mh / FM a programação

É a seguinte a programação da Rádio Festa — com a frequência em FM de 100Mh — para os três dias do grande convívio de Loures:

• **Sexta-feira, dia 9**

Abertura da emissão às 8 horas
Manhã — Manhã em festa: música e informações
 A Festa fora dos Palcos
 A Festa nos Palcos
Tarde — Dos Descobrimentos ao Cosmos
 Abertura da Festa do «Avante!» 88
 Reportagem sobre o Pavilhão Central
Noite — Programa sobre o *apartheid*
 Informações: espectáculos, trânsito, etc.
 Palcos — transmissão em directo
 A Festa continua
 Fecho da emissão às 2 horas.

• **Sábado, dia 10**

Abertura da emissão às 8 horas
Manhã — Manhã em festa: música e informações
 Palcos — resumos em diferido
 Reportagem — Avanteatro
 O Heavy na Festa
 Grupo de Plovdiv
Tarde — Ruas da Festa — apontamentos
 Palcos — transmissão em directo
Noite — Informações: espectáculos, trânsito, etc.
 Palcos — transmissão em directo
 A Festa continua
 Fecho da emissão às 2 horas.

• **Domingo, dia 11**

Abertura da emissão às 8 horas
Manhã — Manhã em Festa: música e informações
 Palcos — resumos em diferido
 As rádios locais em Portugal
 Ruas da Festa — apontamentos
Tarde — Palcos — resumos em diferido
 Os debates na Festa — reportagem
 Palcos — transmissão em directo
 Comício da Festa — directo
Noite — Palcos — transmissão em directo
 A Festa continua
 Fecho da emissão às 2 horas.★

Chapéus há

muitos, dizia o outro. O importante é cobrir a cabeça porque em Loures, durante o fim-de-semana da Festa do «Avante!», o sol vai mesmo aquecer e quem não tomar as devidas providências pode vir a ter problemas. É fácil evitá-los.

Cubra a cabeça e beba água. Boa Festa!



Leve a festa para casa



A Festa! Quantos é que não programaram férias em função da Festa. Quanto é que não prescindem de mais um fim-de-semana calmo para irem até à Festa. Quantos é que não guardam algumas economias para assistir ao maior número dos melhores espectáculos do ano. Quantos?

Ir à Festa tornou-se quase obrigatório para muitas centenas de milhares de portugueses. Ir à Festa é desejo acalentado ao longo do ano. Organizam-se grupos, combinam-se petiscadas. Vê-se gente e está-se com gente.

Pois! Mas a Festa são apenas três dias. Quando chegar a meia-noite de domingo, são apenas as memórias que ficam. Os amigos que já não se encontravam, o

pitéu que se comeu e, claro, aquele espectáculo inesquecível.

São apenas as memórias. Só que a memória tem de ser avivada. Há que olhar para um qualquer objecto e recordar ano após ano aquele espectáculo, o amigo, ou a comezaina.

A nossa proposta é de que leve a Festa para casa. É de que leve consigo aqueles auxiliares de memória que lhe traga estes três dias que estão para vir sempre à conversa.

A nossa proposta é de que compre os isqueiros, os porta-chaves e as canetas. É de que leve para casa um pouco da Festa do «Avante!». Todas estas recordações — como é óbvio — estão à venda em Loures. Divirta-se, ... e leve a Festa para casa. ★

É fácil chegar à Festa!

Todos os caminhos vão dar a Loures

Ao longo de várias semanas temos explicado aos leitores do Avante! a localização, os acessos e os transportes mais directos para a Festa, nos terrenos da antiga Quinta do Infantado, em Loures, a escassos 6 quilómetros das portas de Lisboa.

Hoje voltamos a sublinhar a programação de um serviço especial da Rodoviária, a partir de Entrecampos, zona da cidade de Lisboa servida por diversas carreiras de autocarros e ainda por metropolitano. Trata-se de um «vaivém» permanente com autocarros de maiores proporções (tipo «lagarta»), que rapidamente farão o percurso directo Entrecampos-Festa-Entrecampos, desde a tarde de amanhã (sexta-feira) até ao regresso na noite de domingo. Esta será, sem dúvida, uma boa opção para o transporte.

Recordemos ainda outras indicações úteis. A Rodoviária Nacional (RN) tem as seguintes carreiras habituais:

- 204 — Patameiras, Odivelas, Póvoa de Sto. Adrião, Sto António dos Cavaleiros, Ponte de Frielas — Loures.
- 215 — Cacém (Est.), Venda Seca, Idanha, Belas, Água Lice, D. Maria, Caneças, Fonte da Bica, Montemor, Loures (escola) Loures.
- 301 — Sacavém (cruz.), Catujal, Apelação, Frielas, Ponte de Frielas, Loures.
- 331 — Lisboa (Entrecampos), Olival Basto, Póvoa de Sto. Adrião, P. Frielas, Loures, S. Roque, Tojal, Trancão, Bucelas.
- 332 — Lisboa (Entrecampos), Olival Basto, Póvoa de Sto. Adrião, P. Frielas, Loures, S. Roque, Tojal.
- 333 — Lisboa (Entrecampos), Via Rápida, S. Roque, Tojal, Trancão, Bucelas.
- 334 — Lisboa (Entrecampos), Olival Basto, Póvoa de Sto. Adrião,

Ponte de Frielas, Loures, Quinta do Infantado.

- 335 — Lisboa (Cç. Desterro), Entrecampos, Olival Basto, Póvoa de Sto. Adrião, P. Frielas, Loures, S. Roque, Tojal, Pintéus, Fanhões, Casainhos, Cabeço de Montachique, Vale de S. Gião, Freixial, Bucelas.

Para fazer a ligação com a Rodoviária Nacional, do Cais do Sodré — autocarros 1, 44 e 45 até Entrecampos e depois Rodoviária Nacional (RN); de Sta. Apolónia — Linha Verde (autocarros) até Entrecampos e depois RN; do Rossio — Metro ou, autocarros 1, 21, 36, 44, 45 até Entrecampos e depois RN; do Sul — Metro na Praça de Espanha (Palhavã), muda-se na Rotunda para Entrecampos e depois RN; da Casal Ribeiro — Metro Saldanha, ou qualquer autocarro até Entrecampos; dos Concelhos do Norte — saem em Loures; da Linha Azambuja — saem na estação Entrecampos e, depois RN.

Outro serviço especial de autocarros

De Vila Franca a Loures

Outro serviço especial de transportes foi montado, também, em Vila Franca de Xira.

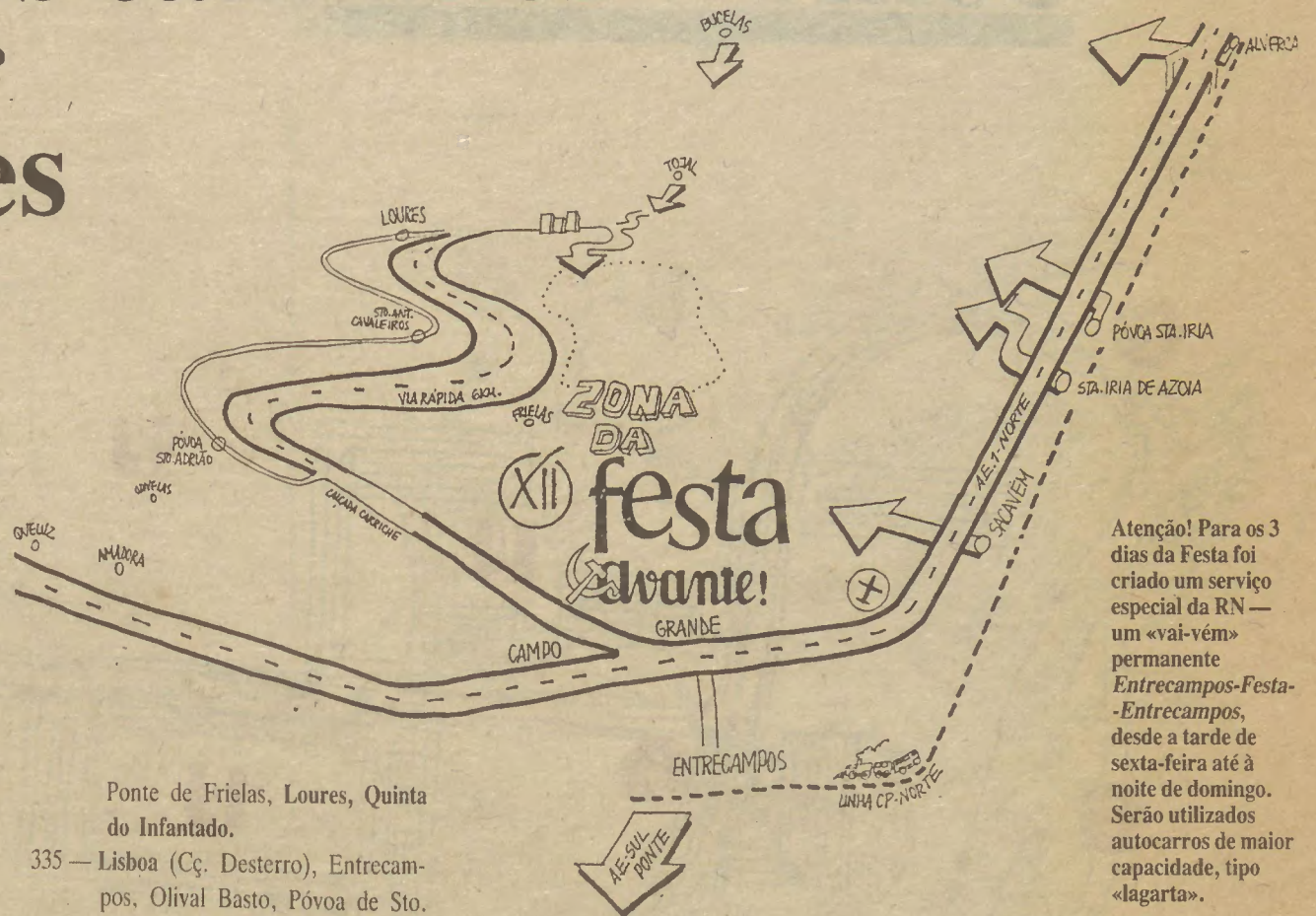
Os autocarros partem do largo da estação e fazem um percurso que passa por À-dos-Loucos, Alhandra, Sobralinho, Alverca, Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria e Vialonga, com paragem em todas estas localidades, terminando em Loures.

As partidas de Vila Franca ocorrem às 16 e 30 e 20 horas de sexta-feira e às 9.00, 11.00, 14.30 e 19.00 de sábado e domingo.

O preço dos bilhetes de ida e volta é de 300 escudos no seu percurso máximo, sendo também possível a compra de bilhetes simples.

Ainda falando neste serviço, a informação de que estes autocarros partem de Loures em direcção a Vila Franca às 23.30 e 0.30 de sexta e às 23.30, 0.30 e 1.00 de sábado e domingo.

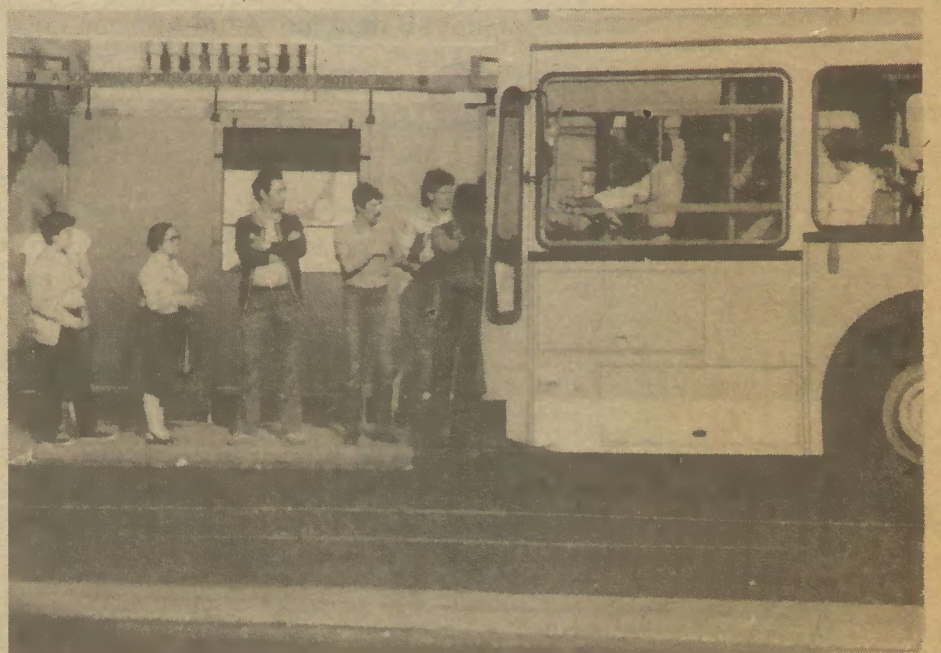
Além do mais, não esquecer que as transportadoras asseguraram um reforço das suas carreiras normais com terminus ou passagem por Loures. *



Atenção! Para os 3 dias da Festa foi criado um serviço especial da RN — um «vai-vém» permanente Entrecampos-Festa-Entrecampos, desde a tarde de sexta-feira até à noite de domingo. Serão utilizados autocarros de maior capacidade, tipo «lagarta».

Se utilizarem viatura própria, aconselham-se os seguintes percursos: do Norte — deixam a auto-estrada do Norte em Alverca e seguem por Vialonga, Quintanilha, Granja, Tojal, Quinta de S. Roque, Quinta do Infantado; do Sul — Ponte 25 de Abril, Praça de Espanha, Penta, Azinhaga, 2.ª Circular, Churrasqueira, Estádio José Alvalade, Calçada de Carriche,

Via Rápida; dos concelhos Norte — Estrada Nacional até Loures; da Linha Sintra — ou por Belas, Caneças, Montemor, Loures ou auto-estrada, Marquês de Pombal, Saldanha, Campo Grande, Churrasqueira, Estádio José Alvalade, Calçada de Carriche, Via Rápida; da Linha Cascais — Autoestrada até ao Marquês e depois segue o mesmo percurso.

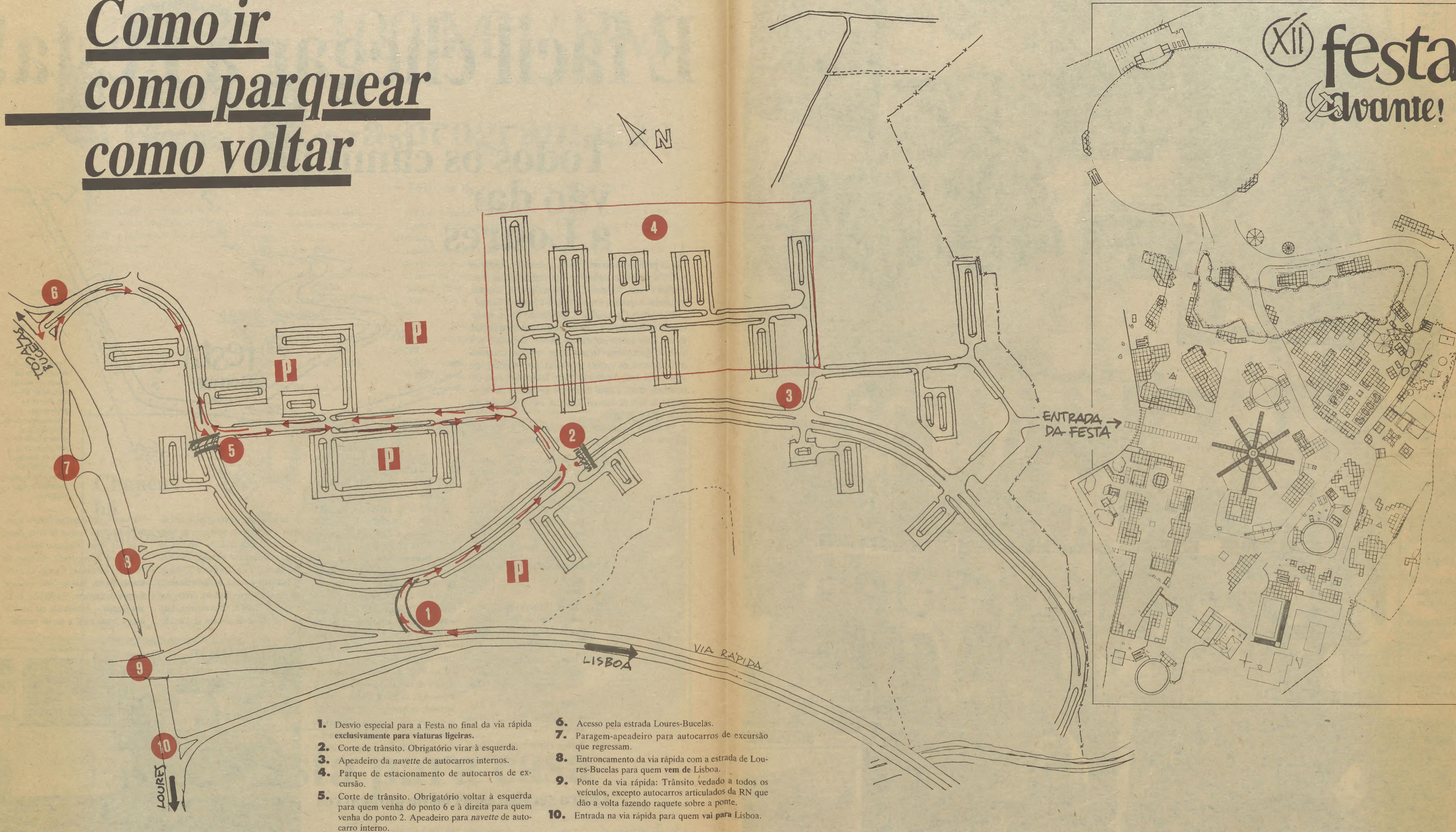


De Entre Campos à Festa

145\$00 é quanto custa o bilhete para a viagem Entre Campos-Festa do «Avante!», nas carreiras especiais da RN. Atenção: os portadores de passe social nas modalidades «L 12» ou «L 123» podem utilizá-lo neste serviço especial da RN, que organizou para estes três dias

outras carreiras a partir do Senhor Roubado/Olival Basto (aqui são válidos os passes «012» e «0123»), as quais podem ser utilizadas, por exemplo, pelos passageiros da Carris que desembarcam ao fundo da Calçada Carriche.

Como ir como parquear como voltar



Carros ligeiros que venham de Lisboa. Pela via rápida que começa na Calçada do Carriche até Loures; antes do final viram no desvio especial assinalado em 1 e podem parquear num dos numerosos parques assinalados com P.

Para regresso, percorrem o caminho do parque de estacionamento no sentido do ponto 2 para o ponto 5 e para o ponto 6 onde viram à esquerda na estrada Loures-Bucelas, passam debaixo da ponte 9 e entram na via rápida no sentido de Lisboa no ponto 10.

Carros ligeiros que venham

pela estrada Loures-Bucelas provenientes de Loures ou de Bucelas. Ir até ao ponto 1 e virar à esquerda se vierem do lado de Bucelas e à direita se vierem de Loures. Percorrerem o caminho do ponto 1 ao ponto 5 e parquear. Para sair, realizar o mesmo percurso em sentido inverso.

Autocarros de excursão que estacionam (autocarros de excursão que venham para esperar pelos excursionistas todo o dia ou dois

dias).

a) Vindos de Lisboa. Pela via rápida que começa na Calçada do Carriche até Loures; saem no final da via rápida pelo ponto 1, viram à direita para a estrada de Loures-Bucelas e viram novamente à direita no ponto 5 percorrendo o caminho dos pontos 1 para 5 até ao parqueamento de autocarros assinalado com 4. Para sair fazem o percurso inverso: de 4 para 5, de 5 para 1, vira à esquerda na estrada Loures-Bucelas, passa debaixo da ponte 9 e entra na via rápida no sentido de Lisboa no ponto 10.

b) Vindos de Loures ou de Bucelas. Pela estrada

Loures-Bucelas, virando no ponto 5 em direcção ao parque 4. Para sair, percurso inverso.

Autocarros de excursão em circulação (autocarros de excursão de Lisboa e margem Sul que vêm à Festa trazer visitantes e regressam ao local de origem logo a seguir). Pela via rápida que começa na Calçada do Carriche até Loures; saem no final da via rápida pelo ponto 1; viram à direita na estrada Loures-Bucelas e imediatamente à esquerda no ponto 7 onde estacionam para saída dos passageiros; retomam a estrada Loures-Bucelas, passam sob a

ponte 9 e retomam a via rápida no sentido de Lisboa no ponto 10.

Autocarros articulados da RN. A RN irá assegurar a partir das 18 horas de sexta-feira e durante todo o dia Sábado e Domingo até cerca das 2 horas da manhã carreiras com autocarros articulados em circulação contínua.

Os autocarros saem do terminal RN de Entrecampos, dirigem-se a Loures pela via rápida e, no final, seguem para a ponte 9 onde estacionam e os passageiros descem; sobre a ponte os autocarros dão a vol-

ta, tomam a direcção Lisboa e, após entrada de passageiros, seguem para Lisboa de novo pela via rápida. Os passageiros devem dirigir-se a pé até ao ponto 4 (cerca de 200 metros) para a navette interior.

Navette interior. Existirão a circular em permanência entre o ponto 5 e o ponto 3 dois autocarros da RN gratuitos para transporte de pessoas nomeadamente as que utilizem as carreiras dos autocarros articulados da RN que dão a volta na ponte 9 ou as carreiras normais da RN que estacionam entre o ponto 1 e ponto 4. ★

XII festa
Avante!

XII
Artistas

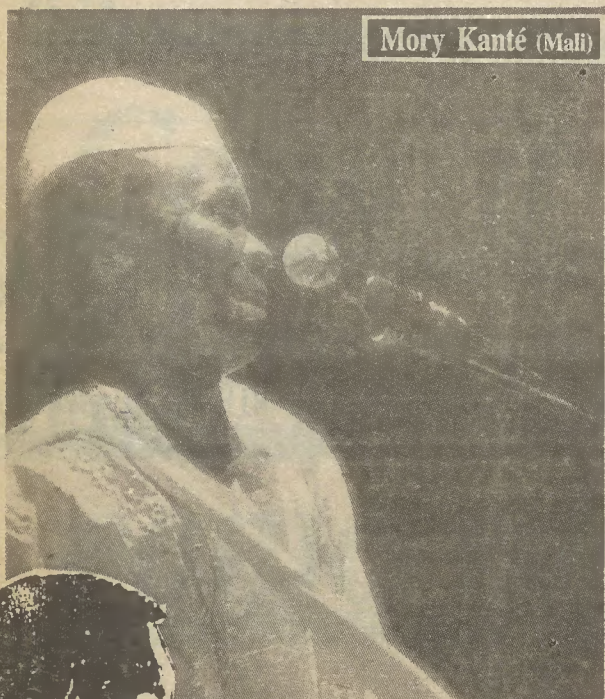
Walter Lopes

Trio de
Martinho
da Assunção

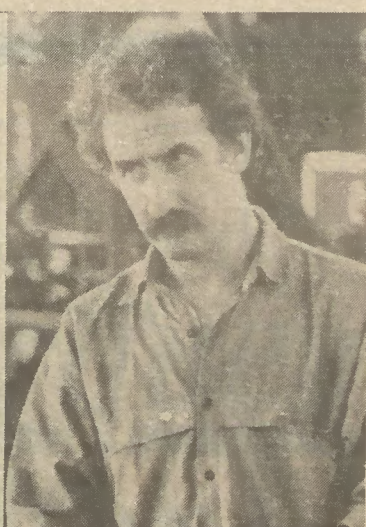
Non Sens

Igor Bankovski

Teatro
(avanteatro)



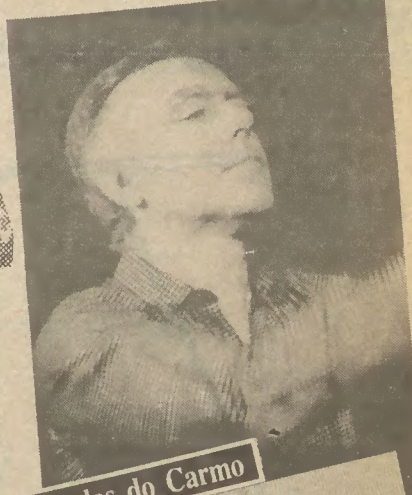
Mory Kanté (Mali)



António Pinho Vargas



Cantaril



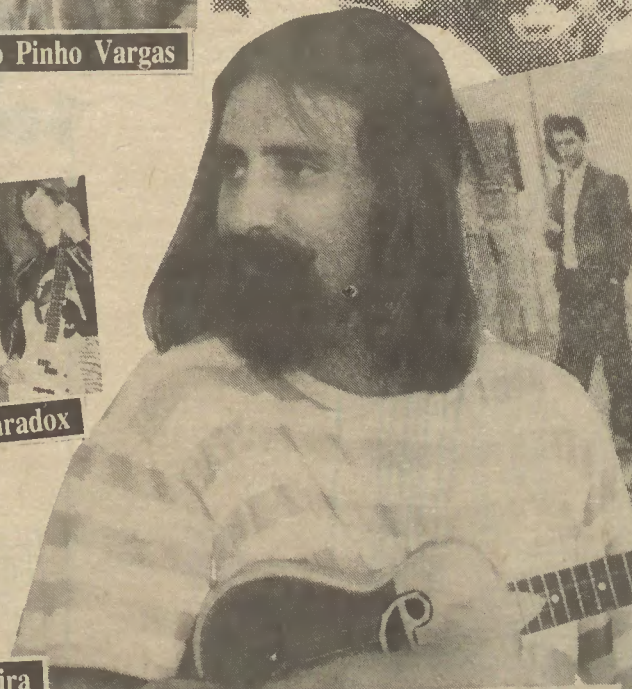
Carlos do Carmo



Daniel Viglietti (Uruguai)



Paradox



Júlio Pereira



Linha Geral

Massive Roar

Tarântula

Peace Makers

Viertakt

Jig

Web

Croix Sainte

Romanças

Allegro

Quarteto de
Gueorgui
Garanian

Quarteto de
Igor Nazaruk

Rajkó

Quinta do Bill
Morituri



Naná Sousa Dias



Pedro Burmester



Peste & Sida



Pop Dell'Arte



Sexteto de Jazz de Lisboa



Silly (RDA)



Janita Salomé



Gonzaguinha (Brasil)



Melanie (EUA)



Paulitei
Grupo
Rancho



Go Graal Blues Band



Carlos Martins



Fernando Tordo



«Rússia» (URSS)



Maio Moço



Maria Guinot



Maria João



Mário Laginha



Miso Ensemble



Paulo de Carvalho



Sérgio Godinho



Nuno Gomes dos Santos



Rão Kyao



Rádio Macau



Telectu



Kiki Lima (Cabo Verde)



Paulino Vieira (Cabo Verde)



Francisco Ceia



Celina Pereira (Cabo Verde)



Teresa Paula Brito



Brigada Vitor Jara



Dany Silva (Cabo Verde)



os de Miranda
Folclórico de São Torcato
de Vilar de Perdizes

Bandas, Bombos e Adufes
Grupo Etnográfico de Areosa



Issabary (Guiné-Bissau)



Atenção alentejanos (e não só!)

Alentejo é nome de região. E também de um palco na XII Festa do «Avante!». Aqui fica a sua programação:

Sexta-Feira – Dia 9

22.00 horas — Liga dos Amigos das Minas de S. Domingos
— Grupo Sociedade Filarmónica

Sábado – Dia 10

17.00 horas — Rancho de Saias de Bencatel
17.30 horas — Rancho Folclórico Fortios
18.00 horas — Rancho St.º António das Areias
18.30 horas — Grupo Música Popular «Arco-Íris»
19.00 horas — Rancho Coral de Serpa
19.30 horas — Grupo Coral de Alvito
20.00 horas — Grupo Rompe e Rasga
20.30 horas — Semente à Terra
21.00 horas — Grupo Coral Ceifeiros de Cuba
22.00 horas — Cantares do Alentejo
22.30 horas — Grupo de Música Popular Ardila
23.00 horas — Voz da Terra
23.30 horas — Rancho Etnográfico de Montemor

Domingo – Dia 11

17.00 horas — Rancho Folclórico de Ponte de Sor
20.00 horas — Grupo Coral de Aguiar
— Grupo Coral de Alcáçovas
— Vale de Maceira

*
* *

Como não poderia deixar de ser o Alentejo estará em força no Mercado da Reforma Agrária. ★

Participação é lema na Cidade da Juventude

A Cidade da Juventude é aquele local que «sem ti não faz sentido», como é afirmado no cartaz criado de propósito para este espaço que não apenas é destinado aos jovens, como foi criado para os jovens.

Trata-se de um espaço que «sem ti não faz sentido» porque vive da participação.

Participação que toma várias facetas. Participação dos jovens artistas que aderiram ao apelo de «tomar a iniciativa». Uma exposição onde, para além da escultura, da pintura e do desenho, serão exibidos trabalhos de fotografia e de banda desenhada.

Participação com o palco da Juventude onde teremos dois festivais. O 2.º Festival da Canção Juvenil «Avante!» e o festival de «Heavy Metal».

Participação ainda através do café-concerto. Um espaço com uma localização privilegiada para estes dias que se avizinhm de calor.

Um espaço à sombra, por onde passarão os grupos Peacemaker, HTC, Mind Trás, Diabinho da Mão Furada, Cancer, Petromax e Amantes da Porfíria, os solistas César Rodrigues, João Queirós, Amadeu Garcia, Miguel Loureiro e Quim Caixeiro, os grupos folclóricos Plovidid da Bulgária e Viertak da RDA e ainda a música anglo-americana por Ana Alves, a

brasileira por Moreira e a angolana por Jolmu Fortunado.

Mas a participação é ainda possível na cidade da Juventude graças aos jovens cabeleireiros que ali estarão para fazer, gratuitamente, os mais modernos cortes de cabelo a quem o desejar.

Espaço também para as vendas nesta Cidade. Vendas de material desportivo e da moda «sovietchic».

Uma última nota para dizer que o júri

do Festival da Canção Juvenil é composto por Vítor Rua (músico), António Macedo (jornalista), José Barata Moura (músico), Leonor Nunes (jornalista), Edmundo Silva (músico), Alexandre (maestro), Morais e Castro (actor), Teresa Dias Coelho (artista plástica), José António (representante da editora Transmédia), José Jorge Letria (jornalista), Álvaro Amado (deputado da JCP na AR) e Vítor Carvalho (PCP). ★

Domingo Comício às 18 horas

Contam-se às centenas de milhares aqueles que têm encontro marcado para o palco 25 de Abril às 18 horas de domingo.

Contam-se às centenas de milhares aqueles que têm encontro marcado com a reflexão e análise das grandes questões da vida política do País.

Domingo, 18 horas. Tempo para o grande comício que marca a Festa, numa impressionante manifestação festiva de confiança e combatividade.

Um comício com redobrado interesse

numa época em que se prepara o XII Congresso do PCP. De redobrado interesse a poucos meses de 1989, um ano que se afigura como mais uma etapa de vincadas responsabilidades políticas para o Partido dos trabalhadores portugueses.

Um comício onde a luta e os problemas de uma actualidade marcada pelas redobradas ofensivas da direita estarão em questão.

Domingo, ao fim da tarde, a Festa encontra-se no Palco 25 de Abril com o secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal. ★



PROGRAMA

Uma revista de 64 páginas com tudo sobre a Festa

Tudo sobre a Festa. Assim se pode definir da forma mais rápida e directa o conteúdo do programa em jeito de revista que o colectivo da redacção do «Avante!» preparou — como tem acontecido em todas as edições — para a Festa deste ano.

São 64 páginas de leitura fácil onde o visitante costuma, naturalmente, procurar a programação dos espectáculos, inteirando-se dos horários e dos artistas da sua preferência. Entre as páginas 33 e 37 o leitor encontra a grelha de actuações nos palcos 25 de Abril, 1.º de Maio, Lisboa e Juventude, desde a noite de sexta-feira (amanhã!) até à madrugada de domingo para segunda.

Com divulgação em todo o País e custando 200 escudos, o programa desenvolve-se ao longo das suas 64 páginas com os seguintes temas: editorial, pavilhão central/exposição política, comício/debates, Os Descobrimentos, Cosmos, Vídeo/Rádio, Festival da Canção Juvenil, a presença do livro e do disco, desporto, mulheres, mercado da Reforma Agrária, Cidade Internacional, Juventude, Pioneiros, Emigração, «O Militante», folclore, circo, bandas/animação de rua, Avanteatro, Mory Kanté, Música de Cabo Verde, Angola e Guiné, Melanie, Gonzagui-nha, Daniel Viglietti, Vozes Búlgaras; jazz soviético, festival «Heavy metal» /grupo Silly, grupos da RDA, URSS e Hungria, Mário Laginha e Pedro Burmester, os artistas portugueses, a presença das organizações regionais do PCP (o que trazem à Festa deste ano), os acessos à Quinta do Infantado.

Enfim, tudo sobre a Festa ★

PROGRAMA DE ACTUAÇÕES

PALCO JUVENTUDE

15 h. Tarântula (heavy metal - Portugal)

16 h. Iron Angel (heavy metal - RFA)

17 h. Cantaril

18 h. Linha Geral

19 h. Romanças

20 h. Sida

21 h. Rão Kyao

22 h. Melanie (EUA)

23 h. Sérgio Godi

24 h. Francisco Ceia

PALCO 25 DE ABRIL

15 h. Issabary (Guiné-Bissau)

16 h. Go Graal Blues Band

17 h. Silly (RDA)

18 h. Rádio M

19 h. Mário Laginha + Pedro Burmester

20 h. Rão Kyao

21 h. Melanie (EUA)

22 h. Sérgio Godi

23 h. Francisco Ceia

PALCO 1.º DE MAIO

15 h. Tarântula (heavy metal - Portugal)

16 h. Iron Angel (heavy metal - RFA)

17 h. Cantaril

18 h. Linha Geral

19 h. Romanças

20 h. Sida

21 h. Rão Kyao

22 h. Melanie (EUA)

23 h. Sérgio Godi

24 h. Francisco Ceia

PALCO LISBOA

15 h. Tarântula (heavy metal - Portugal)

16 h. Iron Angel (heavy metal - RFA)

17 h. Cantaril

18 h. Linha Geral

19 h. Romanças

20 h. Sida

21 h. Rão Kyao

22 h. Melanie (EUA)

23 h. Sérgio Godi

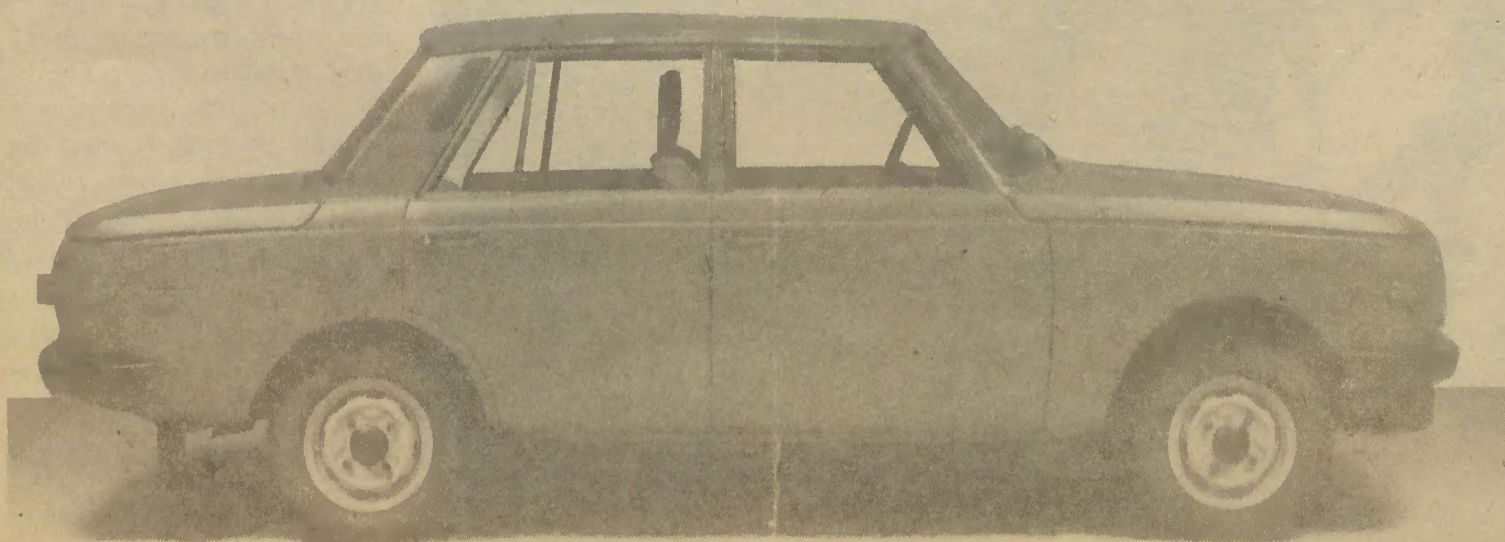
24 h. Francisco Ceia

Preço: 200\$00

LOURES

Basta ter EP

Há um carro para sortear



No terceiro e último dia da Festa decorrerá um sorteio que interessa a todos. Que o mesmo é dizer: a todos os portadores de EP, o colorido desdobrável que dá acesso livre a toda a Festa, por apenas 500 escudos.

Prepare-se o feliz contemplado para se sentar ao volante de um dinâmico Wartburg, automóvel de quatro portas, produto da tecnologia da RDA, equipado com um motor de 992 cm³.

Se no domingo não conseguir «apanhar» o número premiado, então esteja atento ao «Avante!» que sairá na próxima semana. Para além da mais completa reportagem sobre a Festa, também o número que proporciona a oferta de um automóvel para toda a família.

Também no palco do folclore



uma vincada opção de
qualidade



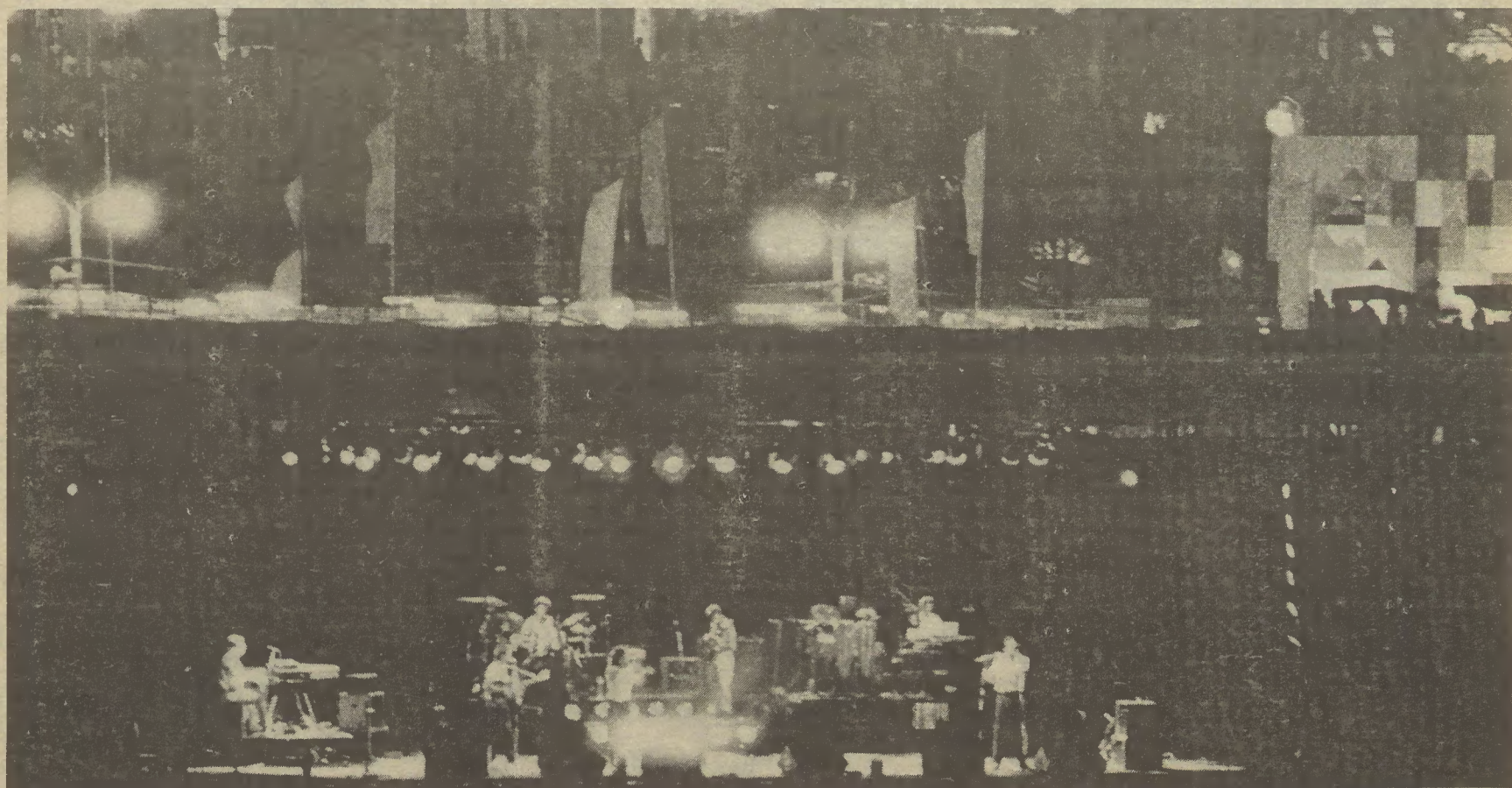
No palco do folclore da Festa do «Avante!» 88 terá lugar durante os três dias uma mostra de grande qualidade. Do Minho estarão presentes o Grupo Folclórico de S. Torcato e o Grupo Etnográfico da Areosa. De Trás-os-Montes virão os Pauliteiros de Miranda e o Grupo Folclórico de Vilar de Perdizes.

O Grupo de S. Torcato (Guimarães), desde a sua fundação em 1956, procedeu à recolha dos trajes, danças e cantares da região, representativos dos finais de século passado e princípios deste, retratando, sobretudo nos trajes, as diferentes camadas da sociedade local. Deste modo, o grupo participa na secção de etnografia e artesanato do museu regional de S. Torcato. Constituído por 48 elementos — 30 dançadores, 13 tocadores, 2 solistas e um porta-estandartes — pode considerar-se um dos grupos mais galardoados do País, com troféus conseguidos nas suas actuações de norte a sul de Portugal, na ilha da Madeira e em Espanha, França, Áustria, Inglaterra, URSS e Suíça.

O Grupo Etnográfico da Areosa — uma aldeia ao lado de Viana do Castelo com mais de oito séculos — foi fundado em 1966 e tem participado em festivais nacionais e internacionais. Já recebeu várias distinções, nomeadamente nas deslocações que efectuou a Espanha, França, Bélgica, Itália, Alemanha e Luxemburgo, divulgando o folclore do Alto Minho.

De Miranda do Douro virão os Pauliteiros, para apresentar a «dança dos paulitos», de raiz anónima, que como facto folclórico está ligada a manifestações de carácter religioso, social e comunitário. Característica da Península Ibérica, esta dança apenas no nosso país é efectuada exclusivamente por homens, um máximo de oito, que envergam um traje especial e são acompanhados do tradicional trio instrumental de gaita de fole, tambor e bombo. Sobejamente conhecidos, os Pauliteiros de Miranda ainda no passado mês de Julho realizaram uma aplaudida digressão nos Estados Unidos, para as comunidades de emigrantes portugueses e para o público americano em geral.

O palco do Folclore da XII Festa do «Avante!», em Loures, vai ser uma verdadeira festa, também com as presenças do Grupo Folclórico de Vilar de Perdizes (Vila Real) e o seu folclore transmontano, dos bombos de Lavacolhos (Beira Interior), as mulheres de adufes e três bandas: da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Loures, dirigida pelo maestro Rosa Santos; de Santa-rém; e da Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense, do distrito de Setúbal. ★



Espectáculos Pequenas alterações

Motivos de última hora obrigaram a pequenas alterações na programação dos espectáculos, especialmente no Palco da Juventude. Chamamos, pois, a atenção dos visitantes da Festa para estas modificações.

Tomem nota, por favor:

- A Brigada Vitor Jara troca a sua apresentação com o grupo Romanças.
- Os Paradox actuam no sábado, antecidos dos Web.
- Os Massive Roar sobem ao palco na sexta-feira (amanhã).
- No domingo exibem-se no Palco da Juventude os Massive Roar e os Tarântula (motivos imprevistos impedem a apresentação dos iron

Angel, previstos para sábado).

- Os Merengues não podem, infelizmente, estar este ano na Festa. Mas a música angolana não faltará. Ao convívio de Loures virá o conjunto «Os Fachos», que se exibem amanhã às 23 h no Palco 25 de Abril.
- Na principal apresentação prevista para os Merengues (domingo, 20 h, palco 25 de Abril) estará o português Janita Salomé.



Grupo «Toques»

Já o jornal estava a fechar quando chegou a notícia da participação de mais um grupo português na Festa do «Avante!».

Trata-se do grupo «Toques», originário da ilha açoriana da Terceira. Chegaram ao continente para tocarem música tradicional com arranjos do grupo, música clássica e composições próprias.

Formado em 1982, este grupo, constituído por sete elementos, não limita a sua actividade à criação musical. Trata-se de um projecto mais ambicioso, que visa estabelecer uma ponte musical entre as diversas ilhas do arquipélago, assumindo uma função essencialmente didáctica.

Os «Toques» são formados por Filomena Amorim, voz; Sérgio Alves, congas/percussão; Carlos Medeiros, flauta transversal; José Silva, violoncelo/saxofone; Madalena Pereira, clarinete, Edmundo Ornelas, contrabaixo acústico e António Bulcão, guitarra e voz.

Nesta sua deslocação à Festa do «Avante!», a presença de dois músicos-suporte: o violinista Luís Soares e o violoncelista Fernando Soares. ★



Fogo de artifício – um espectáculo de luz e cor

Sábado a Festa do «Avante!» vai enriquecer-se com o espectáculo do fogo de artifício. Um espectáculo deslumbrante de luz, cor e harmonia, durante 15 minutos, fará a passagem de sábado para domingo. Dentro de uma Festa sem paralelo no nosso País, o espectáculo no céu de Loures. Não percam! ★

Um debate com especialistas

Falar dos

Descobrimientos

e da aventura

no Espaço

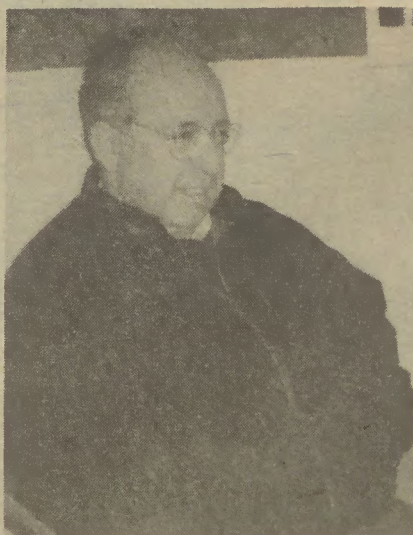
Nomes destacados da investigação histórica e da vida cultural portuguesa como Armando Castro (moderador), Luís Albuquerque e António Borges Coelho, o cosmonauta soviético Vladimir Soloviev, o professor de Astrofísica António da Costa e Henrique Cristo, divulgador científico, vão participar na Festa do «Avante!» num debate que está a ser aguardado com vivo interesse e expectativa. Marcado para o próximo sábado, às 21.30 h, no Fórum do pavilhão central, o debate tem como tema «os Descobrimientos marítimos; a conquista do Espaço — dois momentos na evolução do conhecimento humano».

Como temos vindo a referir nas últimas semanas, a Festa deste ano propõe como reflexão a abordagem paralela dos Descobrimientos marítimos portugueses e da aventura do Cosmos que vão certamente mobilizar o interesse de milhares de visitantes.

Atenção, por exemplo, ao «Sputnik» em tamanho natural, a dois satélites de comunicações, à estação espacial «inter-Cosmos», ao conjunto «soyuz-Mir-Kvant», a um escafandro e a uma mostra de artigos utilizados no quotidiano dos cosmonautas do espaço.

Numa zona de animação, contígua ao certame, decorrerá uma palestra sobre «evolução do Universo» pelo professor António da Costa e um encontro dos visitantes da Festa com o cosmonauta que vem a Loures.

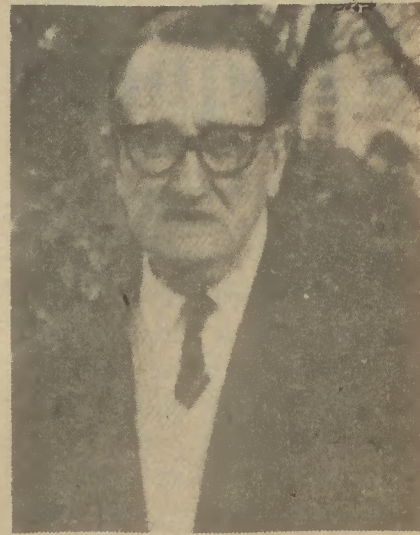
E já agora, que dizem a uma observação dos corpos celestes, «ali», a partir de Loures! Também é possível. Basta utilizar o telescópio que estará à disposição dos visitantes. ★



A. Borges Coelho



Armando de Castro



Luís Albuquerque



Vladimir Soloviev

A aventura do Cosmos

- A maior exposição até hoje realizada em Portugal
- Parte dos materiais vêm da Academia de Ciências da URSS
- Esta exposição engloba ainda uma mostra fotográfica sob o lema «Iniciativas da URSS pelo espaço cósmico pacífico» e compreende outras áreas, como «O Homem, o Espaço e o Tempo», com amostragem de corpos celestes; «O Espa-

ço ao serviço do Homem», com exemplos de aplicação à meteorologia e à agricultura; «O futuro, diálogo a construir», com exemplos de projectos a levar a cabo por diversas nações

- O certame, com carácter particularmente didáctico, tem um catálogo e será ainda acompanhado do lançamento de uma monografia sobre o tema, especial-

mente concebida para o efeito, com colaborações de Luís Albuquerque e Óscar Lopes, que inclui um glossário

- Serão exibidos vídeos sobre a exploração cósmica; poder-se-á assistir à programação de várias televisões do mundo captadas por antena parabólica; estará à disposição dos visitantes da festa um telescópio para observação dos corpos celestes ★

Agenda

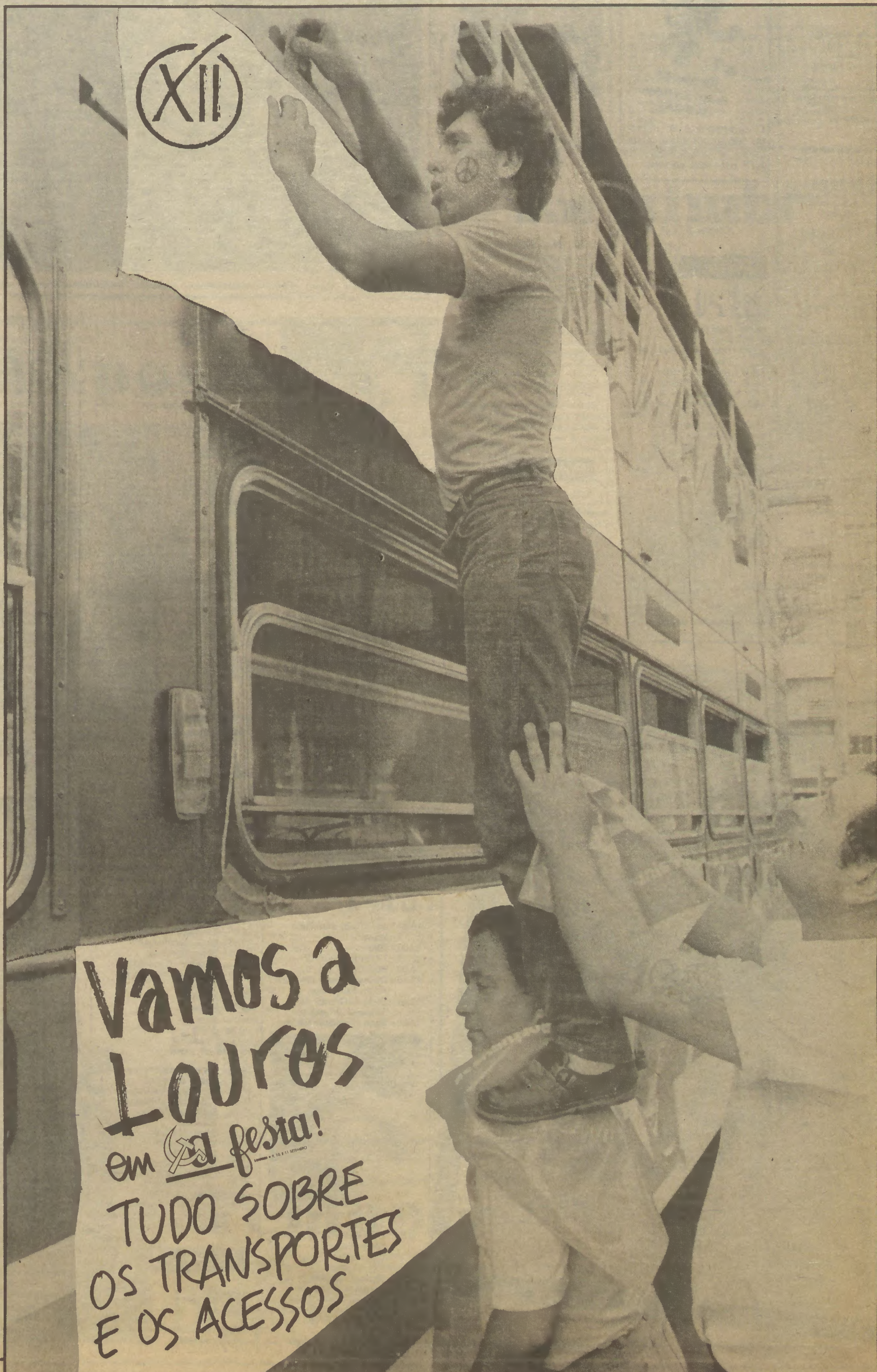
Avante!

Ano 58 — Série VII
N.º 767

8 de Setembro de 1988

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



TV O Programa

Quinta
RTP1

09.00 – Bom Dia
10.00 – Às Dez
12.20 – Telenovela «Selva de Pedra» (105.º ep.)
13.00 – Jornal da Tarde
13.30 – Série «Ilha da Fantasia» (10.º ep.)
14.30 – Acção de Formação de professores e monitores
17.00 – Brinca Brincando
17.30 – Ponto por Ponto
18.30 – Estúdio 4
19.30 – Telejornal
20.05 – Boletim Meteorológico
20.20 – Série «Duarte & C.ª» (6.º ep.)
21.10 – Primeiro Andamento
21.35 – Telemundo
22.05 – Série «As Aventuras de Ana» (4.º e últ. ep.)
23.05 – 24 Horas
23.40 – Remate

RTP2

14.30 – Série «Filhos de Filhas» (49.º ep.)



14.55 – Série «Joana» (11.º ep.)
16.00 – Série «Quem Sai aos Seus» (11.º ep.)
16.25 – Trinta Minutos Com...
16.55 – Telenovela «Helena» (47.º ep.)
17.35 – Série «O Regresso de Antilope» (11.º ep.)
18.00 – Totally Live
18.55 – Campeonato do mundo de hóquei em patins
20.10 – Série «O Fugitivo» (69.º ep.)
21.00 – Jornal das Nove
21.30 – Montra de Livros



O campeonato do mundo de hóquei em patins destaca-se na programação da RTP para esta semana

21.35 – Série «A Campanha» (3.º ep.)
22.30 – Século XX: «A guerra da Coreia» (6.º e últ. ep.)

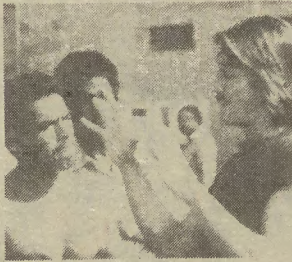
Sexta
RTP1

09.00 – Bom Dia
10.00 – Às Dez
12.20 – Telenovela «Selva de Pedra»
13.00 – Jornal da Tarde
13.30 – Série «A Herança dos Guldenburgs» (2.º ep.)
14.30 – Acção de formação de professores e monitores
17.00 – Brinca Brincando
17.30 – Ponto por Porto
18.30 – Estúdio 4
19.30 – Telejornal
20.05 – Boletim Meteorológico
20.15 – Série «Duarte & C.ª»



20.50 – Escolher Saúde

21.15 – Série «Homens da Segurança» (7.º ep.)
22.00 – Série «Brasil» (3.º prog.)
22.30 – Série «Tribunal de Polícia» (17.º ep.)
23.00 – 24 Horas
23.35 – Remate



23.50 – Pela Noite Dentro «Fúria de Vencer», real. Michael Mann (EUA/1979)

RTP2

14.30 – Série «Filhos e Filhas»
14.55 – Agora Escolha!
16.25 – Giramundo
16.50 – Telenovela «Helena»
17.25 – Série «O Trovão» (5.º ep.)
17.50 – Série «Basquetebol americano» (8.º ep.)
19.00 – Totally Live
19.55 – Série «O Fugitivo»
20.45 – Cem Grandes Quadros
21.00 – Jornal das Nove
21.30 – Montra de Livros
21.35 – Clube de Jornalistas
22.10 – Série «Demissão» (2.º ep.)
23.00 – Campeonato do mundo de hóquei em patins
00.05 – Entre Barreiras

Sábado
RTP1

10.00 – Juventude e Família
12.00 – Rock, rock, rock
13.00 – Notícias
13.10 – Festival Mundial de Folclore
14.10 – Parlamento
14.40 – Cacau da Ribeira



Hoje, às 21 e 10, no «Primeiro Andamento», o Ballet Gulbenkian apresenta «Antemanhã»

RTP2

10.00 – Troféu
12.45 – Caminhos
13.10 – Novos Horizontes
13.40 – Troféu (inclui Grande Prémio de Itália em Fórmula 1)
17.00 – Ideias & Negócios



15.35 – Sessão de Tarde: «Entre Amigas», real. Lou António (EUA/1983)
17.40 – Série «Alô, alô» (9.º ep.)
18.10 – Vivamúsica
19.10 – Sete Folhas
19.45 – Totoloto
20.00 – Jornal de Sábado
21.15 – Boletim Meteorológico
21.25 – Série «Ali, uma coisa do outro mundo» (12.º ep.)
22.00 – Espectáculo: 70.º aniversário de Leonard Bernstein
23.50 – Cinema da Meia-Noite: «Os Inocentes Contra a Droga» («The french connection»)

RTP2

10.00 – Compacto «Totally Live»
13.05 – Compacto «Selva de Pedra»
16.00 – Troféu
20.00 – Music Box «Off the wall»
20.55 – Uma boa ideia
21.20 – Série «Hill Street» (2.º ep.)
22.20 – Troféu (inclui Campeonato do mundo de hóquei em patins, às 23 e 00.15)
23.55 – O Som da Surpresa

Domingo
RTP1

10.00 – Juventude e família
11.15 – Missa
12.05 – 70x7
12.30 – TV Rural
13.00 – Notícias
13.10 – Série «Filhos da Estrada e do Vento» (4.º ep.)
13.35 – Série «O Director de Turma» (12.º ep.)
14.00 – Série «Pantanal» (últ. ep.)



14.50 – Primeira matinée: «Uma loira para três»
16.50 – Deixem Passar a Música (João Braga)
17.25 – Cinema Português «Aniki-Bobó»
19.00 – Série «O Justiceiro»
20.00 – Jornal de Domingo
20.30 – Boletim Meteorológico
20.45 – Série «Nas Mãos de um Estranho» (3.º ep.)
21.45 – Miss Praia
23.10 – Domingo Desportivo

Segunda
RTP1

09.00 – Bom Dia
10.00 – Às Dez
12.20 – Telenovela «Selva de Pedra»
13.00 – Jornal da Tarde
13.30 – Série «O Império de Carson»
14.20 – Acção de formação para professores e monitores
17.00 – Brinca Brincando
17.30 – Ponto por Ponto
18.30 – Estúdio 4
19.30 – Telejornal
20.05 – Boletim Meteorológico
20.15 – Série «Duarte & C.ª»
20.55 – Série «Gente de Sucesso» (Olga Roriz)
21.20 – Jogos sem Fronteiras (9.º e últ.)
22.55 – 24 Horas
23.30 – Remate

RTP2

14.30 – Série «Filhos e Filhas»
14.55 – Agora, Escolha!
16.25 – Trinta Minutos Com...
16.55 – Telenovela «Helena»
17.35 – Série «Um Amigo Especial»
18.00 – Série «Histórias Maravilhosas»
19.00 – Totally Live
19.55 – Série «O Fugitivo»
20.45 – Cem Grandes Quadros
21.00 – Jornal das Nove
21.30 – Montra de Livros
21.35 – Troféu (inclui campeonato do mundo de hóquei em patins, às 22 e 23.15)

Terça
RTP1

09.00 – Bom Dia
10.00 – Às Dez

12.20 – Telenovela «Selva de Pedra»
13.00 – Jornal da Tarde
13.30 – Série «Dailas»
14.30 – Acção de formação para professores e monitores
17.00 – Brinca Brincando
17.30 – Ponto por Ponto
18.30 – Estúdio 4
19.30 – Telejornal
20.05 – Boletim Meteorológico
20.15 – Vamos Jogar no Totobola
20.35 – Série «Duarte & C.ª»
21.15 – Programa da Direcção de Informação
22.10 – O Regresso de Sherlock Holmes
23.10 – 24 Horas
23.40 – Remate

RTP2

14.30 – Série «Filhos e Filhas»
14.55 – Dois Dedos de Conversa
16.25 – Trinta Minutos Com... Albino José Moreira
16.55 – Telenovela «Helena»
18.00 – Music Box Especial
19.00 – Totally Live
19.55 – Série «O Fugitivo»
20.45 – Cem Grandes Quadros
21.00 – Jornal das Nove
21.30 – Montra de Livros
21.35 – Série «Adrian Mole, na Crise da Adolescência» (6.º e últ. epis.)
22.00 – Campeonato do mundo de hóquei em patins

Quarta
RTP1

09.00 – Bom Dia
10.00 – Às Dez
12.20 – Telenovela «Selva de Pedra»
13.00 – Jornal da Tarde
13.30 – Série «Fama»
14.30 – Acção de formação para professores e monitores
17.00 – Brinca Brincando
17.30 – Ponto por Ponto
18.30 – Estúdio 4
19.30 – Telejornal
20.05 – Boletim Meteorológico
20.20 – Série «Duarte & C.ª»
21.00 – Lotação Esgotada: «Patton», real. Franklin J. Schaffner (EUA/1969)
00.05 – 24 Horas
00.35 – Remate

RTP2

14.30 – Série «Filhos e Filhas»
14.55 – Agora, Escolha!
16.25 – Trinta Minutos Com...
16.55 – Telenovela «Helena»
17.30 – Viagem do Mimi
18.00 – Série «Viagem de Noite» (1.º epis.)
19.00 – Totally Live
19.55 – Série «O Fugitivo»
20.45 – Cem Grandes Quadros
21.00 – Jornal das Nove
21.30 – Montra de Livros
21.35 – Série «Joana»
22.30 – Clube de Imprensa
23.00 – Campeonato do mundo de hóquei em patins

O militante

Activa-se a preparação do Congresso

Documentos do Comité Central

festa avante!

LOURES - 21.08.88 - SETEMBRO 1988

Setembro 1988 • R. 163 • Preço 50\$300

Cinema

A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Gente de Dublin	—	★★★★	★★★★	★★★★	★★★
B Matar Saudades	—	—	—	★	—
C Setembro	—	—	—	★★★★	—
D O Príncipe das Trevas	—	★★★	—	★★★	—
E O Império do Sol	★★★★★	★★★★	★★★★	★★★	★★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

A — Real. John Huston — em Lisboa: Amoreiras (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45, 24.00); Caparica Oceano (de 9 a 12 às 15.15, 17.30, 21.30).
 B — Real. Fernando Lopes — em Lisboa: Amoreiras — (14.15, 16.45, 19.45, 21.45, 24.00 — até dia 8).
 C — Real. Woody Allen — em Lisboa: Las Vegas (15.15, 18.30, 21.30 — de 2.ª a 6.ª; sáb. e dom. — 14.00, 16.30, 19.00, 21.45), Londres (15.00, 18.15, 21.30; sáb. também às 24.00), São Jorge (14.30, 16.30, 18.45, 21.15); Bocage (Setúbal) (de 9 a 13, às 15.15, 18.30, 21.30); Bebê (Porto) (até dia 13, às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45).
 D — Real. John Carpenter — em Lisboa: Alfa (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), Amoreiras (13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45, 00.15), Castil (15.30, 18.30, 21.30), Fonte Nova (14.45, 17.00, 19.15, 21.45 — a partir de dia 9); no Porto: Nun'Álvares (até dia 13; 15.30, 18.00, 21.30).
 E — Real. Steven Spielberg — em Lisboa: Alfa (15.15, 18.15, 21.15, 00.15).

Exposições



• LISBOA

Colectiva de alunos da António Arroio (ano lectivo 1987/88) na António Arroio, de 2.ª a 6.ª, das 9 às 20 horas (até 7/10).

Companhia Rey Colaço/Robles Monteiro — no Museu Nacional do Teatro (Estrada do Lumiar, 10), de 3.ª a Dom., das 10 às 13 e das 14.30 às 17 horas.

Escultura portuguesa dos séculos XIII e XVIII — no Museu de Arte Antiga, Janelas Verdes.

Fernando Silva, «Portugal à beira mar» (pintura) — na Rua das Portas de Santo Antão, 47 (encerra hoje).

Gravura mexicana na contemporânea (130 obras de 12 artistas) — nas galerias das exposições temporárias da Gulbenkian (abre hoje, às 17.30).

Guilherme Silva «Linhas do desejo» (fotografia) — na Costa do Castelo, 12-A, das 9.30 às 14.30 e das 15.30 às 19.30, até amanhã.

Homenagem a Joseph Buys (gravuras) — na Galeria Almada Negreiros (Av. República, 16), de 3.ª a dom., das 10 às 20 horas.

Lino António (pintura) — na Galeria de Arte dos CTT (Forum Picoas), de 2.ª a 6.ª, das 11 às 13.30 e das 14.30 9S 19 horas.

Ouivesaria Portuguesa («Linguagem dos Nossos Ourives Séculos XII/XIX» e «Linguagem dos Novos Materiais») — na galeria do Palácio da Ajuda.

Oxido de Ferro —

escultura e desenho de António Silva e Rui Vazquez — na Voz do Operário, de 2.ª a 6.ª das 10 às 19 e das 20 às 22 horas e aos sábados das 15 às 19.

8.º Salão Nacional de Pintura Nalf (colectiva de 55 autores) — nas galerias do Casino do Estoril, das 15 às 24 horas (até 18/9).

• OUTRAS LOCALIDADES

Raquel Zagallo e Bernardette de Freitas (cerâmica) — até 15/9, das 10 às 18, na Biblioteca Pública — ALMADA.

Pintura e escultura do espólio do município — até 11/9, das 17 às 23, na galeria municipal — ALMADA.

António Pimentel (pintura) — até amanhã, no Centro Cultural de S. Lourenço — ALMANSIL.

1.ª mostra de escultura ao ar livre — até 30/9, no Parque Central — AMADORA.

Colectiva de pintura e escultura até 30/9, no Museu Souza Cardoso — AMARANTE.

«Traje popular na mudança do século nos arredores de Braga» — até 15/9, na galeria da Universidade — BRAGA.

A arte da miniatura em barro (colectiva de cerâmica) — até 18/9, no Museu José Malhoa — CALDAS DA RAINHA.

Colectiva de pintura e escultura — até 15/9, das 17 às 23, na Almadarte Galeria (Av. Gen. Humb. Delgado) — COSTA DA CAPARICA.

Manuel Baptista (pintura e desenho) —

Dé 30/9, na Galeria de Arte do Espírito Santo — LOULÉ.

Loares em imagens do passado — A memória das coisas (recolha fotográfica e etnográfica) — até 10/12, de 3.ª a dom., das 10 às 17 horas, no museu municipal/Casa do Adro — LOURES.

Tapetes Orientais da colecção do Museu Gulbenkian — até 25/9, no Palácio Nacional — MAFRA.

Fotoponto («Dez exemplos de fotografia de autor em Espanha» e «Nouvelles figures/Homenagem a Philippe Chaveau») — de amanhã (22 horas) até 5 de Outubro, na cooperativa Avore (Rua Azevedo de Albuquerque, 1) — PORTO.

Luís Ralha (pintura) — Junta de Freguesia de Santiago — SESIMBRA.

Manuel San-Payo (pintura) — Centro Cultural Emmerico Nunes — SINES.

Gerda Winter (colagens em tecidos e pintura em mármore) — até 14/9, na galeria «O Outro Lado do Espelho» (Rua Dr. Alfredo da Costa, 14) — SINTRA.

Vitor Pomar (pintura) — Galeria Spatium e casa-museu Álvaro de Campos — TAVIRA.

Na fotografia a diferença (colectiva) — até 18/9, na galeria municipal de exposições — VILA FRANCA DE XIRA.

Bartolomeu Cid dos Santos (gravura integrada na VI Bienal Internacional de Arte — VILA NOVA DE CERVEIRA.

Teatro

O Cartaz

• LISBOA

Comuna, Praça de Espanha. De 3.ª a dom., às 21.45. **Maria! Não me Mates** que Sou tua Mãe!, de Camilo Castelo Branco, adapt. e encen. de Fernando Gomes.

Ritz Club, Rua da Glória, 57. De 3.ª a dom., 23.00. **Off-Broadway: Made in Brazil** (Brasil), espectáculo musical com texto e representação de Luiz Carlos Nino e com o concurso de 8 músicos.

Teatro ABC, Parque Mayer. De 3.ª a sáb., às 20.30 e 22.45; dom. às 21.30; sáb. e dom. também às 16.00. **Olha a Bolsa ó Zé**, de César de Oliveira/H. Santana/Gonçalves Preto, enc. de Paulo César.

Teatro Aberto, Pç. de Espanha. De 4.ª a sáb., às 21.30, dom. às 16.00. **A Nave Adormecida**, de Fernando Dacosta, encenação de Castro Guedes, pelo Novo Grupo.

Teatro Maria Matos, Av. Frei Miguel Contreiras, 3.ª, 4.ª e 5.ª às 21.30, 6.ª e sáb., às 20.00 e 22.30, dom. às 16.00 e 21.30. **Enfim Sós**, de Carlos Cruz. Mário Zambujal, José Duarte.

Teatro Variedades, Parque Mayer. De 3.ª a domingo às 20.30 e 22.45, dom. também às 16.00. **A Prova dos Novos!**, de H. Santana, F. Nicholson, A. Fraga, A. Nazareth Fernandes, enc. Maria Helena

Matos e Marina Mota.

Teatro Villaret, Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A. De 3.ª a dom. às 21.30, dom. também às 16.00. **Criada para Todo o Serviço**, enc. Armand do Cortez.

• ESTORIL

Cine-Teatro do Casino Estoril. 5.ª, 6.ª e sáb. às 21.30, dom. às 17.30. **Obrigado pelo Amor de Você**, de Edgard Neville, encenação de Gracindo Junior.

...e ainda

Música, debates, etc.

No fim-de-semana, naturalmente, temos o vasto programa da 12.ª Festa do «Avante!», de que se fala noutras páginas. Para quem, mesmo assim, não se dá por satisfeito, deixamos mais algumas sugestões.

Cinema

Reabriu a **Cinemateca Portuguesa**, na rua Barata Salgueiro (bilhetes a 150\$00, à venda uma hora antes do início de cada sessão): **Otto Preminger** — hoje, às 18.30, «Bunny Lake is Missing» («Desapareceu Bunny Lake»); às 21.30, «In harm's Way» («A primeira Vitória»); **David Byrne em filmes**: amanhã, às 18.30, «Stop Making Sense» (de Jonathan Demme, 1984, com os Talking Heads); às 21.30, «O Último Imperador»; dia 12, às 18.30, «Selvagem e Perigosa»; **William Faulkner em filmes**: dia 12, às 21.30, «To Have and Have Not» («Ter ou Não Ter»), e dia 13, às 18.30 «The Big Sleep» («A Beira do Abismo»), de Howard Hawks, com Humphrey Bogart e Lauren Bacall.

No **Forum Picoas** prossegue o ciclo «Sonoro Filmes» (sessões às 19.00 e 22.00, bilhetes a 200\$00, ou 150\$00 com cartão jovem): hoje e amanhã — «O ano do dragão»; dia 12 — «A Máscara»; dia 13 — «O Nome da Rosa».

O **Auditório Carlos Alberto**, no Porto, apresenta «Grandes nomes do cinema europeu» (sessões às 15.30 e 21.30): hoje — «O Navio», de Fellini; amanhã — «Decameron», de P.P. Pasolini. Na **Figueira da Foz** é tempo de festival.

Acampamento em Grândola

A Câmara Municipal e a Comissão de Jovens de Grândola organizam de 12 a 16



de Setembro, no parque de campismo da Galé, o Acampamento Regional de Juventude. A iniciativa destina-se a jovens dos 14 aos 25 anos residentes nos concelhos de Grândola, Alcácer do Sal, Santiago do Cacém e Sines. Haverá descida do Sado em canoa, jogos de praia, marcha de orientação, concertos, bailes. As inscrições devem ser feitas no sector de ju-

ventude da CM de Grândola e os portadores do «Passaporte Cultural» têm um desconto de 50 por cento.

O Índio, a Natureza e a Vida

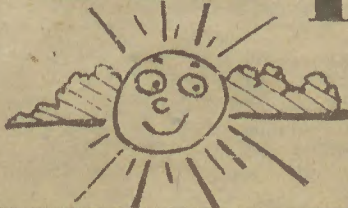
Na Fundação Gulbenkian prosseguem até dia 17 os **Encontros ACARTE**.

Além disso, às 3.ªs e 5.ªs o Centro Artístico Infantil da Gulbenkian organiza, no âmbito de um conjunto de actividades que terminam a 18 de Setembro (a 19 já há escola), visitas guiadas à exposição temática «O Índio, a Natureza e a Vida». As marcações para estas visitas em grupo devem ser feitas à segunda-feira, das 10 às 13, pelo telefone 735131.

(Previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica)

Tempo

Fim de Semana



Manutenção do tempo quente, embora com descida gradual da temperatura. Céu pouco nublado. No domingo o céu poderá apresentar-se temporariamente muito nublado e, localmente, é possível a ocorrência de trovoadas e aguaceiros.

a TV

O incêndio e o silêncio

Quase quinze dias são passados desde o pavoroso incêndio do Chiado. E até ao momento em que escrevo, nenhum debate se organizou na televisão para esclarecimento e contribuição para o apuramento de responsabilidades.

Debate necessariamente de carácter político. Porque não venham agora as forças políticas representadas na Câmara de Lisboa chorar lágrimas... de crocodilo. O povo português tem direito a saber quem, nos momentos em que se jogou a integridade com a estética da cidade, esteve a favor e esteve contra. Quem propôs a desfiguração, quem menosprezou o perigo, quem avançou com as destruições; quem concordou; e quem, frontalmente, sempre se opôs.

Ou seja, no fundo, quem vê no governo da cidade apenas um instrumento do poder pessoal e de manipulação partidária — e quem apenas busca a defesa da harmonia, da alma, e do corpo (já tão monumentalmente martirizado...) de Lisboa.

E quando se sabe que a CDU, a segunda força política da capital, foi arredada dos centros de decisão já se começa a vislumbrar a razão do silêncio em que se procura amortizar o incêndio do Chiado...

RTP e a guerra psicológica

O processo não foi inventado pela televisão. Leiam-se atentamente as instruções da guerra psicológica anticomunista e está lá tudo...

Por exemplo: Fazer realçar as dificuldades do inimigo; evitar a informação das suas qualidades e, sempre que tal não for possível, colocar sempre a tónica final incómoda para ele, de modo a que a «impressão residual» lhe seja desfavorável.

Reparemos, por exemplo, nos acontecimentos da Polónia. A informação foi sempre raramente objectiva, a interpretação foi sempre particularmente subjectiva, claramente tendenciosa. As vozes escutadas são conhecidas pelas suas posições e pelas suas simpatias. Não me digam que não há, neste país, um jornalista ou um comentador político que não alinhe pelo Walesa...

Vejamos os últimos avanços soviéticos no domínio espacial.

Reconhece-se que os Estados Unidos se encontram em franco atraso, coisa aí para dois anos. Um responsável americano é quem o diz. Di-lo com todas as letras. «Perdemos a corrida». Porquê? Ele também o diz: «Porque temos um governo burocrático e velho...» Ora toma!

Mas a RTP é mais papista do que o papa. Esperem aí, diz ele, esperem aí e já vão ver. Os Estados Unidos não tardarão a dar a resposta adequada.

Táctica: deslocação da realidade (supremacia soviética) para a esperança nas potencialidades dos Estados Unidos.

Estes psicólogos...

Assim se passam as coisas

Outra recomendação da «guerra fria»: é preciso minorar os nosso prejuízos ou os nossos desastres ou as nossas intenções.

Reparemos na informação da RTP.

As tropas inglesas na Irlanda do Norte cometem brutalidades? Bem, faz-se eco no **Telejornal**, «os soldados britânicos agem em defesa da lei»...

Pinochet assassina nas ruas de Santiago? Não é bem assim. Simplesmente o que sucedeu foi isto: a oposição manifestou-se na rua e daí resultou um morto. Se calhar o manifestante ia a correr, tropeçou e morreu. Seria isso?

Vejamos o caso de Nelson Mandela. Condenado a prisão perpétua, o facto não deixa de horrorizar as pessoas honestas.

Mas **Telejornal** esclarece por sua conta e risco: «Mandela foi condenado por conspiração contra o governo sul-africano»...

Também no que sucedeu a Allende, **Telejornal** informa que ele «morreu no assalto ao Palácio de La Moneda».

Ou seja, num determinado assalto, não se sabe de quem, Allende andava por lá quando, de repente, sem mais nem menos, sem ninguém lhe tocar, olha: morreu.

Assim se passam as coisas pela informação da RTP. Os exemplos podiam multiplicar-se. Se, depois disto, ainda vier algum patusco pôr dúvidas sobre a campanha antidemocrática da informação na RTP, de três coisas, uma: ou não vê televisão, ou é... patusco, ou é coisa pior.

Se não vê, é irresponsável.

Se é patusco, que o seja em privado.

Se é coisa pior... tanto pior.

■ **Ulisses**

Síntese semanal da IMPRENSA

Os semanários de sabichona objectividade e os comentadores auto-encantados da nossa praça chegam a Agosto e dá-lhes a morrinha. O sol e as férias aguem-lhes o talento e a verve, os estiraços ao sol substituem as tiradas em letra de forma. Mas as férias não duram sempre e a «rentrée», como eles gostam de dizer, atrai-os de novo para antigos temas. Um deles é o PCP, velha obsessão que mais uma vez «regressou» em cheio. Desta vez, imagine-se, oscilando entre o desaparecimento puro e simples e uma maquiavélica «presença empresarial» na vida económica do País!

O PCP «não existe»...

Na conferência de Imprensa dada após a última reunião do CC, Álvaro Cunhal não fazia outra coisa senão rir-se. Olha-se para aquele riso — excessivo, a despropósito, sem nenhuma distanciação — e percebe-se bem a crise do PCP. Primeiro, porque Cunhal nunca se riu assim, depois porque não tem nenhum motivo para se rir e ele sabe-o bem. As pernas que se mexiam nervosamente por debaixo da mesa diziam aquilo que o riso pretendia esconder.

A verdade é que o comunismo europeu está a desaparecer. Isso não significa que o comunismo em si esteja a desaparecer, nem que em muitos sítios e em muitas circunstâncias não esteja a melhorar significativamente as suas perspectivas (América Latina por exemplo). No entanto, na Europa, berço do movimento comunista nas suas formas e modelos tradicionais (o partido comunista mais as organizações de frente, mais os sindicatos comunistas, mais a larga corte de *compagnons de route*), a crise é claramente estrutural. Aliás, em muitos países, os partidos comunistas já praticamente não existem; noutros existem dois ou três partidos no mesmo terreno da ortodoxia; e, em todos eles, os indicadores apontam no sentido de uma rápida decadência e grupusculização. A crise económica dos anos 70, em boa teoria um maná para os comunistas, foi-lhes mortífera. Tornou-se patente que os comunistas não têm nenhuma outra solução para sociedades complexas e plurais, que não seja torná-las mais simples e menos plurais e que isso só se consegue pela força, pela simplificação dos espíritos e pela instauração do conflito como meio de varrer as diferenças e destruir a riqueza em nome da sua distribuição.

O comunismo português faz parte dos menos europeus dos comunismos da Europa e por isso a crise demorou um pouco mais a chegar, mas chegou. No entanto, a crise do comunismo português assume aspectos de interesse não só para a compreensão do que foi o papel do comunismo na história portuguesa contemporânea, como também como revelador de alguns aspectos da nossa ecologia política.

O principal traço caracterizador do comunismo português e o seu mais forte factor de identidade é aquele que vem da experiência clandestina. O PCP detém o recorde europeu de clandestinidade — 48 anos seguidos sem interrupção —, e isso mais do que qualquer outra coisa moldou o partido. A clandestinidade foi o principal factor de selecção do grupo dirigente e deu-lhe uma estabilidade e homogeneidade ímpar. O mesmo processo moldou toda a organização e

determinou os critérios de recrutamento, promoção e atribuição de responsabilidades. Por fim, a clandestinidade «fez» a cultura do partido, determinou-lhe os valores simbólicos e deu-lhe identidade. Com excepção da Irlanda (onde o IRA criou uma cultura semelhante) e do período curto da Resistência na II Guerra Mundial, não há paralelo na história política europeia de tão grande importância do factor clandestino. As consequências para a história recente do partido são determinantes.

(«Semanário», 3 de Setembro)

(...existe «assim assim»...)

Ao contrário do que aconteceu em edições anteriores, a direcção do PCP teve este ano de recorrer a serviços especializados de diversas empresas privadas para montar as infra-estruturas no recinto onde se realizará, no próximo fim-de-semana, a Festa do «Avante!».

Fontes próximas da comissão organizadora revelaram ao «Expresso» que o recurso a uma solução desta natureza ficou a dever-se, em primeira análise, à circunstância de muitos militantes do partido terem deixado de prestar o seu tradicional contributo a iniciativas deste género, traduzido em milhares de horas de trabalho voluntário e gratuito.

Responsáveis do PCP consideravam, de resto, ser esta uma das características basilares em que assentava a festa comunista, e que Álvaro Cunhal sempre enalteceu com orgulho nos diferentes discursos de encerramento.

Não obstante serem empresas profissionais a tomarem conta dos trabalhos que ainda decorrem nos terrenos de Loures, verifica-se — segundo as mesmas fontes — um atraso significativo na construção e arranjo dos pavilhões, pelo que é de prever a simplificação e até mesmo a exclusão de alguns projectos que haviam sido idealizados.

«Esta será a festa do nosso descontentamento» — ironizou um membro do Comité Central, recusando-se, porém, a considerar que a diminuição da participação voluntária nos trabalhos do recinto da Festa se deva a uma quebra de militância. De acordo com a opinião deste dirigente, que pediu o anonimato, serão «as férias e porventura uma certa fraternidade comunista que se perdeu nos últimos tempos, as causas que estarão por detrás de uma acentuada deserção das bases» (...)

O «Expresso» apurou, entretanto, que logo após a Festa do «Avante!» deverão ser conhecidas tomadas de posição crítica de destacados militantes quer da área do chamado «grupo dos

seis» quer dos círculos próximos da denominada «terceira via».

A troca de impressões entre ambas as partes terá já conduzido à convicção de que se encontra comprometida a realização em condições democráticas do Congresso do partido, marcado para o próximo mês de Dezembro. (...)

Embora o CC tenha decidido que as teses a submeter ao Congresso devam ter uma primeira redacção ainda antes da realização da Festa do «Avante!», a verdade é que, segundo a mesma fonte, a sua elaboração sofreu numerosos atrasos devido à ausência de responsáveis de sectores.

Este facto, na opinião do mesmo interlocutor, «não contribui, de maneira nenhuma, para corroborar a imagem de dinamismo que Álvaro Cunhal procurou evidenciar na conferência de imprensa» subsequente ao último plenário do CC, cujos termos se espera que retome no seu tradicional discurso de encerramento da Festa.

No entendimento do dirigente do PCP que falou ao «Expresso», «esse discurso corre seguramente o risco de desencantar toda a gente: será evasivo quanto à sucessão; indiferente aos ventos da liberdade da expressão soprados pela «perestroika»; e repetitivamente implorante em relação aos sectores mais críticos do partido».

(«Expresso», 3 de Setembro)

... existe «até de mais»!

O Partido Comunista Italiano controla uma rede de supermercados e casas de espectáculos. O francês financiou-se durante décadas à custa de empresas que serviam de intermediárias no comércio com o Leste. E o PCP? Será excepção neste panorama?

Apesar de algumas originalidades à portuguesa, pode dizer-se que algo de semelhante se verifica entre nós. Por outras palavras: há uma área empresarial afectada aos comunistas portugueses.

Como em tudo, há um centro, uma periferia e uma zona de transição. O centro é aquilo que poderíamos designar por prolongamento do aparelho ideológico. São fundamentalmente empresas ligadas à Comunicação Social e à cultura. Seguem-se, por ordem crescente de afastamento, empresas de consultoria, autárquica ou actuando na área do comércio com o bloco soviético. Mais longe ainda, firmas criadas por militantes ou técnicos com laços ao Partido, que remontam a 1975 e vocacionadas para a actividade na África de expressão oficial portuguesa. De uma forma ainda mais ténue é, apesar de tudo, possível detectar algumas afinidades num dos grupos empresariais de maior sucesso dos últimos anos: a FNAC.

De 1974 a 1976, um primeiro grupo de empresas vai surgir no sector da Comunicação Social e também dos intermediários no comércio Leste-Oeste. O primeiro surge na sua quase totalidade logo no pós-25 de Abril e resulta em firmas de razoável dimensão. O segundo corresponde a empresas relativamente pequenas, e surge na sua quase totalidade em 1976.

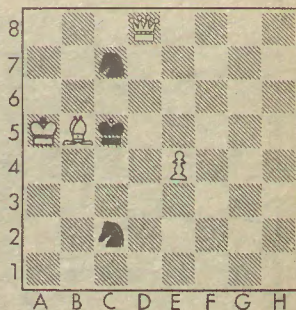
(«Independente», 2 de Setembro)

Xadrez

CLXX — 8 de Setembro de 1988

Proposição n.º 170

Por: J. Clautier, «Courrier des Échecs», 1976



Pr.: [3]: Cs. c2, c7 — Rc5
Br.: [4]: Pe4-Bb5-Dd8-Ra5
Mate em dois lances

Jogo n.º 170
Linares, 1988

Br.: A. Beliavski
Pr.: M. Chandler
1. d4, Cf6; 2. Cf3, d5; 3. c4,d:c4; 4. Cc3, e6; 5. e4, Bb4; 6. Bg5, c5; 7. e5,c:d4; 8. Da4+, Cc6; 9. 0-0-0, h6; 10. e:f6,h:g5; 11. f:g7, Tg8; 12. Cc4, Bc7; 13. h4,g:h4; 14. Cd4, Bd7; 15. C:c6, b:c6; 16. D:c4, T:g7; 17. Dd4, Tg8; 18. Th3, Tb8; 19. Dc5, Tb7; 20. Ba6, Tb6; 21. Tfd3,f5; 22. T:d7, D:d7; 23. T:d7,R:d7; 24. Cf6+, B:f6; 25. D:f6, Tg4; 26. Df7+, Rd6; 27. Bc8, Tc4+; 28. Rb1, Tc4; 29. Dd7+, Rc5; 30. D:a7, f4; 31. a4, Tb4; 32. Dc7+, Rc4; 33. Bc6+, Rd3; 34. Rc1, Rb2; 35. D: h4 1-0 (Br. ganham).

Solução do n.º 170

Chave: 1. Dd2! blocus!
1.... Cc2; 2. Db4+
1.... Cc7; 2. Dd5+

A. de M.M.

Damas

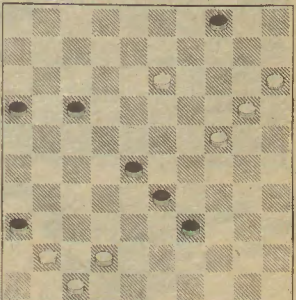
CLXX — 8 de Setembro de 1988

Proposição n.º 170

Por: Germain Avid, França 1986

Pr.: [7]: 4-16-17-28-33-36-39

Br.: [7]: 13-15-20-24-41-42-47



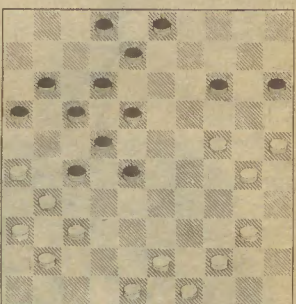
Jogam as brancas e ganham

Golpe n.º 170

Campeonato da Europa-Moscou, Dez. 1987

Pr.: B. Clerc [13]: 2-3-8-11-12-14-15-16-17-18-22-27-28

Br.: Modzgrichvili [13]: 24-25-26-30-31-36-37-40-41-43-44-48-49



Jogam as pretas e fazem dama

Soluções do n.º CLXX

Miniatura n.º 170 (G.A.): 15-10 (4x15); 42-38 (33x42); 47x38 (36x47); 38-33 (47x29); 24x11 (15x24); 13-8 (16x7); 8-2+

Golpe n.º 170 (B.C.): (28-32); 37x28 (22x33); 31x13 (8x19); 24x13 (33-38); 43x32 (12-18); 13x22 (17x46=D)+

A. de M.M.